

Do mesmo autor do best-seller ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?



A História Está Errada

**ERICH VON
D'ÄNIKEN**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



A HISTÓRIA ESTÁ ERRADA

ERICH VON DÄNIKEN

Tradução Silvia Sarzana

Editora Ide@

2010

Sumário

[LIVROS MISTERIOSOS](#)

[DESMASCARANDO OS CHARLATÃES](#)

[CIÊNCIA NATURAL EM NAZCA](#)

[PÓS-FÁCIO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

LIVROS MISTERIOSOS

UMA QUESTÃO INCOMUM

Minha pesquisa levou apenas uns dois dias. Comecei com minha esposa, a menina dos meus olhos, e continuei com o pessoal do escritório. Fazia a todo mundo a mesma pergunta. Depois perguntei a alguns de meus parentes e, finalmente - sentindo-me um pouco mais animado - até à pessoas desconhecidas em um restaurante. “Desculpe-me. Posso lhe fazer uma pergunta?” Eu era educado - como se deve ser - muito embora muitas pessoas perplexas franzissem as sobrancelhas, aparentemente se perguntando: Que diabos este cara quer? Mas, no final, fiz a pergunta a uma centena de pessoas e isso foi suficiente.

“Você já ouviu falar do Manuscrito Voynich?”

“Do quê?”

Em cem pessoas, apenas uma já tinha ouvido falar do Manuscrito Voynich e, mesmo assim, não sabia nada relevante. Manuscrito Voynich? Não foi publicada alguma coisa a este respeito na revista P. M., na Alemanha? É alguma organização secreta? Voynich? Voynich? Contudo, há inúmeras páginas sobre esse manuscrito na Internet, como, por exemplo, em www.voynich.nu, um site que fornece também inúmeros outros links para outras fontes. Centenas de tratados já foram escritos a respeito do Manuscrito Voynich, tanto por cientistas quanto por acadêmicos, incluindo livros - um dos melhores é o de bretões Kennedy e Churchill: The Voynich Manuscript. . Ele contém toda a história deste documento desconcertante e maluco, incluindo muito da especulação e tentativas de decifrar o texto.

Honestamente falando, tudo o que poderia ser escrito a respeito desse manuscrito já foi escrito. Assim, não há sentido em repeti-lo aqui. Não obstante, ainda há alguns espaços em branco no mapa mundial do conhecimento sobre o Voynich - interconexões que eu nunca encontrei em qualquer literatura sobre ele. Nossa maneira de pensar - assim acreditamos - caracteriza-se pela lógica e pela informação. Na realidade, somos apenas como os versos de um livro enorme, do qual não conhecemos nem mesmo as primeiras 1.000 páginas. Estamos vivendo uma única página e, em termos de toda a composição, não conhecemos o vocabulário e nem mesmo o alfabeto. A razão atual não consegue aceitar a razão do passado. E, ao dizer isto, volto-me para as pessoas que permaneceram inteligentes, mesmo que façam parte da Academia. Meus leitores não podem terminar como as cem pessoas às quais fiz a pergunta

anteriormente. Assim, por essa razão, gostaria de lhes falar um pouco sobre o incrível Manuscrito Voynich.

O HOMEM POR TRÁS DO MANUSCRITO

Em 31 de outubro de 1865, na cidade de Telsiai, na Lituânia, a família Wojnicz foi abençoada com o nascimento de um filho. Os registros mostram que eles o batizaram com o nome de Michal, mas, posteriormente, ele o mudou para Wilfryd. Seu pai tinha um cargo no governo e o enviou, primeiro, para a escola e, depois, para a universidade, em Moscou, onde ele estudou química e graduou-se como farmacêutico. O jovem tornou-se politicamente ativo, envolvendo-se com o movimento nacionalista polonês, que estava lutando para libertar a Polônia dos russos. Ele se juntou a um grupo de jovens ativistas, que tentavam salvar da execução dois de seus companheiros. Isso levou à sua prisão, em 1885, e encarceramento na solitária, em uma prisão de Varsóvia. No verão de 1887, Wilfryd ia ser transferido para um campo de prisioneiros na Sibéria. Mas, de algum modo, ele conseguiu fugir e foi - não se sabe muito bem como - para Londres, onde ressurgiu três anos depois.

Vivendo no subúrbio de Chiswick, em Londres, reuniu-se a um grupo de fanáticos ingleses e russos exilados no final do reinado do czar. Publicavam uma revista revolucionária chamada Rússia Livre, que Wilfrid Voynich (tendo anglicizado o seu nome) vendia nas ruas. Com a ajuda de sua namorada, Ethel Boole, trabalhou até se tornar gerente de uma pequena livraria. Em setembro de 1902, eles se casaram - não puramente por amor, mas parcialmente por conveniência — pois Wilfrid desejava assumir a nacionalidade britânica e ele só podia fazer isso se casando com uma cidadã britânica.

Voynich levou uma vida cheia de altos e baixos, e tinha permanentemente pouco dinheiro. O Sr. e a Sra. Voynich começaram a contrabandear livros proibidos para a Rússia, e Wilfryd vivia sempre com medo de se tornar vítima de um ataque político. Assim, ele viajava sob uma série de pseudônimos, dependendo do país para onde ia - e com quem ia. Ao voltar para Londres, abriu uma livraria-antiquário, começando a comprar livros e manuscritos antigos. A loja logo se tornou um tesouro caótico, cheia de pergaminhos exóticos e material impresso ao longo dos séculos. A partir da descoberta do “mais misterioso livro do mundo”, Voynich declarava que ele o tinha descoberto em um velho castelo no sul da Europa. O manuscrito ricamente colorido tinha permanecido oculto em um cofre sem que ninguém soubesse de sua existência. A obra inteira foi escrita em pergaminho e ilustrada com inúmeros desenhos coloridos, e ele imediatamente suspeitou que ela tivesse sido produzida lá

pela metade do século XIII. Desde aquela época, a obra ilegível ficou conhecida como O Manuscrito Voynich.

O QUE ACONTECEU DEPOIS

Pouco depois da morte de Voynich (em 19 de março de 1931), descobriu-se que sua alegação de ter encontrado o manuscrito em um “antigo castelo” era falsa. Wilfrid tinha feito um testamento no qual deixou o manuscrito para sua esposa, Ethel, e para sua secretária, Anne Nill. Após a morte de Ethel, Anne Nill tornou-se a única herdeira do manuscrito Voynich, e ela confessou, em uma carta, que só poderia ser publicada após sua morte, que Wilfrid tinha encontrado o manuscrito em 1912, num antigo colégio jesuíta, em Villa Mandragone. Este local foi um centro de treinamento jesuíta e possuía uma impressionante coleção de velhos manuscritos da biblioteca do Colégio Romano. Em 1870, os jesuítas temiam que os soldados de Vitério Emanuel pudessem saquear a biblioteca para obterem um pouco de dinheiro, de modo que a coleção foi transferida para a Villa Mandragone, em Frascati, norte de Roma. Foi aí que Wilfrid descobriu o manuscrito, enquanto fazia uma busca minuciosa pelas redondezas num velho caminhão. Os jesuítas precisavam de dinheiro para o trabalho de restauração de seu prédio em ruínas, e os irmãos prontamente ofereceram ao livreiro de Londres caixas cheias de manuscritos amarelados. Voynich comprou 30 volumes antigos e os jesuítas, que se achavam astuciosos, nunca perceberam o tesouro que tinham empurrado para as mãos de Wilfrid Voynich.

Para um antiquário como ele, que regularmente lidava com pilhas e pilhas de textos antigos, o curioso pergaminho multicolorido dentro do pesado caminhão marrom escuro deve ter chamado a atenção. Mas o que verdadeiramente o surpreendeu foi uma carta que encontrou presa entre a capa e a primeira página. Esta carta, em latim, tinha sido escrita por um certo “Johannes Marcus Ma rei de Cronland”, em Praga, datada de 19 de agosto de 1666. Estava endereçada a seu amigo Athanasius Kircher e explicava que estava enviando a ele uma obra que ninguém conseguia ler. Se alguém conseguisse decifrar o texto, escreveu ele, essa pessoa seria Athanasius. Sobre a origem do manuscrito, Marci escreveu:

Dr. Raphael, tutor em idioma boêmio de Ferdinand III, então Rei da Boêmia, me disse que o livro tinha pertencido ao Imperador Rudolph e que este tinha presenteado o seu portador com 600 ducados. Ele acreditava que o autor fosse Roger Bacon, o inglês.

É aí que a história começa a ficar complicada. O Imperador Rudolph II, coroado em

1576, foi um homem melancólico, atormentado por dúvidas e enganos, que acreditava muito em astrólogos e magos, patrocinando-os com doações em dinheiro. Naquela época, Praga, a capital de Rudolph, era um centro de sociedades secretas, alquimistas e ocultistas. Praga era a cidade do golem, uma cidade onde o Apocalipse (a “revelação secreta” que segue os quatro evangelhos do Novo Testamento) era assunto freqüente nas conversas diárias. O Manuscrito Voynich ajustou-se mais do que bem a esse período, pouco antes do irrompimento da Guerra dos Trinta Anos, bem como sendo algo que deve ter tido grande apelo na corte de Rudolph II. Infelizmente, Marci observou ainda que, em sua carta a Athanasius, o Imperador Rudolph também acreditava que o manuscrito era obra de Roger Bacon.

A CONEXÃO BACON

Esta “dica quente” deve ter eletrificado Wilfrid Voynich, pois Roger Bacon (1214-1294) era considerado por muitos como gênio universal. Bacon tinha estudado em Oxford e lecionou filosofia em Paris. Foi autor de inúmeras obras, tais como *Opus maius*, *Opus minus*, *Opus tertium*, e uma enciclopédia fenomenal. Bacon estava à frente de seu tempo. Escreveu sobre navios do futuro, que poderiam ser direcionados sem um leme e que poderiam ser operados por um único homem. Escreveu também sobre veículos de batalha, que poderiam se mover sozinhos com incrível poder. Também falou algumas coisas sobre voar já naquele ano de 1256: “Máquinas voadoras (*instrumenta volandi*) serão construídas... serão fabricadas antes de um tempo e é certo que o homem terá um instrumento para voar”. Bacon, que também criticava a autoridade moral da Igreja, viveu em tempos perigosos. Depois da publicação de sua obra final, *Compendium studii Theologiae*, foi nomeado Doutor Mirabilis por seu conhecimento lingüístico e científico. Aparentemente para demonstrar sua obediência, juntou-se à Ordem Franciscana, mas muito rapidamente entrou em conflito com seus superiores e acabou sendo colocado sob prisão monástica.

Será que é este mesmo Roger Bacon que se supõe seja o autor do Manuscrito Voynich? Não há prova disso, mas tal possibilidade não pode ser completamente excluída. Um livro do alcance do Manuscrito Voynich, porém, teria sido provavelmente um desafio muito grande - mesmo para alguém tão talentoso quanto Roger Bacon. Afinal, ele contém um alfabeto completamente novo, que desafia toda a lógica; contém também ilustrações coloridas de plantas e utensílios que existem hoje no mundo. Por outro lado, Bacon certamente deve ter tido acesso a certos textos antigos; de outro modo, dificilmente ele poderia ter falado sobre máquinas voadoras clássicas em seu tratado sobre “artes secretas”. Esse tipo de aparelhos

voadores foi, de fato, frequentemente mencionado em documentos antigos. Os anais contam a história do rei chinês Cheng Tang, que possuía “carros voadores”, que não eram produzidos por seus próprios operários, mas vinham de um povo distante chamado Chi Kung. Esta raça vivia a 40.000 Li “além do portão de jade”. Onde quer que fosse tal lugar, devia situar-se a pelo menos metade do diâmetro do planeta, já que 1 “Li” corresponde a 644,40 metros. (Assim, 40.000 Li corresponde a mais de 25.000 quilômetros!) Palavra por palavra, o povo Chi Kung era assim descrito:

Eles conseguem mesmo construir carros voadores que, com vento bom, podem cobrir grandes distâncias. Na época de Tang (por volta de 1760 a.C.), o vento oeste trouxe tal carro a Yu-Chou (Honan), onde Tang o destruiu, porque não queria que seu povo visse tal coisa.

O cronista chinês Kuo P’o (270-324 d.C.) partiu de onde seus ancestrais pararam e escreveu: “A intrincada obra do fabuloso povo Chi Kung é verdadeiramente admirável. Junto com o vento, estenderam seus cérebros e inventaram um carro voador, que, subindo e descendo, dependendo do caminho, trazia convidados até Tang”. Máquinas voadoras como essas, embora hoje possam nos parecer um tanto bizarras, foram preservadas em desenhos e murais. O rei Cheng Tang escondia de seus súditos estas máquinas voadoras antigas. Seu “engenheiro-chefe” Ki Kung Shi até tentou reproduzir um dos carros celestiais, mas a monstruosidade voadora foi posteriormente destruída para proteger para sempre os seus segredos. Desarmamento na Antiga China! Em sua obra Shang hai ti-shing, o cronista Kuo P’o fala de várias ocorrências acontecidas naquela época. Seus escritos não apenas incluem relatos sobre os carros voadores, mas também descrevem tal maquinaria. Meu pequeno desvio para a aviação antiga tem motivo. Será que Roger Bacon conhecia textos como estes? Aqueles familiarizados com meus livros sabem que carros voadores aparecem em incontáveis tradições históricas, porém, ninguém presta atenção nelas. O rei hindu Rumanvat, que reinou há muitos milhares de anos, tinha até uma nave, na qual muitos grupos de pessoas podiam ser transportados de uma só vez. Nos épicos hindus Ramayana e Mahabharata, há mais de 50 passagens que claramente descrevem máquinas voadoras, e no etíope Kebra Negast, o Livro da Glória dos Reis, a descrição do carro voador do Rei Salomão até inclui detalhes de velocidades elevadas! E assim por diante! Aqueles que não conhecem estes textos antigos sobre aviação deveriam ficar calados. A mim, parece que Roger Bacon precisava conhecer pelo menos uma dessas fontes antigas - e, por essa razão, não calou a boca de jeito nenhum.

Todas essas antigas tradições literárias de épocas passadas têm um grande problema (além de muitos outros): apenas um punhado de gente conhece os textos. E, acima de tudo,

milhares de livros do passado não mais existem. A grande biblioteca de Alexandria desapareceu nas chamas em 47 d.C. e, novamente, em 391 d.C. O mesmo aconteceu com as bibliotecas de Jerusalém, Pergamon e muitas outras cidades da Antiguidade foram saqueadas em guerras, e quando a América Central foi conquistada pelos soldados da cruz, os monges - em seu sagrado fervor - queimaram milhares de manuscritos escritos pelos maias e astecas. Todo esse conhecimento antigo simplesmente desapareceu na fumaça! Onde estão os originais de textos como Enoch, Salomão, Manethos e outros semelhantes? Onde estão as obras originais sobre a Atlântida? Minha pequena viagem pelo abismo do tempo revela uma sociedade insípida e ignorante, que julga tudo como se realmente soubesse de tudo.

FORA DOS ESTADOS UNIDOS

Seguindo seu excitante achado na Villa Mandragone, em Frascati, Wilfrid Voynich viajou para os Estados Unidos, em novembro de 1914. Abriu uma pequena livraria-antiquário, fez palestras públicas e também para círculos privados. Uma pessoa ficou particularmente impressionada com o manuscrito, o filólogo William Newbold, professor de Filosofia Intelectual e Moral da Universidade da Pensilvânia. Em 1919, o Professor Newbold iniciou uma tentativa de decifrar o texto, muito embora tivesse acesso apenas a algumas poucas páginas do manuscrito. Ele rapidamente desenvolveu uma teoria de que o Manuscrito Voynich continha caracteres microscópicos, que seriam revelados apenas sob um aumento extremo. Em uma palestra datada de 20 de abril de 1921, Newbold disse que era capaz de traduzir o texto. Infelizmente para ele, ele também acreditava que o manuscrito havia sido escrito por Roger Bacon. Dez anos depois, a decifração de Newbold foi definitivamente desmascarada. Não há caracteres ocultos no Manuscrito Voynich e a tradução de Newbold era apenas o pensamento ansioso de um acadêmico que gostaria imensamente de se tornar parte da História.

Wilfrid Voynich precisava desesperadamente de dinheiro. Estabeleceu para o manuscrito o preço de 160.000 dólares e não estava disposto a negociar. Deixaram-no sentado segurando uma pilha de manuscritos coloridos de herança incerta, que ninguém conseguia ler e ninguém queria comprar - um manuscrito, não nos esqueçamos, com uma capa branca, sem título e sem autor. Ele deixou o manuscrito para sua esposa, Ethel, e para sua secretária, Anne Nill. Após a morte de Ethel, Anne Nill finalmente vendeu o manuscrito para um negociante de livros antigos de Nova York, Hans Peter Kraus, por 24.500 dólares. Kraus, então, colocou no manuscrito aquele mesmo preço que Voynich tinha colocado, 160.000

dólares, e também não queria barganhas. Em 1969, Kraus finalmente doou o manuscrito para a Universidade de Yale, onde permanece até hoje, na Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros, catalogado sob o número “MS 408”.

UM DESAFIO CRIPTOGRÁFICO

Por aproximadamente 80 anos, inúmeros especialistas tentaram elucidar o quebra-cabeça Voynich, incluindo alguns dos melhores criptógrafos do mundo, que usualmente não teriam o menor problema para quebrar qualquer código. Esses especialistas analisaram a frequência dos glifos, compararam-nos com textos manuscritos do século XIII, tentaram separar vogais de consoantes. Tudo em vão. Ulli Kulke, um correspondente científico do jornal alemão Die Welt, fez a cobertura de uma das mais recentes tentativas. Ele relatou como o britânico Gordon Rugg, cientista da computação, tentou usar técnicas do século XVI para demonstrar que o manuscrito era falso. Rugg usou uma tabela com 40 linhas horizontais e 39 colunas, contendo vários agrupamentos de caracteres do Voynich. Depois, usou uma grade Cardan com três buracos, que era movida sobre a tabela para exibir combinações destes caracteres. “O resultado foi uma linguagem inarticulada sem qualquer significado, mas com a mesma estrutura interna do texto original.”

O manuscrito Voynich, porém, consiste em muito mais do que simples sílabas ou “letras” indefiníveis. Há também os desenhos coloridos, colocados à esquerda ou à direita das páginas de pergaminho, freqüentemente colocados no meio do texto, como se estivesse descrevendo as ilustrações. Assim, a pergunta que viria a seguir para os especialistas tem de ser: o manuscrito foi realmente inventado? É uma falsificação ou um devaneio doloso do tipo que surge em uma clínica psiquiátrica? Em seu excelente livro sobre o Manuscrito Voynich, Kennedy e Churchill examinam cuidadosamente as mais bem estabelecidas teorias da falsificação, sem encontrar qualquer resposta conclusiva. Tudo isso foi apenas algum tipo de delírio religioso, uma torrente de vozes celestiais - se você preferir - rabiscadas sobre o pergaminho por algum fanático delirante pego nas garras do êxtase? Pode ter acontecido. Será que algum gênio ou maluco repentinamente decidiu “agora, deixarei aos pesquisadores do futuro um enigma que eles nunca serão capazes de elucidar”? Será Roger Bacon, imenso conhecedor das Eras passadas, quem realmente estava por trás disso? Bacon nunca teria produzido qualquer coisa que fosse indecifrável. Para ele, teria sido suficiente que seus críticos, até mesmo o próprio Papa, fossem incapazes de ler o texto. Ele teria querido que seus amigos conhecessem a chave de decodificação. Mas isso significaria que haveria algum

tipo de sistema oculto em algum lugar do texto. Os criptógrafos atuais podem quebrar praticamente qualquer código - especialmente com o poder computacional a eles disponível hoje - mas apenas se o texto estiver baseado em uma certa quantidade de simetrias ou tenha um estrutura lógica particular. Esta lógica está completamente ausente do texto Voynich. Ou será que Bacon copiou o manuscrito Voynich de alguma fonte antiga que lhe pareceu ser importante, mesmo que não conseguisse entender uma palavra? Será que, talvez, as palavras e ilustrações são obra de alguma intenção mística para obter do rei Rudolph II os 600 ducados? Isso era uma fortuna naqueles dias. Ou - e esta é a idéia imposta - foi o próprio Voynich o falsificador? Não é segredo que ele viveu permanentemente além de suas posses e estava sempre precisando de dinheiro. Um de seus contemporâneos o descreve como “capaz e dinâmico, mas insuportavelmente grosseiro e arrogante”. Contudo, o próprio Voynich não pode ser um candidato, pois se demonstrou que o manuscrito definitivamente existia antes de 1887.

VELHO, MAS QUANTO?

Afinal, para que servem os modernos métodos de datação? O Manuscrito Voynich consiste de folhas de pergaminho sobre as quais constam escritos e desenhos impregnados de tintas e cores. Tanto o papel quanto as tintas são orgânicos, significando que podem ser datados pelo carbono-14. A datação pelo radiocarbono é um processo que mede a quantidade de decaimento do isótopo carbono 14. Após 5.600 anos, metade da quantidade original de carbono-14 se perde; após 12.600 anos, três quartos, e assim por diante. O método não é 100% garantido, pois assume um nível constante de carbono-14 atmosférico. Porém, a quantidade de carbono no ar realmente flutua muito consideravelmente. Além disso tudo, o carbono-14 não é especialmente confiável para artefatos que têm apenas alguns séculos de idade. E, finalmente, o atual proprietário do manuscrito, a Universidade de Yale, tem se recusado constantemente a disponibilizar o documento para datação - e por uma boa razão. Em 1965, a Universidade de Yale adquiriu o assim chamado Mapa Vinland, um mapa-múndi em pergaminho, mostrando uma grande ilha a oeste da Groenlândia, exatamente na localização atual da Terra Nova. Se for genuíno, provaria que os vikings descobriram a América do Norte. Em 1971, porém, durante uma análise química da tinta usada no mapa, uma equipe de cientistas descobriu que ela continha uma substância química que só passou a ser utilizada nas tintas a partir do século XX. Isso significava que o mapa tinha de ser uma fraude. Supostamente. Testes posteriores, que foram realizados em vários intervalos de

tempo até 1995, forneceram resultados conflitantes com datações controversas. A disputa até hoje não foi resolvida. Por esta razão, a Universidade de Yale declinou da datação do Manuscrito Voynich usando o método do C-14.

Mesmo que fosse possível datar o manuscrito, isso ainda não poria um fim à controvérsia, pois a questão da proveniência do texto permanece. Para tornar isto mais claro: todo devoto cristão acredita que a Bíblia contém a palavra de Deus e, no que se refere aos Evangelhos do Novo Testamento, a crença popular é de que os companheiros de Jesus de Nazaré escreveram tudo o que o mestre disse ou fez, numa espécie de crônica contínua, e a tais crônicas foi dado o nome de “urtextos”.

De fato, nada disso é verdadeiro. Frequentemente citados e em termos de rabulária teológica, os textos originais muito férteis nem mesmo existem. O que realmente temos nas mãos? Cópias que foram exclusivamente produzidas entre os séculos IV e X, após a morte de Cristo. E essas cópias - cerca de 1.500 delas - são em si mesmas cópias de cópias, e nem mesmo uma única delas concorda completamente com qualquer uma das outras. Foram contadas mais de 80.000 (sim, oitenta mil) divergências. Não há uma única página desses textos que não contenha uma ou outra contradição. Cada nova edição era mais a interpretação do autor em relação aos versos originais do que uma cópia direta, e além disso, era adaptada para satisfazer as necessidades de cada época. No processo, esses textos bíblicos amontoaram milhares de erros facilmente verificáveis. O mais conhecido de tais textos, o Codex Sinaiticus - semelhante ao Codex Vaticanus, escrito no século IV - foi encontrado, em 1844, no Mosteiro de Santa Catarina, aos pés do Monte Sinai. Ele contém não menos de 16.000 correções (dezesesseis mil), que foram atribuídas à pelo menos sete editores diferentes. Algumas partes do texto foram repetidamente corrigidas e substituídas por outro pedaço do texto original. O Professor Friedrich Delitzsch, grande especialista, encontrou 3.000 erros de cópia no texto.

O que tudo isso tem a ver com o Manuscrito Voynich? Vou explicar. Vamos assumir que o texto e as imagens sejam antigos. O conteúdo foi copiado em pergaminho por algum eremita sem qualquer alteração em relação ao original - porque naquela época ninguém tinha a menor idéia do assunto realmente tratado no texto. Talvez se acreditasse que era um texto sagrado ou outro saber, que só poderia ser lido por iniciados, ou ainda num futuro distante. A única coisa importante para os diligentes copistas era a preservação do conteúdo original para as gerações futuras, talvez porque o manuscrito existente tivesse sido comido por traças e estava começando a deteriorar. Se este foi o caso, então o manuscrito não teve um autor.

Mesmo que o pergaminho e a tinta tivessem apenas 200 anos, a idade do conteúdo original permaneceria um mistério. É possível que uma tentativa de decifração bem-sucedida abra um precipício no conhecimento antigo que mudaria o mundo (na medida em que o zeitgeist permita que seja mudado!). David Kahn, um criptólogo americano, prevê: o Manuscrito Voynich poderia ser descrito como uma bomba que explodirá no dia em que for decodificado.

CURIOSIDADES

No que se refere ao conteúdo do Manuscrito Voynich, há muito pouco a ser dito. O teor e as ilustrações do texto são um caso a parte. Pode-se, em certa extensão, classificar grosseiramente o texto em categorias. As folhas de 2 a 66 apresentam plantas, flores e emaranhados confusos de raízes. Sempre acompanhadas pelo texto.

As folhas seguintes, de 63 a 73, são preenchidas de representações astronômicas de estrelas, do sol, da lua, de possíveis signos do zodíaco e mulheres nuas repousando ao redor de banheiras, fazendo bolhas em aberturas semelhantes a tubos.

As dez páginas seguintes fornecem pouco quanto a pistas visíveis. Não consigo me livrar da impressão amadorística de que retratam algum tipo de spa ou “fonte da juventude”, pois as mulheres retratadas parecem estar saindo de algum tipo de líquido colorido. O restante é uma mistura indecifrável de estrelas de vários tamanhos e cores, e no meio há alguma coisa que se assemelha a um amuleto e a flores radiantes. Trinta e três folhas possuem apenas texto de linhas ilegíveis. O próprio manuscrito é composto de pergaminhos de tamanhos diferentes, a maioria dos quais com cerca de 23 x 15 centímetros. Curiosamente, as páginas estão numeradas num estilo típico daquele usado no século XVI. Quem quer que tenha sido o autor ou escriba, parece estar familiarizado com os números daquela época. As curvas e traços, embelezamentos remanescentes da taquigrafia, e laços semelhantes a “g” e “o” não parecem comparáveis a qualquer alfabeto conhecido, pelo menos do grego, do latim e mesmo do cirílico antigos. Apesar disso, quanto mais lido com o texto, mais sinto que já vi algo semelhante num canto da Terra completamente diferente. A história está dando cambalhotas e talvez minha pequena contribuição possa, de algum modo, ajudar os criptógrafos a resolver o enigma.

ARTEFATOS NO EQUADOR

No Equador, o quente país tropical cortado pela linha equatorial, na América do Sul,

há uma pequena cidade chamada Cuenca. Há ali uma igreja de nome Maria Auxiliadora. Durante 50 anos, a Diocese Católica foi cuidada por um certo Padre Carlo Crespi.

Ele gozava da reputação de amigo dos índios, e mesmo durante sua vida o povo de Cuenca considerava-o santo. Padre Crespi morreu em 1982, e o povo da cidade construiu um monumento em seu nome, que todos os dias, até hoje, recebe flores. O que havia de tão especial neste padre? Ele ouvia os índios por horas, ou mesmo dias, se fosse necessário. Ganhou a confiança deles e ajudava-os em todo tipo de dificuldade.

Os índios expressavam sua gratidão presenteando o amável pregador com artefatos religiosos que não seriam exatamente aprovados pela Igreja Católica; artefatos que as famílias dos índios tinham escondido do homem branco por centenas de anos. Padre Crespi, inicialmente, colocava os objetos encostados ao muro do pátio interno de sua casa. Mas, conforme a quantidade ia aumentando, ele se viu forçado a começar empilhá-los em um galpão atrás da igreja. O fluxo de presentes, porém, não diminuiu, e Crespi foi forçado a abrir dois aposentos de sua casa, onde empilhou alguns dos mais surpreendentes tesouros já vistos.

Os cientistas realmente nunca examinaram completamente os tesouros do Padre Crespi. Já foi dito que eram todos, imitações e falsificações modernas. Bem, é possível que alguns dos painéis, figuras e totens tenham sido, de fato, feitos no século passado, mas alguns deles possivelmente não o foram. Desde a chegada dos conquistadores espanhóis, os povos indígenas da América do Sul tornaram-se devotos cristãos; contudo, não há, nas peças da coleção de Crespi, qualquer traço das imagens cristãs: nenhuma Madona, nenhum Jesus, nenhuma citação bíblica. O estilo artístico dos artefatos é originário de uma época pré-cristã. As faces nos painéis metálicos são tão complexas e tão extensamente complementadas por inumeráveis e minuciosas ilustrações, que ficamos tentados a achar que elas pertencem a uma única escola.

Há painéis metálicos com narrativas em série, e ninguém lhes dá a menor atenção. Há uma profusão confusa de imagens que compõem esse fluxo de uma para a outra. Faces com coroas solares e cabeças lembrando girafas das quais partem raios; faces gêmeas semelhantes a macacos, faces parecendo ansiosas com cobras saindo delas. Ou seja, há muito detalhes para que sejam simples falsificações, além de um conhecimento muito grande para que sejam obra de uma única pessoa. Um dos painéis dourados apresenta estrelas nos cantos superiores esquerdo e direito; depois, um ser com uma barriga protuberante e cauda semelhante a de uma cobra; uma criatura semelhante a um rato; um homem com uma túnica -armadura ligada a um elmo; uma figura triangular com um buraco bem no centro e - no lado oposto - uma figura com

raios saindo de sua cabeça. Finalmente, há faces, rodas, pássaros, cobras, e - no meio - algo que se assemelha a uma flecha apontando para baixo. É um caos do mesmo nível daquele do Manuscrito Voynich, mas não é um bom candidato à falsificação, porque não há nada ali que pudesse realmente ser falsificado ou copiado. Contudo, este é só o começo e, talvez, estejamos começando a chegar um pouco mais perto da solução do enigma Voynich.

O padre Crespi não foi apenas uma figura aventureira que se extinguiu. Ele era um sacerdote e os índios contaram-lhe que todos os seus tesouros provinham de estoques secretos de seus ancestrais. Que razão poderiam ter tido os índios para mentir para seu tão respeitado e amado padre ou presenteá-lo com bugigangas baratas feitas em casa? Sou realmente grato por ter tido a chance de tirar fotos desta coleção única, enquanto o padre Crespi ainda estava vivo.

Por outro lado, é possível se perguntar de que material são feitas estas incomparáveis obras de arte. O próprio Crespi acreditava que, sob a superfície dourada desses painéis de metal, poder-se-ia realmente encontrar ouro puro. Mas é preciso saber que mesmo as tribos pré-incas dominaram técnicas incrivelmente complexas de derretimento e fabricação de ligas, que somos incapazes de reproduzir mesmo atualmente. Suas técnicas sofisticadas de fundição e processos de douramento usavam uma mistura de 50% cobre, 25% prata e 25% ouro. A cor externa de um objeto refletia pouco a quantidade de ouro realmente utilizada. Os incas eram capazes de cobrir objetos com uma camada de ouro de apenas meio micron de espessura e - quando vistos através de um microscópio - visível somente com um aumento de 500 vezes. Dominaram técnicas que lhes permitiram dar a qualquer metal básico a aparência de ouro puro.

Quando uma liga de cobre-prata-estanho é aquecida, o metal nobre sobe para a superfície de metal, enquanto o cobre é gradualmente perdido pela oxidação. Finalmente, a superfície adquire a aparência de ouro puro. Se a liga contiver tanto prata quanto ouro, ambos os metais vêm à tona, dando ao metal uma camada de prata pálida ou ouro pálido. É como se os artistas (seja lá quem fossem) intencionalmente blindassem suas mensagens com uma fina cobertura de metal precioso, para que sobrevivessem por milênios. Exatamente como o Manuscrito Voynich, a coleção de Crespi desafia a categorização.

SURPREENDENTE E IMPOSSÍVEL

Há trinta e cinco anos atrás, fotografei algumas coisas surpreendentes e impossíveis

da coleção de Carlo Crespi. Havia um disco com cerca de 22 cm., decorado com espermatozóides estilizados, sóis sorrindo, o crescente de uma lua minguante, uma estrela grande e dois quadrados com faces semelhantes a do homem. Também vi uma pirâmide flanqueada à direita e à esquerda por gatos saltadores. No céu, havia uma serpente, sobre a pirâmide um sol e, de cada lado dela, quatro e cinco rabiscos. Ao longo da base, há uma faixa inconfundível de caracteres semelhantes à runas - símbolos que ninguém nunca foi capaz de decifrar - e sobre cada lado da base da pirâmide há um elefante. Que os céus nos ajudem! Nunca houve elefantes perambulando pela América do Sul, nem antes, nem depois dos Maias. Reconhecidamente, ossos de elefantes foram escavados no México, mas disseram que eles tinham mais de 12.000 anos. Também encontrei um conjunto semelhante de símbolos - 16 dos quais arranjados em um quadrado de 4X4-decorando um colar dourado. As fotos provam isso.

A peça mais louca que Crespi me mostrou, porém - e, segundo o próprio homem, ela provinha de uma biblioteca subterrânea de metal, sobre a qual falarei mais no próximo capítulo - foi um painel de metal dourado com 56 quadrados, cada quadrado apresentando um caractere que parecia ter sido estampado no metal. Alguns desses símbolos apresentam uma similaridade estranha com os símbolos do Manuscrito Voynich. Será que este painel poderia ser a Pedra da Roseta para decodificar o Manuscrito Voynich? Sobre essa questão, sei tanto quanto você, caro leitor, mas se há uma coisa eu posso lhe dizer - e, de fato, com alguma certeza - é que há milhares de anos atrás existiram textos que nunca foram registrados em qualquer biblioteca e que foram trazidos para a Terra por seres extraterrestres. Textos que desafiam qualquer lógica terrestre, que contradizem a simetria de qualquer alfabeto, e que poderiam ser traduzidas apenas quando material suficiente estivesse disponível para comparação. Textos de “aliens”? Isso não é um pouco absurdo? Quando, supostamente, eles estiveram aqui? Como? Que tecnologia os ETs usam para transpor os anos-luz e, mesmo que o possam, o que poderiam querer de nós, aqui na Terra? E, acima de tudo, eles nos deixaram estes textos? Um pensamento muito louco! Como podemos corroborar isso? Bem, há realmente escritos históricos que apóiam a idéia de textos extraterrestres. Eis aqui o dossiê:

UM DOSSIÊ INTERGALÁCTICO?

Em seu diálogo Fedros, o filósofo Platão cita uma história que ele ouviu de Sócrates:

“Na cidade egípcia de Naucratis, houve um deus famoso cujo nome era Theuth. O pássaro de nome íbis era sagrado para ele, que foi o inventor de muitas artes, como a

aritmética, o cálculo e a geometria, bem como astronomia, esboços e dados. Mas sua maior descoberta foi o uso das letras...”

O deus Theuth transmitiu o dom de escrever ao faraó:

“Isso, disse Theuth, tornará os egípcios mais sábios e lhes dará memórias melhores; e é específico tanto para a memória quanto para o saber.”

O faraó viu um outro lado desta invenção maravilhosa e contradisse o deus Teuth:

“... esta descoberta sua criará o esquecimento nas almas dos aprendizes, porque eles não mais usarão suas memórias, confiarão nos caracteres escritos ou se lembrarão por si mesmos. O específico que você descobriu é uma ajuda não para a memória, mas para a reminiscência...” E, de fato, ele estava certo. Estes textos, de milênios de idade, podem apenas relembrar eventos que, de outro modo, já teriam sido esquecidos. Quem se lembra, por exemplo, que Deus - quem quer que seja ele ou ela - criou outros mundos muito antes da criação da Terra? Pode-se ler isso nas antigas lendas dos judeus.

Milhares de mundos criou o Senhor no início; depois, criou ainda mais mundos... O Senhor criou mundos e, então, os destruiu; plantou árvores e, depois, arrancou-as, pois elas ainda estavam confusas... e ele continuou a criar mundos e a destruí-los, até que criou o nosso mundo. Então disse: este mundo é um grande prazer para mim; os outros não me agradaram.

Criando e destruindo mundos porque não se encaixavam perfeitamente na lei? Em nosso vocabulário atual, chamaríamos isso de “terraformação”. Este é um processo de transformação de planetas inabitáveis em mundos que se adequam à habitação humana. Uma idéia assim envolve depositar imensas quantidades de cianobactérias na atmosfera de Marte. Essas bactérias multiplicam-se rapidamente e, no processo, produzem grandes quantidades de oxigênio.

Foi assim mesmo que a humanidade - durante um longo processo para se tornar inteligente - teve a idéia de escrever símbolos para preservar o conhecimento? Naturalmente! Quem mais? - escuto você, leitor, responder. Tem certeza? As lendas antigas contam que a escrita já existia dois mil anos antes da criação do homem “inteligente”. Vamos voltar, então: não havia rolos de pergaminho, nem animais cujas peles poderiam ser usadas; nem mesmo havia metais. E na ausência de árvores, nem painel de madeira; este livro existiu na forma de uma safira oca. Um anjo chamado Raziél, “exatamente o mesmo que se sentou na margem do regato que fluía pelo Éden”, passou este “livro” estranho ao nosso progenitor, Adão. Devia ser uma coisa totalmente curiosa, pois ela continha não apenas tudo o que valia a pena saber,

mas também profecias sobre o futuro. Era para Adão evocar a riqueza deste livro maravilhoso e todos aqueles que viessem depois dele: “Também os filhos que virão de você, e quem quer que use este livro, saiba o que está por vir. Seja a infelicidade, a chegada da fome; seja colheita farta ou escassa, se dilúvio ou seca reinarão sobre a terra.” Como pode qualquer léxico ou mesmo enciclopédia atual se comparar àquele tipo de super livro? Precisamos buscar os autores dessa obra fenomenal entre as legiões celestiais, pois, depois que o anjo Raziel deu o livro a nosso ancestral e até leu um pouco dele para Adão, algo muito surpreendente aconteceu:

“E naquela hora, quando Adão recebeu o livro, surgiu uma grande chama nas margens do rio, e o anjo subiu no fogo em direção ao céu.”

ANJOS OU ETS?

Enquanto estamos no assunto: o que é um anjo exatamente? Eles aparecem em praticamente cada pedaço da literatura religiosa, e definitivamente não são desta Terra. E claramente não são espíritos que poderiam ser imaginados ou sonhados, pois tais anjos possuem armas muito poderosas que usam para punir a humanidade. Alguns deles até tiveram sua parcela de mau caminho com as filhas dos homens. (Voltarei a isso posteriormente em “A verdade por trás de Enoch”.)- o que não é exatamente uma maneira educada ou celestial de se comportar. Assim, se os anjos não eram terrestres, a única opção que resta é que eram extraterrestres. E tais anjos (extraterrestres) conheciam o futuro?

É realmente simples. Quando o homem for finalmente capaz de realizar viagens interestelares e pousar em um planeta habitado por seres ainda na Idade da Pedra, provavelmente não achará muito difícil dizer-lhes algumas coisas a respeito do futuro deles.

Naturalmente, isso não significa fazer previsões para cada indivíduo, mas sim sobre suas futuras sociedades. Poderíamos falar-lhes sobre tecnologias específicas que irão inventar, porque são parte intrínseca do desenvolvimento, ou sobre como sofrerão com problemas ambientais, se suas populações crescerem muito, porque não se tem uma sem a outra. Ou ainda melhor: profetizaremos a respeito de como seus descendentes serão capazes de dividir as menores unidades da matéria, e como isso será perigoso, porque levaria à destruição de grandes regiões do planeta, tornando-as inabitáveis por centenas de anos (bombas H). Este truque também pode ser usado para períodos menores de tempo, falando-lhes, por exemplo, sobre colheitas futuras, pragas de gafanhotos, ou sobre a aparente

imortalidade do besouro. Os povos nativos poderiam não compreender nada disso, mas poderiam escrever tudo isso, preservando o conhecimento para o futuro.

UM LIVRO MÁGICO

Na história do livro de Adão, é a mesma coisa:

Por dentro, o livro estava cheio dos símbolos mais elevados da sabedoria sagrada, e os setenta e dois tipos de ciência estavam ali contidos, os quais, em seu lugar, estavam divididos em seiscentos e setenta símbolos dos segredos superiores. Também, as mil e quinhentas chaves, que não estavam confiadas aos seres sagrados do mundo superior, estavam ocultas no livro.

Você sabia que havia “setenta e dois tipos de ciências”, que podem ser posteriormente subdivididas em “seiscentos e setenta símbolos” de um conhecimento ainda mais superior? É quase como nossa subdivisão da física em física atômica, física de partículas, astrofísica e assim por diante. Ou o termo biologia, que cobre um amplo espectro que vai desde animais unicelulares a insetos, elefantes, prosseguindo até a exobiologia.

Adão legou este livro mágico a seu filho Seth, de dez anos de idade. Esse garoto deve ter sido muito “ligado”, pois Adão falou-lhe detalhadamente “sobre as forças do livro”, e também “onde seu poder e milagres residiam”. Também lhe explicou como ele tinha usado o livro e que o tinha escondido na fenda de um rochedo.

Seth recebeu as instruções paternas, estudou diligentemente a safira sagrada e finalmente construiu “... uma arca dourada, colocou o livro dentro dela e escondeu a arca numa caverna...”.

Muito tempo depois, o conhecimento da safira passou para as mãos de Noé, o homem que salvou a humanidade do Dilúvio, e ele usou-o para entender o curso dos planetas pelos céus, “também as rotas de Aldebaran, Orion e Sirius... também os nomes de cada céu individual... e os nomes dos servos celestiais.”

A fantástica história do livro de Adão poderia muito facilmente ser arquivada sob o nome “apenas uma história”, não fosse por algumas coisas que vão contra a corrente. Compreendo o desejo de passar um livro - metaforicamente falando - ao nosso antigo ancestral, porque o solitário patriarca precisa ter obtido seu conhecimento de algum lugar. Mas a idéia da safira acho difícil de engolir. Como eles vieram para a Terra com ela? Se o

conceito de uma enciclopédia armazenada em uma pedra preciosa já teria sido bem obscuro alguns séculos atrás, o que dizer de alguns milênios?

Atualmente, temos tecnologias que nos permitem armazenar quantidades imensas de dados em cristais. E diz-se que Adão dialogou com este livro. Como poderia ser? De onde o autor dessa história tirou essa idéia? Hoje, quase todo mundo “conversa” com seu computador. Mas este tipo de pensamento não se adéqua ao passado antigo. E de onde veio a idéia, milhares de anos atrás, de acrescentar detalhes à história de Adão, tais como os “setenta e dois tipos de ciências”, que se diz que o livro contém? Ou os “seiscentos e setenta símbolos dos segredos superiores” e as “mil e quinhentas chaves”? Informação específica como essa não surge do nada.

Não quero superestimar o conteúdo deste livro há muito perdido, contudo, fico me perguntando porque o contador da história colocou tal valor em constelações específicas. Por que era importante para Adão ou seus descendentes saber as rotas astronômicas de Aldebaran, Sirius ou Orion? Elas não têm qualquer utilidade para nenhum calendário terrestre. Diz-se, também, que Adão, Seth, e Noé aprenderam também, neste livro, os nomes dos céus individuais. Espere aí! Não há apenas um céu? Do que é que estão falando? De fato, podemos aprender sobre eles nas antigas lendas judias. O primeiro céu chama-se Wilon, do qual toda a humanidade é observada. Acima de Wilon, há Raqia, onde estão as estrelas e planetas. O nível seguinte chama-se Shehaqim, e acima Zebul, Maon e Makon. Finalmente, acima de Makon, encontra-se o sétimo e mais elevado dos céus: Araboth. Diz-se que este é o lar dos Querubins e uma espécie de corpos celestiais conhecido como Rodas Sagradas. Frequentemente, são também fornecidas as distâncias entre os diferentes céus, juntamente com unidades de medida e períodos de tempo. Por exemplo, entre os céus há “escadas” e “épocas abrangendo quinhentos anos”. Tudo isso parece tão impressionante quanto uma viagem espacial. Este animado conto dos tempos antigos soa como algo completamente implausível. Nada mais do que “fantasia tola”, como o chamava zombeteiramente o teólogo Dr. Eisenmenger, há quase trezentos anos atrás. Lendas são uma forma imprecisa de se contar histórias grotescas e maravilhosas, fascinantes e sangrentas ao mesmo tempo. E mais: as lendas tendem a dar pouca atenção à cronologia e não têm um pinga de preocupação com os fatos históricos. A lenda é uma “especulação e uma fantasia populares” e, contudo, permanecem na memória dos povos. Lendas e mitos, porém, não são construídos do nada. Não são simplesmente histórias exageradas; sempre contêm uma semente de verdade, que, muito frequentemente, também se desenvolve nas tradições de inúmeros outros povos ou

civilizações, embora com outros nomes e outros heróis.

UMA CRIATURA DO MAR

Não estou nem um pouquinho mais próximo de entender o Manuscrito Voynich do que antes, mas queria me concentrar em minha teoria de que os deuses ou anjos - em outras palavras, seres que não são da Terra - ditaram ou passaram livros para a humanidade. Será que você já ouviu falar da lendária criatura Oannes (em sumério: Abgallu)? Na época em que Alexandre, o Grande, ainda reinava na Babilônia (por volta de 350 a.C.), lá vivia Berossus, um sacerdote e historiador de Marduk (também conhecido como Bel ou Baal). Berossus escreveu, em grego, uma obra em três volumes chamada Babylonaica. O primeiro livro trata de astronomia e da criação do mundo; o segundo trata dos dez reis que reinaram antes do Dilúvio e dos 86 que reinaram depois dele; o terceiro livro é uma história narrando o período que chega até o tempo de Alexandre. Infelizmente, restaram apenas fragmentos de Babylonaica, mas Lucius Sêneca e Flavius Josephus, um contemporâneo de Jesus, fazem citações dele. Berossus refere-se a um documento muito mais velho, escrevendo:

No primeiro ano, surgiu, naquela parte do Mar da Eritréia (hoje Golfo Pérsico) que margeia a Babilônia, um animal provido de raciocínio, que tinha o nome de Oannes. Sua voz era articulada e humana, e uma imagem foi preservada até hoje. Esta criatura passava seus dias entre os homens, mas não se alimentava. Ela deu-lhes o conhecimento das letras, das ciências e artes de todos os tipos. Ensinou-lhes a construir cidades e templos, como elaborar leis e medir a terra. Mostrou-lhes como plantar e colher os frutos, instruiu-os em tudo o que poderia humanizar suas vidas. Desde aquele tempo, nenhuma melhoria foi acrescentada às suas instruções. Oannes também escreveu um livro sobre a gênese do homem e a origem dos estados civis, que deu à humanidade [grifo do autor].

Este livro realmente existe? Será que há uma cópia escondida em algum lugar, sob algum templo antigo, vigiado por guardas encapuzados, que não têm a menor idéia do tesouro que têm nas mãos? Parece claro que o livro de Oannes, mesmo na época de Berossus, não podia simplesmente ser encontrado na biblioteca mais próxima. Então, isso seria apenas tagarelice?

Espere um pouco! No livro sagrado dos Persas, o Avesta, um ser misterioso chamado Yma surge do mar e ensina o povo. Nas lendas dos fenícios, uma criatura de mesma origem e habilidades era conhecida como Taut; e na antiga China, na época do imperador Fuk-Hi, uma

criatura chamada Meng-ho surgiu das águas: “um monstro com corpo de cavalo e cabeça de dragão, cujas costas carregavam tabuinhas cheias de letras”. O grande mestre tibetano Padmasambhava (também conhecido como U-Rgyab Pad-Ma) trouxe dos céus textos incompreensíveis. Antes de sua morte, seus pupilos colocaram esses textos em uma caverna, para tempos futuros, “nos quais poderiam ser compreendidos” [grifo do autor].

Muito provavelmente, teríamos a mesma sorte na decifração dos mesmos que temos em relação ao Manuscrito Voynich - e este foi escrito apenas há algumas centenas de anos atrás.

SABEDORIA DOS DEUSES

E de onde a humanidade obteve todos esses métodos de escrita? São todos simplesmente inventados? Escrita cuneiforme, hieróglifos, alfabetos? Se você acreditar nos cronistas antigos, foram aqueles mesmos deuses sinistros que ensinaram os seus “escolhidos” a escrever. Eles provavelmente procuraram as pessoas mais inteligentes que conseguiriam encontrar.

Diodorus da Sicília, o autor de uma enciclopédia histórica de 40 volumes, nos conta, no primeiro tomo, como os deuses fundaram muitas cidades só no Egito e também como deixaram aqui sua progenia: “primeiro, os deuses afastaram a humanidade do canibalismo”. Depois, ensinaram - segundo Diodorus - as artes, a mineração, a confecção de ferramentas, o cultivo da terra e a produção de vinho. Mesmo a arte da escrita proveio dos deuses: “Isto é, foram eles que primeiro categorizaram e desenvolveram todas as línguas compreensíveis, bem como deram nomes a tudo que anteriormente não tinha qualquer conceito. A invenção da escrita também foi trazida por eles [os deuses]” Tais histórias claramente se originam de muitas fontes antigas. Todos os fragmentos se juntam exatamente como em uma novela de investigação criminal. E você não precisa ser um Sherlock Holmes para juntar todas as peças. Esses deuses e anjos existiram - mesmo que isso nos faça querer arrancar os cabelos. E causaram mudanças também. A maior testemunha disso tudo foi Enoch, e escrever sobre ele novamente é quase constrangedor, pois já falei dele em inúmeros livros. Mas para reforçar minha afirmação de que foi algum tipo de figuras extraterrestres - quer você os chame de deuses ou anjos - que instruíram a humanidade, dando-lhes as letras e até mesmo ensinando-a a escrever, é bem difícil ignorar Enoch.

Ele é reconhecidamente a única testemunha que experimentou tudo pessoalmente e

escreveu todas as suas crônicas na primeira pessoa: “eu”. Enoch é o exemplo perfeito de quão distorcida foi a teologia, durante muitos séculos, falsificando a verdade e varrendo os fatos para debaixo do tapete, e transformando um trabalho baseado em experiência pessoal em uma trapaça de rabiscos e interpretação - e isso realmente me deixa muito zangado a esse respeito. Contudo, não é muito difícil desmascarar algumas dessas irritações teológicas. Você só precisa examinar o conteúdo.

Com Enoch, naturalmente, defrontei-me com o mesmo dilema que tive com cada um dos livros anteriores: como explicar algo a meus leitores sem ficar constantemente repetindo coisas sobre as quais já escrevi anteriormente? Professores e palestrantes universitários têm mais facilidades em relação a isso. Eles podem assumir que seus alunos já compreenderam o básico. Se você não conhece o alfabeto, não consegue ler. Mas eu não posso assumir que você conhece Enoch. Talvez você seja um novo leitor, um que acabou de descobrir o meu modo de encarar as coisas. E, acima de tudo, muitos dos meus livros antigos não são mais impressos. Assim, o que posso fazer? Tentarei desatar esse nó restringindo-me a repetir apenas o que é necessário ao novo leitor. Assim, as repetições não serão propriamente repetições. Uma observação aos meus fiéis leitores: vocês encontrarão, neste livro, coisas sobre Enoch que nunca foram reveladas antes.

Embora eu não seja um fã da enrolada Literatura teológica, admiro os homens responsáveis por sua criação (e, sim, estamos falando sobre homens aqui!). Os tradutores dos antigos textos de Enoch foram todos extremamente bem educados. Sem exceção, falavam muitas línguas, eram íntegros e fizeram um esforço sincero desvendar a confusão de milhares de anos. Mas eram todos teólogos, termo que deriva das palavras *theos* (deus) e *logos* (palavra) - a palavra de Deus. Mas não é com disso precisamente que se trata a teologia. Todos esses teólogos dos tempos passados naturalmente estavam convencidos de que estavam trabalhando com a palavra de Deus - de outro modo, nunca teriam escolhido esta carreira -, mas esta verdadeira convicção já é um aspecto da fé. Eles verdadeiramente acreditavam que esses escritos sagrados, e às vezes não tão sagrados, provinham diretamente da boca de Deus; que Ele os tinha ditado ou revelado de alguma forma maravilhosa para o escolhido. O que resta do texto, quando o fator fé é removido? As próprias palavras. Elas não perdem nada, exceto sua santidade. Podem permanecer veneráveis, porque revelam eventos de épocas perdidas para nós, e devem ser cientificamente analisadas, porque estão reunidas, formando um material extremamente interessante. Tão logo um texto perde sua santidade, pode ser discutido objetivamente. É nossa concepção de inviolabilidade desses textos que impede

qualquer análise tópica. Assim, vamos começar a realmente levantar alguns problemas!

A HISTÓRIA DE ENOCH

Quem é esse Enoch?

Em As Antigas Lendas dos Judeus, Enoch é um “rei acima de todos os homens”, que reinou por exatamente 243 anos. No livro do Gênese, Enoch é mencionado como um dos dez patriarcas que reinaram antes do Dilúvio. Na Bíblia, Enoch é tratado em cinco sentenças. Gênese 5:21-24: (21) “Quando Enoch estava com 65 anos, tornou-se pai de Matusalém. (22) E depois de se tornar pai de Matusalém, Enoch caminhou com Deus por 300 anos e teve outros filhos e filhas. (23) Ao todo, Enoch viveu 365 anos. (24) Ele caminhou com Deus, e depois não mais, porque Deus o levou embora.”

Exatamente isso: num piscar de olhos. No idioma hebraico, a palavra Enoch significa “o iniciado”, “o perspicaz”, ou “o habilidoso”. E este iniciado certificou-se - Deus seja louvado! - de que seu conhecimento não desaparecesse com ele, para desgosto dos tolos que prefeririam que Enoch e todo o seu conhecimento sumissem como fumaça. Porque Enoch é pura dinamite para a sociedade atual - e é aí que começa o problema. Mas vamos voltar atrás um pouquinho: o que os outros povos, fora os israelitas, têm a dizer sobre Enoch? No antigo Egito, Enoch foi o construtor da Grande Pirâmide, ou pelo menos é essa a reivindicação feita por Taqi al-Din Ahmad ibn Ali ibn Abd Al-Qadir ibn Muhammad al-Maqrizi (1363-1442), em sua obra Khitat. Ele observa que Enoch era conhecido por diferentes nomes entre diferentes povos:

Saurid, Hermes, Idris e Enoch. Eis a passagem do Khitat, capítulo 33:

.. o primeiro Hermes, chamado de três vezes grande por sua capacidade como profeta, rei e sábio (é aquele que os hebreus chamam de Enoch, filho de Jared, filho de Mahalel, filho de Kenan, filho de Enos, filho de Seth, filho de Adão - louvado seja o seu nome - e que é Idris), leu nas estrelas que viria o Dilúvio. Então, construiu as pirâmides e escondeu dentro delas tesouros, livros eruditos e tudo o que ele temia que, de outro modo, pudesse se perder, para que essas coisas permanecessem seguras [grifos do autor].

Segundo a lista de reis sumérios “WB444”, um bloco de pedra gravado que pode ser admirado no Museu Britânico, em Londres, 10 grandes reis reinaram entre a Criação e o Dilúvio. A extensão de tempo de seus reinados foi de 456.000 anos. Após o Dilúvio, a realeza desceu uma vez mais do céu, segundo a lista de reis sumérios. Parecia que eles

gostavam do planeta azul. Os 23 reis que ocuparam o trono após o Dilúvio reinaram por um período menor, mas não menos significativo: 24.510 anos, três meses e três dias e meio. Diz-se que o sétimo dos regentes anteriores ao Dilúvio viveu na cidade do sol, Sippar. Também se diz que os deuses Shamash e Adad o escolheram para ser o primeiro a aprender a arte da escrita e da profecia. Este sétimo rei, segundo a Bíblia, teria sido Enoch. A fama deste sétimo rei era tão grande que, nos últimos dias do grande rei babilônio Nabucodonosor I (por volta de 1.100 a.C.) dizia-se que a linhagem sanguínea deste derivava daquele. Traduções de escritos cuneiformes realizadas nas últimas décadas revelaram que foi precisamente este sétimo rei “que subiu ao céu”, como Enoch. Especialistas em cultura suméria, como os teólogos, nadando nas correntes da racionalidade contemporânea, interpretam isso como uma espécie de “abdução”, e descrevem os textos cuneiformes como sendo “o registro mais antigo de uma ascensão”. A figura deste sétimo regente da cidade do sol, Sippar “inspirou a fantasia religiosa e a fabulação do judaísmo posterior.” A prova disso é a coalescência de vários fragmentos dos diversos livros de Enoch. Mas agora lhe mostrarei porque este conceito está um pouco longe da verdade.

A DESCOBERTA DO LIVRO DE ENOCH

A notícia de que o Livro de Enoch tinha sido encontrado chegou à Europa na primeira metade do século XVIII. Quando explorava a África, o aventureiro escocês James Bruce (1730-1794) não apenas encontrou a nascente do Nilo Azul, como trouxe para Londres três cópias de um texto de Enoch. Os textos foram traduzidos para um inglês pobre pelo professor Richard Laurence, mas Enoch não se tornou assunto de discussão científica até que o orientalista alemão e teólogo protestante August Dillman (1823-1894) traduziu os pergaminhos para o alemão. Desde então, mais de 30 etíopes foram acrescentados aos documentos originais. Mas em que lugar Bruce colocou as mãos nesses textos? Quando os padres da igreja editaram - ou, para usar o termo técnico, canonizaram - a Bíblia, no século IV, tiveram em mãos muito mais textos do que aparecem hoje na Bíblia. Mas muitos desses textos estavam incompletos, possuíam falhas ou eram incompreensíveis. Assim, tais fragmentos não foram acrescentados à Bíblia. Contudo, esses textos rejeitados não foram simplesmente jogados fora. Foram apenas colocados de lado, incluindo os textos de Enoch, e passaram a ser chamados de “Apócrifos e Pseudo-epigráficos do Velho Testamento”. A igreja abissínia, por outro lado, adotou os textos de Enoch em seus cânones - uma boa razão para o fato de James Bruce tê-los encontrado na Etiópia. Posteriormente, uma variante eslava

do mesmo livro de Enoch apareceu, e comparações altamente acadêmicas revelaram que as similaridades dos aspectos fundamentais dos dois livros poderiam apenas ser atribuídas à autoria comum. E foi aí que começaram os argumentos teológicos.

O Livro de Enoch descreve muitas coisas impossíveis:

viagens para o céu, visitas a outros mundos, ensinamentos astronômicos, conversas com “anjos”, um ser que tinha a denominação de “Mais Elevado” e tribunais para “anjos caídos” e homens. O que significa tudo isso? Teólogos e acadêmicos clássicos, homens com habilidades linguísticas fenomenais, mais ainda seguindo seus “theos logos” e psicologia religiosa, todos buscavam soluções. O que mais poderiam fazer? As descrições de Enoch foram transformadas em “parábolas” (algumas vezes chamadas de “similitudes”), “visões”, “inspirações”, “sonhos”, “invenções”, “histórias”, ou - e esta é verdadeiramente a cereja do bolo - diz-se que todo o livro de Enoch é o trabalho de vários sacerdotes judeus e o livro inteiro é simplesmente uma “personificação da raça judia”.

E, de fato, o Livro de Enoch tem sido repetidamente adulterado e mudado - muito semelhante ao que aconteceu com os urtextos do Novo Testamento. Por exemplo, a expressão filho do homem surge e pode ser encarada como tendo sido acrescentada posteriormente por mão etíope. Do mesmo modo, as expressões o escolhido ou o justo. Os teólogos argumentam que tais expressões se referem à raça judia. Tudo isso se torna ainda mais confuso quando, algum dia no século V, uma versão hebraica do Livro de Enoch também suscitou murmúrios, mas não foi seriamente levada em conta, porque era - alegadamente - baseada em uma visão experimentada pelo Rabbi Ismael. Isso fez com que o Livro de Enoch fosse agrupado com os textos gnósticos. Atualmente, o Gnosticismo é geralmente associado a uma espécie de filosofia esotérica, ideologia, ou religião. A palavra gnosis é grega e significa “reconhecimento”. Sem considerar onde o Rabbi Ismael obteve sua misteriosa informação, possivelmente ele não poderia tê-la simplesmente inventado, porque ela é muito complicada e detalhada. Antes de prosseguir para as versões eslava e grega do Livro de Enoch, eis alguns fragmentos de informação altamente curiosos do texto hebreu.

O LIVRO HEBREU DE ENOCH

Ismael diz que viajou para o céu e se encontrou com um anjo caído, chamado Metatron, que lhe mostrou tudo ao redor. Este mesmo Metatron, então, revelou-se ninguém menos do que Enoch. Diferentemente de outras versões, no livro hebraico, Metatron/Enoch

não é capaz de voltar à Terra e à humanidade, mas permanece nas proximidades do trono do “Mais Elevado” e somente o vidente Ismael pode alcançá-lo. Metatron/Enoch conta a Ismael que o Senhor o chama de “Jovem”. Ele explica o porquê: “Feliz és tu e feliz é teu pai, pois teu Criador te favoreceu. E porque eu sou pequeno e jovem entre eles, em dias, meses e anos. Assim, eles me chamam de “Jovem”.

E como Metatron/Enoch chegou ao reino celestial?

Quando O Sagrado - abençoado seja Ele - elevou-me ao céu, Ele primeiro enviou Anaphiel, o príncipe, e me tirou de sua névoa diante de seus olhos e levou-me para cima, em grande glória, em uma carruagem ardente, puxada por cavalos impetuosos... Quando O Sagrado - abençoado seja Ele - tirou-me da geração do Dilúvio, elevou-me nas asas do vento de Shekina para o mais alto dos céus, para os grandes palácios do Araboth Raqia nas alturas, de onde [se pode ver] o glorioso Trono de Shekina.

Descobrimos que “O Sagrado” ama muito o “Jovem” (Metatron/Enoch). De fato, ele o ama até “mais do que todos [os seus] servos” e, assim, escreveu letras com sua pena flamejante e revelou a Metatron/Enoch não apenas como o céu e a Terra foram criados, mas também os mares e rios, montanhas e colinas, raios, trovões e tempestades, e até planetas e constelações.

Nada mau todo este conhecimento interestelar dado a Metatron/Enoch. Um pensamento lá do fundo de minha mente me leva a Abraão, que também ascendeu ao céu e viu a Terra “abaixo dele”. Ou Enkidu, do Épico de Gilgamesh, que é transportado pela Terra nas “asas da águia”. Ou “a jornada de Arjuna para o céu de Indra”. Lembro-me, então, das “rodas” no Livro de Dzyan e das “cidades celestiais” no épico sânscrito Mahabharata. Há inúmeros casos semelhantes espalhados por toda a literatura clássica. A diferença entre mim e os teólogos é que olho os textos de todas as religiões e regiões do mundo, enquanto os acadêmicos da tradição judaico-cristã restringem-se exclusivamente aos escritos da Bíblia e dos Apócrifos. Nenhum deles escapa disso.

No Livro Hebreu de Enoch, Ismael lista uma exuberância de mundos diferentes (planetas) junto com suas denominações. Ele conhece os nomes de cada um dos líderes, príncipes, ou reis, e até fala de uma biblioteca celestial: “Ele trouxe a caixa de escritos juntamente com o Livro de Memórias e colocou-os diante do “Sagrado” - louvado seja Ele. E rompeu o selo da caixa, abriu-a, tirou os livros de dentro dela e entregou-os ao “Sagrado”, louvado seja Ele...” Céu, santos, O Mais Elevado, príncipes, servos, arcanjos, rodas,

planetas, carruagens flamejantes, legiões celestiais - que os céus nos ajudem! Será que este Enoch realmente existiu? Até agora, falei de sete de seus pseudônimos: Enoch, Saurid, Hermes, Idris, Metatron, “Jovem”, e sétimo rei antediluviano. Qual é, afinal, o nome certo? Provavelmente, nenhuma de nossas pronúncias fonéticas. O hebraico bíblico era uma linguagem escrita puramente com consoantes - não havia nenhuma vogal. Para tornar a leitura mais fácil, as vogais são indicadas por um sistema de pontos (niqqud). Uma leitura fonética da palavra Enoch poderia facilmente soar como Inich, Onuch, ou Anich, e Metatron poderia de ser Mototran. Naturalmente, aqui, não estou levando em conta as interpretações cabalísticas, porque nesse sistema cada letra pode até ter também um valor numérico.

Especialistas hebreus avaliam que os textos etíopes foram originalmente escritos entre o quinto e o segundo séculos antes de Cristo - e isso nos leva ao primeiro problema. Dos próprios textos, observamos que eles tratam da história do sétimo patriarca. Seu nome era - e vamos usar a forma padrão - Enoch. Portanto, seu nome estava anexado aos Livros de Enoch. Este, por seu lado, não viveu entre os séculos IV e II a.C. Isso significa que o conteúdo original deve ter sido escrito muito anteriormente ao Dilúvio. Isso é confirmado pelo próprio autor, conforme podemos ver claramente a partir dos exemplos dados a seguir: (Os números entre parênteses referem-se ao capítulo e ao verso.)

(81,1 ss) E ele me disse: “Observe, Enoch, estas tabuinhas celestiais; leia o que está escrito nelas e guarde bem cada fato”. E eu observei as tabuinhas celestiais e li tudo o que nelas estava escrito...

(82,1) “E agora, meu filho Matusalém, todas essas coisas eu estou te recontando e escrevendo para ti! ...preserve, meu filho Matusalém, os livros que recebeste das mãos de teu pai e entregue-os às gerações do mundo...”

(83, 2) “Duas visões eu tive, antes de tomar uma esposa, e cada uma foi bem diferente da outra: a primeira, quando eu estava aprendendo a escrever; a segunda, antes de tomar tua mãe...”

(87, 3 pp) “E aqueles três que tinham passado por último agarram-me pela mão e me levaram para cima, para longe das gerações da Terra, e levaram-me para um lugar elevado, e me mostraram uma torre muito acima da Terra, e todas as montanhas eram mais baixas.”

(91, 1) “E agora, meu filho Matusalém, chama todos os teus irmãos e reúna para mim todos os filhos de tua mãe...”

(92,1) “Enoch, de fato, escreveu esta completa doutrina de sabedoria...”

Estas citações demonstram que foi Enoch - ele poderia, porém, ter sido conhecido durante seu próprio tempo de vida - quem escreveu estes versos. Ele confirma sua própria autoria pelo uso que faz da primeira pessoa, como se temesse que as mentes do futuro pudessem ser muito limitadas para entender. E, de fato, até hoje os exegetas ignoram o fato de que este documento está escrito na primeira pessoa. O original do livro, sua essência, provém do Enoch antediluviano, porque, de outro modo, dificilmente ele poderia ter falado de Matusalém como seu filho, ou ter listado sua linhagem sanguínea até Adão. Chamar isso de algum tipo de fraude pré-cristã é acusar o autor de mentir do começo ao fim. Negar que Enoch é o autor antediluviano é o mesmo que lançar sobre toda a exegese uma luz pobre e é também uma fuga fundamental da realidade. E ainda outro exemplo ultrajante de como a fé tem sido manipulada. Naturalmente, o Livro de Enoch é reduzido a uma “visão”. É o método padrão de colocar de lado exatamente tudo aquilo que é difícil de engolir. O fato de repetidamente Enoch dizer que está completamente desperto é varrido para baixo do tapete. E, somando-se a isso, ele dá à sua família instruções explícitas sobre o que fazer após sua partida. Dificilmente isso seria “uma visão de sua própria morte” - outra das brilhantes idéias dos exegetas - porque o altamente letrado Enoch retornou de seu encontro com os anjos afinado como um violino. Somente no final da história ele se despede de seus parentes e parte - em uma carruagem de fogo.

A VERDADE POR TRÁS DE ENOCH

Enoch, ou Mister X - acho que vou ficar com o sétimo patriarca e passar a chamá-lo de Enoch a partir de agora - viveu em uma época em que não se entendia nada de tecnologia moderna. Não havia como ele saber a respeito de naves-mãe, ônibus espaciais, faróis, alto-falantes, aparelhos de rádio, motores de expansão, etc. Tudo o que ele experimentou tinha de ser parafraseado, para que pudesse ser descrito, pois ele simplesmente não tinha o vocabulário necessário. Tente você, caro leitor, descrever um helicóptero ou um rádio para um homem da Idade da Pedra. Inevitavelmente, você terminaria em alguma espécie de jogo do tipo “parece-com-isto”. Ou tente explicar uma escada em espiral para alguém, sem usar qualquer desenho. Seria preciso usar suas mãos - no mínimo! E essa confusão vai ficando ainda pior a cada nova geração que tenta compreender e interpretar o texto de Enoch e - naturalmente! - falha completamente em entender o que está sendo descrito. Incapazes de compreender o que liam, escribas posteriores deixavam-se levar pela fantasia de suas metáforas orientais, e assim surgiram histórias alegóricas opulentas. Posteriormente, quando

os teólogos dos últimos duzentos anos começaram a interpretar os textos, a partir de uma perspectiva religiosa, o caos alcançou seu estado perfeito. Finalmente, viajantes espaciais totalmente comuns tornaram-se anjos e querubins, oficiais tornaram-se arcanjos e o supremo comandante tornou-se o “Mais Elevado” ou, o que é pior, Deus. Que pandemônio, quando uma simples descarga elétrica é transformada em “uma língua de fogo”, e a ponte de comando torna-se “a glória indescritível”. É compreensível que, de um ponto de vista teológico, a cadeira de comando do capitão seja transformada num poderoso trono e a trapalhada incompreensível de semelhanças é transformada em histórias e visões. Nunca ouvi um contra-argumento convincente, apesar de todas as fabulosas discussões que tive com especialistas em Velho Testamento e da absoluta torrente de literatura teológica que tentei digerir. Minhas interpretações do texto devem ser falsas: talvez eu devesse olhar para ele de outro ângulo. Mas por quê? Afinal, explicações alternativas - pelo menos não as que surgiram a partir da exegese - constituem apenas disparates permitidos, e as afirmações essenciais do texto refletem-se em muitos outros textos fora da tradição judaico-cristã.

Os primeiros cinco capítulos do Livro de Enoch anunciam (alegadamente) algum tipo de Julgamento Final: o Deus do céu deixará sua residência e descerá à Terra com suas legiões de anjos. Os onze capítulos seguintes descrevem o que acontece com os assim chamados “anjos renegados”, que - em direta desobediência às ordens de Deus - “contaminaram-se” com as filhas dos homens. Estes “anjos” receberam tarefas de seu “Deus” que eram tão precisas, que simplesmente não se ajustam às cortes dos exércitos celestiais. Por exemplo:

“Semjaza ensinava encantamentos e corte de raízes;

Armaros, a resolução de encantamentos; Baraqijal ensinava astrologia; Kokabel, as constelações; Ezeqeel, o conhecimento das nuvens; Araquel, os sinais da Terra;

Shamsiel, os sinais do sol; e Sariel, o curso da lua...”

Esta é uma série de assuntos especializados, que estavam muito fora do alcance dos habitantes terrestres naquela época.

Os capítulos 17 a 36 descrevem as viagens de Enoch a vários mundos e esferas distantes. Os teólogos as denominam de similitudes ou parábolas, ou a viagem de Enoch ao jardim mágico (O Jardim da Retidão). Contudo, Enoch recebeu a ordem de escrever estas chamadas “similitudes”, de modo a preservá-las para as gerações futuras. Qual foi a razão disso? É simples: seus contemporâneos eram incapazes de compreender essas mensagens;

elas eram dirigidas ao povo do futuro. E isso não é interpretação minha, é do próprio livro!

Os capítulos 72 a 82 são conhecidos como “capítulos de astronomia”. É aí que Enoch recebe instrução sobre as órbitas do sol e da lua, sobre anos bissextos, estrelas e mecânica celestial. Os capítulos restantes contêm conversas com seu filho Matusalém, nas quais ele anuncia o próximo dilúvio. Tudo isso é coroado pela partida de Enoch em uma carruagem de fogo - o que mais?

O Livro Eslavo de Enoch contém detalhes interessantes, que não são encontrados na versão abissínia:

“Depois disso, também vivi duzentos anos e completei todos os anos de minha vida: trezentos e sessenta e cinco anos. No primeiro dia do primeiro mês, eu estava sozinho em minha casa. Lá, dois homens enormes me apareceram; como eles nunca vi nenhum na Terra. Suas faces eram como o sol, seus olhos também eram como luz ardente e de seus lábios saía fogo; suas roupas e música eram esplêndidas; suas asas eram mais brilhantes do que o ouro, suas mãos mais brancas do que a neve. Estavam parados à cabeceira de meu leito e me chamavam pelo meu nome. Acordei de meu sono e vi claramente aqueles dois homens parados à minha frente. Eu os saudei e fui tomado pelo medo; a aparência do meu rosto mudou para terror, e aqueles homens me disseram: “Tenha coragem, Enoch, não tema; o Deus eterno nos enviou a ti e eis que hoje tu ascenderá conosco ao céu e dirás a teus filhos e a todos de tua casa tudo o que eles devem fazer sem ti na terra, na tua casa, e não permita que nenhum te procure até que o Senhor te devolva a eles.”

A interpretação teológica de que o patriarca antediluviano está experimentando uma visão ou um sonho aqui não é defensável. Enoch desperta, levanta-se de sua cama e, depois, prossegue para dar a seus parentes as instruções do que devem fazer em sua ausência. A variação “visão da morte” também não tem sentido, pois Enoch retorna para sua família após sua viagem para o espaço sideral. Assim, o que ele experimentou “lá em cima”?

ENOCK APRENDE OS SEGREDOS DO UNIVERSO

Enoch aprendeu a escrever, e livros lhe foram ditados. Não que, naturalmente, o próprio Deus tenha ditado o conhecimento pessoalmente. Esse ditado foi feito por um arcanjo chamado Pravuil. E para se certificar-se de tudo rápida e suavemente, Pravuil deu a Enoch uma “caneta de escrita rápida”:

E o Senhor chamou um de seus arcanjos pelo nome de Pravuil, cujo conhecimento era

mais rápido em sabedoria do que o dos outros arcanjos, e que escreveu todos os atos do Senhor; e o Senhor disse a Pravuil: “Traga os livros de meus armazéns e pegue uma caneta de escrita rápida. Entregue-a a Enoch, e dê-lhe a escolha e os livros reconfortantes de tua mão... [grifo do autor]

Qual era esta importante sabedoria que tinha de ser ditada? Atualmente, tudo, porque a humanidade abaixo deles sabia muito pouco. Enoch continuou: “E foram contadas todas as obras de céu, terra e mar, e todos os elementos de suas passagens e comportamentos, e do ribombar dos trovões, o sol, a lua, o andamento e mudanças das estrelas, as estações, os anos, dias e horas, os levantes do vento, e por trinta dias e trinta noites ele falou, nunca parando.” E, como se não bastasse, a primeira maratona de ditado foi seguida por outra, igualmente longa. Enoch foi realmente um aluno modelo.

Sempre que a conversa se volta para Enoch e eu sugiro que o profeta antediluviano foi um privilegiado por ter feito uma viagem numa nave espacial extraterrestre, sempre escuto:

Bem, ele deve ter tido alguma espécie de traje espacial. Será? Muito provavelmente, os aliens teriam tido de se proteger contra bactérias e vírus, e provavelmente até da transpiração humana. O que o atento estudante Enoch tem a dizer?

E o Senhor disse a Miguel: “Vá e tire as roupas terrestres de Enoch, e unte-o com meu ungüento doce, e o vista com as roupas de minha Glória”. E Miguel assim o fez, como o Senhor lhe dissera. Ele untou-me e vestiu-me, e a aparência desse ungüento é mais do que a grande luz, e seu ungüento é como o doce orvalho, e ele tem o aroma da mirra, brilhando como os raios do sol, e olhei para mim mesmo e vi que estava como os seus gloriosos.

Agora, tente imaginar que toda essa descrição tem algo a ver com o “Senhor” da religião cristã. Ele tinha um ungüento especial e ordenou que Enoch fosse esfregado com esta pomada intensamente aromática? Nós, humanos, sempre tivemos gostos peculiares! E, então, as roupas de Enoch foram retiradas e ele foi vestido com algum tipo de vestimenta que o deixava parecido com todos os outros. Naturalmente! Em uma roupa espacial ou, pelo menos, um uniforme. O que mais poderia ser? E, após finalmente ser trazido para a ponte, ou talvez para algum tipo de sala de conferências - ou, como os teólogos entendem, diante do “trono da Grande Glória” - Enoch contou como o líder majestoso surgiu e “veio até mim e falou comigo com sua própria voz.”

É aqui, bem no final, que começa a ficar embaraçoso para os exegetas. Não é

realmente uma cena que você possa atribuir a Deus. Dois extraterrestres (“dos quais nunca vi semelhantes na Terra”) levaram Enoch, desinfetaram-no, vestiram-no em uma suíte da espaçonave, e trouxeram-no à ponte de comando da nave mãe, e Deus deu-lhe as boas-vindas “com sua própria voz”. Ele, então, deu ordens para que Enoch recebesse uma “caneta de escrita rápida” e, depois, um subalterno chamado Pravuil recebeu a tarefa de ditar a Enoch os livros científicos durante dias. É de surpreender que os intérpretes do conhecimento sagrado decidissem que as reminiscências de Enoch devem ter sido um tipo de “parábola” ou “visão”? Mas não estamos mais vivendo na Idade das Trevas. Quantos argumentos mais serão necessários para tirar do mato esses matutos? E ter em mente que tudo o que eu, o cronista diligente do presente, estou digitando em meu computador exatamente agora não é nada novo: tem milhares de anos! Só foi esquecido, distorcido, mal interpretado e reprimido. É hora de os textos antigos serem apresentados de uma forma moderna e compreensível, para que seja possível entender todos os seus significados. Possa a dúvida quebrar as velhas autoridades e a razão triunfar sobre a fé. Aprendemos, através dos círculos científicos, que a pesquisa precisa, primeiro, se concentrar nas explicações mais facilmente alcançáveis e plausíveis, antes de partir para soluções mais exóticas. Neste caso, qual é a solução mais próxima, mais sensível, quando se olha para os textos de Enoch? Para ter certeza, não é o que temos obtido a partir da exegese anterior. Aquelas interpretações não fazem sentido, porque se baseiam em Deus e seus arcanjos e anjos como algum tipo de corpo executivo. Então, credita-se a este criador todo poderoso do universo ações que não caberiam absolutamente a um deus verdadeiro. A maneira mais simples de se extrair o verdadeiro sentido dos textos é olhar para ele através de um ponto de vista contemporâneo. E essa é, de fato, a intenção do “senhor”, que ordenou o ditado dos seus livros: “E ele me disse: ‘Observe, Enoch, estas tabuinhas celestiais, leia o que está escrito nelas e grave bem cada fato’. E eu observei as tabuinhas celestiais e li tudo o que nelas estava escrito e compreendi tudo, e li o livro...” (Capítulo 81, 1 ss) .

Antes de sua jornada final aos céus, este mesmo Enoch, escritor da palavra do Senhor, passou estes livros a seu filho:

“Preserve, meu filho Matusalém, os livros que recebestes da mão de teu pai e os entregue às gerações do mundo...” Se os egípcios estiverem realmente certos e Enoch for mesmo Saurid, o construtor de pirâmides, então poderia bem haver alguma coisa bastante surpreendente à nossa espera no interior da Grande Pirâmide. Afinal, Al-Maqrizi salientou, no Khitat, que os textos foram colocados nas pirâmides “para protegê-los e preservá-los”. A

ciência baseia-se na criação de conhecimento. No que se refere à Pirâmide de Gizé, a ciência praticou exatamente o oposto. Os egiptólogos de hoje - pelo menos aqueles entre eles que são árabes - deveriam ler também os textos de seus ancestrais. Pode se ler no Khitat que Saurid (aliás, Enoch) decorou o interior da pirâmide do leste (alegadamente a Pirâmide de Quéops) com “vários dosséis de céus e planetas”, em adição aos livros sobre as estrelas. Também as estrelas fixas aquela que venha a ocorrer de tempos em tempos... bem como os eventos do passado...” Nada disso é conhecido pelos egiptólogos. A Pirâmide de Quéops é totalmente anônima - não há nenhum glifo em suas paredes. Mas espere! Na Grande Galeria, o grandioso hall de entrada para a “Câmara do Rei”, há grandes suportes de metal que não são mencionados em lugar nenhum da literatura acadêmica. Bem poderia ser que estes suportes tivessem sustentado painéis de ouro e que, em tempos antigos, a Grande Galeria fosse uma fantástica escadaria para a “Câmara do Rei”, flanqueada, à esquerda e à direita, com as notícias do passado. Bandos de ladrões de sepulturas podem ter levado esses painéis e os derretido. Contudo, há outras possibilidades. Conforme é hoje amplamente conhecido, dentro e abaixo da chamada Pirâmide de Quéops há várias colunas e aposentos. Mas, apesar disso, a administração de antiguidades mais do que sagradas, no Cairo, não deseja que nada disso venha a público.

Os ANJOS CAÍDOS

O drama real no livro de Enoch, porém, ocorre entre o capitão da nave - “o Mais Elevado” na interpretação religiosa - e sua tripulação - os “anjos caídos”. Este grupo de seres faz uma coisa que nenhum anjo poderia fazer.

E ocorreu, quando os filhos dos homens se multiplicaram, que naqueles dias nasceram filhas bonitas e formosas. Mas quando os anjos, os filhos do céu, viram-nas, cobiçaram-nas e disseram uns para os outros: “Venham, vamos escolher esposas entre as filhas dos homens e gerar filhos.” E Semjaza, que era o líder deles, disse-lhes: “Temo que não ireis de fato concordar em cometer este ato e eu sozinho terei de pagar a pena de um grande pecado.” E todos lhe responderam, dizendo: “Vamos todos fazer um juramento, e nos comprometermos todos, através de maldições mútuas, a não abandonar este plano, mas a realizá-lo.” Então, todos juraram e se comprometeram através de maldições mútuas. E seu número era de duzentos, os que desceram, nos dias de Jared, sobre o topo do Monte Hermon. (Capítulo 6, 1-6)

E você precisa de algum tipo de música sacra e dança para explicar isso? Os fatos

são apresentados de maneira suficientemente clara: uma tripulação de duzentos “filhos do céu” pousou em Monte Hermon, viu-se cercada por lindas donzelas terrestres, e decidiu fazer aquilo que a natureza manda. Mas, já que isso era proibido, fizeram um pacto que todos iriam cumprir para não deixar que nada os afastasse de seus objetivos. Sexo entre humanos e extraterrestres já foi tratado antes em outros trabalhos. E há também, naturalmente, o caso do anjo chamado Samael, que seduziu a mãe do homem, Eva: “...e eis que ele a olhou não como terrena, mas, sim como do céu.” Outros membros da tripulação envolveram-se com gosto nas delícias terrenas das donzelas - e até rapazes. Para horror dos crentes na Bíblia, isso é relatado no Livro dos Livros:

“Quando os homens começaram a crescer em número na Terra, e suas filhas nasceram, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e casaram-se com algumas que escolheram.”

E você mesmo pode ler isso no primeiro Livro de Moisés - Gênese, capítulo 6, versículos 1 e 2.

Como a teologia tem sido considerada uma ciência, tem havido um intenso debate sobre o significado da expressão “filhos de Deus”. As milhares de páginas de comentários resultantes sobre o assunto são altamente contraditórias. Uma escola de pensamento diz que significa “gigantes”, enquanto outras estão igualmente convencidas de que o significado é “crianças de Deus”, “anjos caídos”, “espíritos apóstatas”. Isso já é suficiente para fazer você gritar! Uma simples frase bíblica vira fé em sua cabeça! Mas, realmente, qualquer um que tenha estudado hebraico e conheça os caracteres do alfabeto, bem como o seu significado, sabe exatamente o que essas sílabas expressam: “Aqueles que caíram do céu [eram] seres semelhantes ao homem e de grande tamanho.”

Posso apenas dar um sorriso resignado a este feudo acadêmico. Afinal, qualquer que seja a sua interpretação desta passagem bíblica, alguma coisa parece estar errada. Se você traduzir “filhos de Deus” literalmente, isso significa que Deus teve filhos - e todos eles na época de Adão! E eles fizeram sexo com as filhas dos homens. Isso é impensável! Se a expressão significa “anjos caídos”, deve ter havido algum tipo de conflito no céu. O quê?! Na presença celestial de Deus?! Mas é preciso ter havido algum tipo de golpe, ou então não haveria nenhum “anjo caído”. Há realmente apenas uma maneira sensata de compreender qual era o significado: extraterrestres. Ponto. Isso se torna mais claro ainda quando Enoch lista os nomes dos cabeças: “E estes são os nomes de seus líderes: Semjaza, o líder de todos; Araklba, Rameel, Kokabel, Tamlel, Ramlel, Danel, Ezeqeel, Barakijal, Asael, Armaros,

Batarel, Ananel, Zaqiel, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael, Sariel.” (Capítulo 6, versículos 7 e 8. Nota: Os nomes da lista variam de acordo com a versão do texto que você lê.)

E eles não ficaram sem fazer nada ao chegarem aqui. Enoch descreve seus feitos:

“E Asael ensinou os homens a fazer espadas, facas, escudos e peitorais; ensinou-lhes sobre os metais da terra e a arte de trabalhá-los; braceletes, ornamentos e o uso do antimônio; e a embelezar as pálpebras, e todos os tipos de pedras preciosas, e todas as tinturas coloridas. Semjaza ensinou encantamentos e estacas de raiz... Barakijal ensinou astrologia; Kokabel, as constelações; Ezeqeel, o conhecimento das nuvens; Araquel, os sinais da Terra;

Shamsiel, os sinais do sol; e Sariel, o curso da lua...”

(Capítulo 8)

A lista de nomes não está completa: havia 200 anjos caídos que desceram no Monte Hermon, há milhares de anos atrás. Assim, o que aconteceu com os outros? Enoch nos fornece outra lista; afinal ele podia escrever e entendia o idioma deles. Os próprios estrangeiros o ensinaram. Assim, Enoch assumiu o papel de intérprete entre seu próprio povo e os ETs.

E estes são os seus nomes:

O primeiro deles é Semjaza,

o segundo é Artaqifa.

e o terceiro Armen,

o quarto Kokabel,

o quinto Turael,

o sexto Rumjal,

o sétimo Danjal,

o oitavo Neqael,

o nono Barakijal,

o décimo Azazel,

o décimo primeiro Armaros,
o décimo segundo Batarjal,
o décimo terceiro Busasejal,
o décimo quarto Hananel,
o décimo quinto Turel,
e o décimo sexto Simapesiel,
o décimo sétimo Jetrel,
o décimo oitavo Tumael,
o décimo nono Turel,
o vigésimo Rumael,
e o vigésimo primeiro Azazael.

E estes eram os nomes de seus chefes sobre centenas, cinquentenass e dezenas:

O nome do primeiro era Jecon, que foi quem levou [todos] os filhos extraviados de Deus, trazendo-os para a Terra e levando-os até as filhas dos homens. E o segundo chamava-se Asbeel: ele deu mau conselho aos sagrados filhos de Deus e os fez extraviarem-se, de modo que contaminaram seus corpos com as filhas dos homens. E o terceiro chamava-se Gadreel; foi ele quem mostrou aos filhos dos homens todos os golpes da morte, e desencaminhou Eva, e mostrou aos filhos dos homens as armas da morte: o escudo e a cota de malha, a espada para a batalha, e todas as armas da morte aos filhos dos homens. E de sua mão, eles prosseguiram contra aqueles que habitavam a Terra daquele dia em diante. E o nome do quarto era Penemue; ele ensinou aos filhos do homem o amargo e o doce, e ensinou-lhes todos os segredos de sua sabedoria. E ensinou à humanidade a escrita com tinta e papel... [grifo do autor] (Capítulo 69, 2 e SS.)

Esta passagem diz tudo: podemos todos lê-la. Mas o problema com nossa sociedade é que a maioria das pessoas é muito preguiçosa para pensar. Elas precisam fazer muito

esforço; ficam tão exaustas que precisam que outros pensem por elas, de modo que possam ter sucesso na vida.

ACIMA DE QUALQUER BEM

A lista de Enoch não apenas nos fornece o nome daqueles anjos renegados que “desceram no Monte Hermon” - para mim, isso soa muito como tripulação amotinada; ela também nos dá informações sobre as várias profissões destes “observadores do céu”, como foram chamados em outra passagem.

Jegon revelou-se como uma espécie de líder que convence seus colegas a fazer sexo com as lindas donzelas terrenas. Asbeel ajuda-o. Gadreel e, na lista anterior, Asael, pareciam ser metalúrgicos bélicos, que, primeiro, mostram ao homem como derreter metal e, depois, como fazer peitorais, escudos e espadas de batalha - o que, naturalmente, levanta a questão: onde estavam os inimigos contra os quais se precisavam empregar essas armas? Penemue, o mestre da tripulação, ensinou não só a escrita com pena e tinta, como também instruiu a humanidade sobre as sutilezas da nutrição. Baraqijal acabou sendo um astrônomo; Kokabel era astrólogo - uma ciência que significa pouco para nós atualmente; Ezeqeel era meteorologista (“o conhecimento das nuvens”); Araquel era geólogo, e assim por diante. Do meu ponto de vista contemporâneo, todos eles parecem fazer parte de uma tripulação rebelada contra o “Mais Elevado”, a “Grande Glória” (o comandante da espaçonave), e eles sabiam muito bem que não podiam voltar atrás. Assim, fizeram o melhor possível para sobreviverem na Terra e ensinar aos terráqueos da Idade da Pedra como produzir armas e outros objetos úteis, que estes não conheciam anteriormente. Este cenário não é meu; é exatamente como Enoch o descreve. Após a descida dos 200 “observadores do céu” e depois de satisfazerem seus apetites sexuais na Terra, eles repentinamente começaram a ficar nervosos com a possibilidade de o capitão explodir o topo da montanha. Assim, enviaram Enoch para a nave-mãe, esperando que, como um terráqueo, ele pudesse falar a favor deles:

[Eles] enviaram-me para cima, para o céu. E eu fui até chegar perto de uma parede construída de cristais e cercada por línguas de fogo, e isso começou a me assustar. E eu passei pelas línguas de fogo e cheguei a uma grande casa construída de cristais. As paredes da casa eram como um piso ladrilhado de cristais e sua fundação também era de cristal. Seu teto era como o caminho das estrelas e raios e, entre eles, querubins ardentes, e seu céu era como água. Um fogo flamejante cercava as paredes e seus portais ardiam com o fogo... Havia uma segunda casa, maior do que a primeira, e todas as suas portas estavam abertas diante de

mim, e era construída por labaredas. E cada aspecto, seu esplendor, magnificência e extensão eram tão excelentes que não consigo descrever-lhe seu esplendor e tamanho. E seu piso era de fogo e, acima, havia relâmpagos e o caminho das estrelas; e este teto também era de labaredas. E eu olhei e vi ali um trono sublime. Parecia ser de cristal e as rodas eram como um sol brilhante... E nele estava sentada a Grande Glória, e suas roupas brilhavam mais do que o sol e eram mais brancas do que qualquer neve. (Capítulo 14, 9-21)

UMA CRONOLOGIA ARBITRÁRIA

Os críticos podem muito bem indicar que eu realmente não citei essas passagens do Livro de Enoch na ordem “correta” e que, assim, estou deliberadamente distorcendo a cronologia dos eventos. Bem, peço o seu perdão! A ordem dos capítulos realizada pelos especialistas de épocas anteriores foi, em si mesma, feita ao acaso. Ninguém estava em posição de dizer com grande certeza qual era a ordem em que os vários pergaminhos e rolos deveriam ser lidos. Eles puseram mãos à obra com grande entusiasmo, tentando colocar um pouco de ordem no caos, baseados na idéia que tinham do que o texto estava tentando dizer. Como tradutor, Dr. Emil Kautzsch observou, em 1900, que o texto “não é proveniente de uma única fonte”. E já que nenhum perito de mais de um século atrás foi capaz de realmente identificar sobre o que falava o texto, o Dr. Kautzsch também se perguntou: “O que é que estas teorias amplamente aleatórias [de Enoch] sobre o sol, a lua, as estrelas, os ventos e assuntos semelhantes têm a ver com o julgamento messiânico?” Todo tradutor de Enoch, sem exceção, teve de lidar exatamente com este mesmo dilema. A ordem dos textos nunca foi completamente compreendida. Por um lado, isso se deve ao fato de novos extratos estarem sempre sendo acrescentados, o que desorganiza a cronologia; por outro lado, as palavras e expressões poderiam ser interpretados de maneiras completamente diferentes. Somente do Livro de Enoch eslavo, há três revisões: a longa, a média e a curta. Na mais longa, os especialistas não tiveram dificuldade em identificar os diferentes estilos de escrita de cinco diferentes escribas, que usaram a ortografia do búlgaro médio. Um estilo de escrita do sul da Rússia pode até ter indicado sua cidade de origem: “escrito na cidade de Poltava, na igreja imperial da Ressurreição de nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo... no mosteiro da Ascensão de nosso Senhor”. Além deste, há textos de Enoch que são sérvios e russos, um deles consistindo de 189 folhas e o outro de 362. Como os chamados urtextos dos evangelhos do Novo Testamento, estas versões de Enoch foram editadas de tempos em tempos. Os abades e monges acreditavam que estes livros se referiam ao messias, a redenções, ao

juízo final e à segunda vinda do Messias, isso sem mencionar o juízo divino do apocalipse (como mencionado no Apocalipse do Novo Testamento). Logicamente, passagens do texto original que não faziam sentido foram adaptadas para se ajustarem ao pensamento da época. Que caos! Deste modo, partes da “versão mais longa”, traduzida pelo Dr. Nathanael Bonwetsch saíram diferentes na versão grega ou eslava. Por exemplo, na descrição da descida dos “observadores do céu”:

“...do trono do Senhor, eles desceram à Terra, ao lugar chamado Ermon, e quebraram seus juramentos na saliência do monte Ermon e viram como as filhas dos homens eram boas e tomaram esposas para si mesmos, e mancharam a Terra com seus atos...” (Capítulo XVII) A lógica dos respeitáveis analistas dos últimos 200 anos simplesmente não acrescenta nada. Suas idéias, que ainda os guiam até hoje, estavam erradas desde o início. Quaisquer outras interpretações possíveis eram sufocadas desde o começo por um colete religioso firmemente amarrado, que não os deixava respirar. Foram traçadas linhas que não deveriam ser cruzadas. E no que se refere à nossa interpretação contemporânea, talvez estejamos sendo um pouco injustos com nossos ancestrais, que dificilmente poderiam esperar ter conhecimento de viagens interestelares. Este ponto de vista contemporâneo muda todo o significado de Enoch - e não apenas de Enoch! As conseqüências poderiam ser altamente inquietantes, pois a existência de extraterrestres, deixada de lado há milhares de anos atrás, geralmente nos força a tirar conclusões que arrebatam nossa visão atual das coisas. E não estou dizendo isso de uma forma arrogante ou irônica. Simplesmente não há outra maneira de dizer isso: nós temos de reinterpretar os textos que recebemos de nossos ancestrais a partir de um ponto de vista moderno. Há uma quantidade muito grande deles para que os ignoremos. Estão espalhados pelo mundo e outros mais virão de ruínas e templos (você, meu querido leitor, encontrará mais no próximo capítulo), tais como o Manuscrito Voynich. Estamos marchando em linha reta diretamente para a era das maravilhas e do despertar. A história humana ainda não acabou - há ainda um longo caminho.

UMA VIAGEM PARA O CÉU

Enoch experimenta - assim como o fizeram Abraão, Ezequiel, Arjuna e Enkidu, em outras histórias - uma viagem para o espaço. Uma viagem que ele simplesmente não estava preparado para compreender. E o espanto dele não diminui. Ele não sabe nada dos materiais utilizados na construção da espaçonave. Assim, para ele, os ladrilhos resistentes ao calor do casco são cristais brilhantes, e o vidro reforçado e os aparatos holográficos são “um teto

semelhante ao caminho das estrelas”. Aterrado e cheio de pavor, é levado para ver o capitão: “a Grande Glória estava sentada [em seu trono] e suas estelas brilhavam mais do que o sol e eram mais brancas do que a neve”. E o que esta gloriosa divindade faz? Cumprimenta Enoch e deixa claro que os “anjos caídos” - os amotinados - não podem esperar mais nada dele:

Não tema, Enoch, você que é um homem correto e escriba da retidão. Aproxime-se e ouça a minha voz. E vá, diga aos observadores do céu, que te enviaram para interceder por eles: “Vocês deviam interceder pelos homens e não os homens por vocês. Por que motivo deixaram o alto, sagrado e eterno céu e deitaram com as mulheres e se conspurcaram com as filhas dos homens e tomaram esposas para si mesmos e agiram como os filhos da Terra...? (Capítulo 15,1-4)

A “Grande Glória” também sabe como irá lidar com seus amotinados e com a sua prole: um terrível dilúvio sobre toda a Terra. “Sim, virá uma grande destruição sobre toda a Terra e haverá um dilúvio... e haverá uma grande punição sobre a Terra e a Terra será lavada de toda impureza.” (Capítulo 106,13 e ss) Na versão mais longa, esta passagem tem ainda mais detalhes: “E por essa razão trarei um dilúvio sobre a Terra, e a própria Terra será destruída e afundará no lodo.” Tendo dito isso, a “Grande Glória” toma providências para assegurar que alguns escolhidos sobrevivam, de modo que, no curso dos milênios, a população humana estará em posição de se recuperar - até o seu retorno na versão longa do Livro de Enoch eslavo, a “Grande Glória” fala de uma “segunda vinda”. De modo muito interessante, os sobreviventes do Dilúvio possuem uma estrutura genética alterada. Isso pode ser deduzido de escritos antigos. Escrevi extensamente sobre esse assunto em meus outros livros. (E os geneticistas espertos serão capazes de ver por si mesmos.) É mesmo permissível deduzir que há um único Enoch em toda essa confusão de textos de Enoch. Então, em cima disso, filtrar - arbitrariamente? - aquelas passagens que se ajustam a uma interpretação moderna? Apenas para lembrá-lo: o próprio Enoch afirma sua autoria muitas vezes ao falar como o pai de Matusalém. Então, o conhecimento é ditado a ele, que simplesmente não pode ser atribuído a qualquer sociedade antediluviana:

“E eu vi outros relâmpagos e as estrelas do céu... E eu vi como elas são pesadas em uma balança de retidão, de acordo com suas proporções de luz, a amplidão de seus espaços e o dia de seu surgimento.” [grifo do autor] (Capítulo 43, 1-2)

Como os astrônomos de hoje classificam as estrelas? Eles também possuem um sistema de classificação baseado na magnitude (“pesadas na balança da retidão”), no brilho (“de acordo com suas proporções de luz”), bem como na data de sua descoberta (“o dia de

seu surgimento”). O Enoch antediluviano precisa ter recebido tal informação idônea de sua fonte, que estava muito à frente de seu tempo. Estes instrutores estranhos - no Livro de Enoch eles são chamados de Uriel e Pravuil - ditaram e demonstraram conhecimento astronômico e astrológico de grande sofisticação ao emudecido Enoch. Para nós, isso poderia se parecer como coisas da vida diária, mas não para alguém dos tempos de Enoch:

“E lá meus olhos viram os segredos do raio e do trovão, e os segredos dos ventos, como eles são divididos para soprar sobre a Terra, e os segredos das nuvens e do orvalho... E vi as câmaras do sol e da lua, de onde provêm e para onde vão novamente, e seus gloriosos retornos, e como um é superior ao outro, e suas órbitas majestosas, e como não deixam suas órbitas; não acrescentam nada às suas órbitas e nada retiram delas... E, depois disso, vi o caminho oculto e o visível da lua, e como ela realiza o curso de seu caminho naquele lugar, de dia e de noite... (Capítulo 41, 3 e ss) E depois disso, todos os segredos das luzes e relâmpagos me foram mostrados e eles iluminam para abençoar e satisfazer a Terra... (Capítulo 59, 3). Pois o trovão tem locais de descanso a ele designados, enquanto espera por seu ribombar; o trovão e o relâmpago são inseparáveis, e embora não sejam um, ambos caminham juntos através do espírito e não se separam. Pois quando o relâmpago ilumina, o trovão solta a sua voz...” (Capítulo 61,14-15).

Enoch aprende coisas que só fomos aprender milhares de anos depois, através de árdua pesquisa. Ele escreve sobre o “caminho oculto da lua” e sobre leis relativas ao trovão e ao relâmpago, que são verdadeiramente difíceis de creditar a uma sociedade da Idade da Pedra. O anjo Uriel ensina-lhe sobre um “tesouro de luzes e trovão” (Capítulo 17, 3), que é muito difícil para Enoch compreender. Afinal, o mero conceito de um “tesouro de trovão” não é algo que venha simplesmente à cabeça, enquanto se está andando no dorso de um camelo. Em uma estação espacial orbital, por outro lado, os astronautas vêem o “tesouro de trovão” diariamente. E o gigantesco reservatório de carga elétrica que se acumula nos diversos níveis carregados da nuvem e descem durante a tempestade para a Terra como “colunas de fogo celestial” (Enoch novamente).

AULAS DE ASTRONOMIA INTERGALÁCTICA

A instrução de Enoch inclui o sol, a lua, anos bissextos, e os caminhos das estrelas em relação à rotação da Terra. Uau! Vendo como os livros sobre Enoch geralmente não podem ser encontrados na maioria das livrarias e a Internet tem pouco mais do que comentários superficiais que não acrescentam nada à nossa compreensão, posso oferecer

pouco mais do que algumas citações da tradução de mais de cem anos atrás, de Charles:

O livro do curso dos luminares do céu, as relações de cada um, segundo suas classes, seu domínio e suas estações, segundo seus nomes e lugares de origem e segundo os seus meses, o que Uriel, o anjo sagrado, que estava comigo e que é o guia deles, mostrou-me... E, primeiro, há o grande luminar chamado Sol, e sua circunferência é como a circunferência do céu, e ele é preenchido por um fogo quente e iluminante... e o sol atravessa o céu e retorna pelo norte para alcançar o leste...Quando o sol eleva-se ao céu, ele vem através daquele quarto portal trinta manhãs sucessivas, e se estabelece precisamente no quarto portal no oeste do céu. E, durante este período, o dia vai se tornando diariamente mais longo e a noite mais curta... (Capítulo 72, 1 ss).

E prossegue nesta mesma direção: o sol viaja através desses “portais” imaginários e os dias vão ficando mais longos e as noites mais curtas até que “naquele dia, o dia equaliza-se com a noite, e a noite aumenta para nove partes e o dia para nove partes”. (Capítulo 72, 20-21).

Qualquer um pode ver que o sol surge no leste e se põe no oeste. Mas estas auroras e poentes nem sempre ocorrem exatamente nas mesmas localizações. O ponto em que o sol se levanta e se põe, muda todos os dias dentro de um conjunto de parâmetros fixos, dependendo do ponto de observação. No primeiro dia da primavera (21 de março, no hemisfério norte) e no primeiro dia do outono (23 de setembro, no hemisfério norte) o sol surge exatamente no leste e se põe exatamente no oeste. Nos demais dias, a nascente e o poente estão um pouco deslocados desses pontos. Estes são os “portais” de Enoch, nos quais o sol viaja. Até que o desvio seja novamente cancelado, como Enoch confirma: “E com isso o sol atravessa as divisões de sua órbita e volta novamente sobre aquelas divisões de sua órbita.” (Capítulo 72,27).

Eu acredito na evolução - com alguma reserva - e engoli meu Enoch com a quantidade apropriada de ceticismo saudável. É simplesmente impossível que conhecimento moderno brote em livros antigos, o que nossos “super-espertos” filologistas, teólogos e exegetas chamam de “visões” ou “o jardim mágico de Enoch”. Às vezes, sinto como se estivesse em algum tipo de balé esquisito. Ninfas estão dançando ao meu redor nas pontas dos pés, acompanhadas por homens efeminados em mantos flutuantes, e todos estão compondo um quadro de um mundo fantástico, que nem mesmo existe. Será que nenhuma dessas pessoas tem imaginação? Ou será que são apenas incapazes de jogar fora esse lastro das gerações

anteriores?

Tenho tendência a me descrever como um realista imaginativo, mas não deixo que minha imaginação me absorva. As fronteiras entre os realistas de hoje - os cientistas - e meu modo de olhar as coisas não são fixas, mas o cientista se desvia tão logo a realidade assuma uma forma fantástica. Para nós, hoje, a realidade de Enoch ainda é muito fantástica - como era, de fato, para o próprio Enoch. Lembro-me de um cientista que certa vez me disse, após uma entrevista sobre alienígenas de que ambos participamos: “Isso não faz parte da espécie de coisas com que devemos nos preocupar. Devemos atentar para os nossos próprios problemas atuais!”. Ele não queria acreditar que o passado tinha uma forte influência sobre nosso presente. Se ETs realmente visitaram nosso planeta há milênios atrás e passaram seu conhecimento para alguém, como Enoch, há muito o que fazer agora. Apenas pense, meu querido leitor, sobre o impacto na religião, as consequências filosóficas, as possibilidades para a tecnologia de vôo espacial, que pode atravessar anos-luz. Ou pense ainda na antiga promessa de uma segunda vinda, que aparece em praticamente em todas as religiões até o dia de hoje. Obviamente, há duas hipóteses: as embaraçosas e as demais. Os instrutores de Enoch - chame-os de “anjos”, se quiser, embora isso não se ajuste perfeitamente ao quadro - sabiam perfeitamente bem o porquê de estarem ensinando o seu aluno:

O luminar menor, que é chamado de Lua... seu nascente e poente mudam a cada mês, e o dia, nele, são como os dias do sol, e quando sua luz é uniforme [i.e. lua cheia] alcança a sétima parte da luz do sol. E assim ela nasce. E sua primeira fase no leste surge na décima terceira manhã, e toda a sua circunferência está vazia, sem luz, com exceção de um sétimo dela, e a décima quarta parte de sua luz... E tudo isso Uriel, o anjo sagrado, que era o líder deles todos, mostrou-me; e assuas posições, e eu escrevi suas posições, como ele as mostrou para mim... Em sete partes ela realiza toda a sua luz no leste, e em sete partes realiza toda a sua escuridão no oeste... (Capítulos 73-74).

Na moderna publicação Handbook of Space (Manual do Espaço), você pode ler exatamente a mesma coisa:

O ponto no qual a lua cruza o plano da eclíptica do sul para o norte é chamado de nodo de elevação; o outro é chamado de nodo de queda... A coisa mais impressionante sobre a aparência da lua são suas fases. Como a própria lua não tem uma fonte de luminescência, mas simplesmente reflete a luz do sol, as fases da lua são dependentes das posições relativas dos dois corpos celestes...

Isso apenas parafraseia a informação que ouvimos de Enoch, com a diferença de que ele fala de “portais” nos quais o sol e a lua se movem. Ele também descreve as fases da lua e sabe que o satélite da Terra recebe sua luz do sol. Afirmações como estas pressupõem duas coisas: que o observador compreende não apenas que a Terra é uma esfera, mas também que segue um caminho elíptico ao redor do sol. De algum modo, isso não se ajusta às minhas pré-concepções sobre o estado do pensamento científico no terceiro século a.C., o período no qual o Livro de Enoch foi supostamente escrito. Johannes Keppler, Galileu Galilei e Sir Isaac Newton só entraram em cena muito tempo depois. Nos Capítulos 74 e 75, Enoch fornece uma descrição do dia bissexto:

E se cinco anos forem acrescentados, o sol teria um excedente de trinta dias, e todos os dias que adviriam para um daqueles cinco anos, quando estivessem cheios, perfariam 364 dias... E os líderes também tinham a ver com os quatro dias intercalares, sendo inseparáveis de seus escritórios, segundo o cálculo do ano, e estes restam nos quatro dias que não são contados no cômputo do ano... Porque os signos e os tempos e os anos e dias o anjo Uriel me mostrou... E eu vi carruagens no céu, correndo no mundo, acima daqueles portais nos quais giram as estrelas que nunca se põem. E um é maior do que todo o resto, e é isso o que determina o seu curso pelo mundo inteiro, [grifo do autor]

ECOS DA ÍNDIA

Quando li que Enoch viu “carruagens no céu, correndo no mundo, acima daqueles portais nos quais giram as estrelas que nunca se põem”, então meus pensamentos foram atraídos para a antiga Índia. Dê uma olhada nisso:

O carro de Indra, dotado de grande esplendor e dirigido por Matali, chegou dividindo as nuvens e iluminando o firmamento, enchendo todo o céu com seu rugido. Era uma criação celestial, cegando o contemplador. O próprio Arjuna - resplandecente como o sol - subiu no carro celestial... Conforme se aproximava daquele reino invisível aos mortais da Terra, ele contemplou milhares de carros de beleza extraordinária. E naquela região não havia sol, ou lua, ou fogo para fornecer luz... E aquelas regiões brilhantes, que são vistas da Terra sob a forma de estrelas, como lâmpadas, são grandes corpos celestes...

Simplesmente não faz sentido analisar os contos de Enoch isoladamente, ou vê-los unicamente em termos de sua relação com outros textos semi-religiosos, insípidos, pertencentes à fé judaico-cristã, e varrer o resto para debaixo do tapete! Mas há luz no fim do

túnel - mesmo que a luz esteja vindo de milhares de anos atrás. O estado de nosso conhecimento hoje não é o auge da sabedoria, e a humanidade não é o pináculo da evolução. Nossa crença teimosa nos achados dos cientistas só é justificável em áreas onde a ciência é uma arte exata. Todas as deduções baseadas em sabedoria coletiva, porém, precisam ser tratadas com cautela e questionadas tão logo uma nova informação venha à luz. A informação fornecida por estes textos antigos não é nem sonho, nem pensamento ansioso. Está ali e irá confundir e surpreender nossa sociedade que surfa nas ondas da internet, trazendo mais caos do que trouxe a própria invenção do rádio.

Mesmo hoje, vivemos numa espécie de mundo de quebra-cabeça: a tela da TV é como um espelho mágico que nos traz quadros de manobras militares no Iraque, eventos políticos no Peru, ou expedições ao Pólo Sul - tudo entregue em nossas salas de estar ao toque de um botão. Assistimos ao assassinato de um presidente dos Estados Unidos e, depois, muito pouco tempo depois, vemos o mesmo homem - parece que levantado dos mortos - falando e sorrindo para nós de uma tela trêmula. Assistimos a um programa sobre ciência, mostrando descobertas feitas sob um microscópio, e nunca ficamos sabendo o que é verdade e o que é simplesmente propaganda. Bocejamos diante de lançamentos de foguetes e ficamos espantados com a Estação Espacial Internacional, que está se movimentando em algum lugar sobre as nossas cabeças, brilhando como uma estrela fraca. Quando o planeta Terra finalmente se livrar de sua infestação de seres humanos, só o céu saberá como os nossos sucessores neste mundo descreverão o passado. Apenas imagine, querido leitor, que alguma catástrofe esteja para se abater sobre a Terra - não importa que catástrofe. Mas em algum lugar, no pico de alguma montanha dos Alpes suíços, alguns poucos de algum modo sobreviveram. Você pode ter certeza de que eles farão tudo o que puderem para assegurar que a espécie sobreviva e comecem a produzir filhos logo que possível. E um pai orgulhoso, sentado com seu filho no colo, olharia para o alto, quando uma excessivamente grande águia mutante da montanha planasse sobre sua cabana e diria, apontando:

“Olhe, filho, quando eu era mais jovem, havia pássaros de metal centenas de vezes maiores do que aquela águia. E as pessoas podiam se sentar na barriga do pássaro e olhar pela janela e ver a Terra lá embaixo. Esses pássaros poderosos voavam mais rápido do que uma flecha sobre a grande água, para um lugar onde as casas eram construídas tão alto, que alcançavam as nuvens...”

O pai fica velho e morre e o próprio filho torna-se pai.

Agora, o jovem pai conta a história para seu filhinho:

“Apenas imagine, meu filho. O seu avô me contou que houve uma vez pássaros gigantes nos quais as pessoas podiam se sentar e olhar para a Terra abaixo delas. Esses pássaros voavam mais rápido que qualquer flecha e podiam até atravessar a poderosa água, para um lugar onde as casas elevavam-se até as nuvens...”

Já para a segunda geração, a história é inviável. Assim, apenas tente imaginar o que acontece quando, muitas gerações depois, os teólogos analisam tais cenas de seu ponto de vista psico-religioso. Santo Enoch, nos ajude! Hoje, você pode encontrar muitos textos de épocas há muito esquecidas, mesmo que tenham sido reescritos muitas vezes e adaptados à compreensão da época. Alguns desses textos foram intencionalmente transformados em cifras, tal como a Cabala judia, de modo que apenas alguns de um seletivo círculo de iniciados pudessem compreender o conteúdo criptografado. Outros, como no caso do Popol Vuh ou das inscrições maias - há três versões! - só restaram pequenos excertos e, mesmo assim, muito provavelmente pobremente traduzidos. E, depois, há aqueles, como o Manuscrito Voynich, que desafiam qualquer tentativa para se revelar o seu conteúdo. Isso sem falar das centenas de milhares de escritos que foram vítimas do fogo ou de destruição intencional ao longo dos séculos. Mas a Bíblia, os Apócrifos e o bom e velho Livro de Enoch realmente existem, mesmo que não mais totalmente em suas formas originais. O que fazemos com eles, nós, os espertos homens e mulheres modernos? Transformamos uma mutação genética intencional - em outras palavras, uma mudança em nosso código genético - em um “milagre do nascimento”. Você pode encontrar nos capítulos 106 e 107 do Livro de Enoch, ou no Manuscrito de Lamech, um dos famosos “Manuscritos do Mar Morto.” E o que nós, palhaços, fizemos com ele? O motivo original da “imaculada concepção”! As descrições altamente precisas feitas pelo profeta Ezequiel, na Bíblia, foram transformadas em “visões, sonhos, inspirações” e outras mistificações semelhantes, embora ele claramente esteja falando sobre um ônibus espacial. E nós ficamos andando de um lado para o outro com o Livro de Enoch, tornando-o uma espécie de incrível “jardim mágico”. Loucura!

UM LEGADO PARA AS GERAÇÕES FUTURAS

A história do sétimo rei antediluviano, que “subiu para o céu”, como dizem os manuscritos, foi falsificada, adaptada, expandida, mudada, reescrita e religiosamente interpretada, e, não obstante, o conteúdo ainda é reconhecível. E porque este “sétimo” aparece tanto na Torah judia e no Antigo Testamento sob o nome de Enoch, esta mistura de contos encontra-se reunida sob o título de “os Livros de Enoch”. Muito embora o escritor

possa bem ter sido chamado por qualquer outro nome, fico com poucas opções e vou chamá-lo também de Enoch. A este camarada foram ensinados muitos ramos da ciência por uma raça alienígena e, para fazer com que as coisas andassem mais rapidamente, ele aprendeu a escrever usando uma “caneta de escrita rápida”. Após o seu estrondoso curso celestial, ele foi devolvido ao seu povo com uma tarefa urgente: ensinar o povo e passar adiante os seus livros, para que sobrevivessem às eras:

E dois mil homens se reuniram e foram para o lugar Achuzan, onde Enoch estava com seus filhos. E os anciões do povo, a assembléia inteira, vieram e ajoelharam-se e começaram a beijar Enoch e a dizer-lhe: ... o Senhor escolheu-te entre todos os homens na Terra e designou-te escritor de toda a criação dele.

(Capítulo XLIV, 4-5, versão mais longa).

Que lugar é esse, “Achuzan”, onde Enoch reuniu seu povo? A informação astronômica que ele fornece nos dá uma boa base para descobrir. Antes de Enoch retornar para o “céu” - ou, na versão moderna, para a nave-mãe para fazer a grande viagem pelo espaço - ele faz um grande esforço para contar ao seu povo tudo o que lhe aconteceu, e preservar seus livros para as futuras gerações:

“Enoch nasceu no sexto dia do mês Tsivan, e viveu trezentos e sessenta e cinco anos. Ele foi levado para o céu no primeiro dia do mês Tsivan e permaneceu no céu por sessenta dias. Escreveu todos esses signos de toda a criação, que o Senhor criou, e escreveu trezentos e sessenta e cinco livros, e foi novamente levado para o céu no sexto dia do mês Tsivan, no mesmo dia e hora em que tinha nascido... Matusalém e seus irmãos, todos filhos de Enoch, apressaram-se e erigiram um altar no lugar chamado Achuzan, onde e quando Enoch tinha sido levado para o céu.” (Capítulo I XVIII, versão mais longa).

E se permanece alguma dúvida quanto a se Enoch foi realmente o sétimo patriarca antediluviano e se era realmente sobre livros que se estava falando:

“... Grave bem as palavras de seu pai, que virão a você dos lábios do Senhor. Pegue estes livros, escritos pela mão de seu pai, e leia-os...

(Capítulo XI.VII, versão mais longa)104

“Enoch de fato escreveu esta doutrina completa de sabedoria...” (Capítulo 92,1).

“Um outro livro que Enoch escreveu para seu filho Matusalém e para aqueles que virão depois dele...” (Capítulo 108, 1)

“E depois que Enoch deu tanto e começou a narrar detalhadamente os livros...”
(Capítulo 93, 1)

“E agora, meu filho Matusalém, chame todos os teus irmãos e reúna a mim todos os filhos de tua mãe...” (Capítulo 91, 1)

“E agora, meu filho, eu te mostrei tudo, e a lei de todas as estrelas do céu está completa.” (Capítulo 79, 1)

“E Matusalém apressou-se e reuniu seus irmãos, Regim, Riman, Chermion, Gaidad, e todos os anciões do povo diante da face de seu pai Enoch...” (Capítulo LVII, 2)

E não devemos deixar de lado sua missão para o futuro, porque isso nos inclui também:

“E agora, meu filho Matusalém... eu te revelei tudo e te dei livros relativos a tudo isso; assim, preserve, meu filho Matusalém, os livros da mão de teu pai e que tu os entregue às gerações do mundo...” [grifo do autor] (Capítulo 82)

Onde estão esses livros? Certamente, não são os feixes de antigos pergaminhos que compõem os chamados Livros de Enoch. Em algum momento e em algum lugar esses textos desaparecidos irão aparecer. Isso é o que a “Grande Glória” profetiza - e ele deveria saber:

Eis que de sua semente surgirá outra geração, muito mais tarde, mas dela muitos estarão bem insatisfeitos. Aquele que criar essa geração a ela revelará os livros escritos por tua mão, dos teus ancestrais, para quem ele deverá indicar a guarda do mundo, para os homens de fé e operários do meu prazer, aqueles que não conhecem meu nome em vão. E eles contarão para outra geração, e aqueles outros, que tendo lido, serão glorificados depois disso, mais do que o foram os anteriores, [grifo do autor] (Capítulo XXXV)

Fantásticas essas pérolas de sabedoria dos dias de outrora! O diagnóstico é aquele que se ajusta. Textos, que são simplesmente muito complexos para as pessoas dos tempos de Enoch, serão descobertos milhares de anos depois, e aqueles que os lerem serão “glorificados depois disso, mais do que o foram os anteriores”. Alguém como eu, que tende a olhar um pouco mais para trás, nas brumas do tempo, poderia ajudar na aceleração ao longo deste tempo de despertar. Uma grande mudança está chegando e por mais que políticos, cientistas que se dão muita importância, e líderes religiosos, fervorosamente vociferantes, possam querer, nunca serão capazes de impedir. Não há vacina contra o pensamento. Idéias não conhecem fronteiras nem censura. E mais: idéias têm uma tendência perigosa de se

alastrarem como o fogo.

O MILAGRE DA DESINFORMAÇÃO

A maravilha da televisão é um dos meios empregados para tentar transformar a sociedade em uma desordem uniforme. A manipulação e o controle de pensamento inexoravelmente continuam. A humanidade está sendo lavada por um grupo de moralistas maçantes, que se convenceram de que são “gente boa”. Sua visão do mundo é fabricada pela mídia de massa e os chefes e editores-chefes da mídia eletrônica são apenas os escudeiros de “conselhos” desnecessários, “conselhos consultivos” de comissões políticas e “contingentes”, que não perdem uma única chance de se envolverem nas coisas - sem levar em consideração se, ou não, têm alguma idéia do que estão falando. Programas de TV com opiniões que contradizem qualquer religião - qualquer que seja ela - não são permitidos. E a isso que chegamos!

Nossa natureza não-científica, nossa fé em uma ou outra burrice, domina nossas vidas. O fluxo maciço de informação lá fora apenas nos tornou preguiçosos. Preferimos vegetar à frente da TV a ler um livro com olho atento e crítico; ou vadiar na praia em Hurghada a olhar a Grande Pirâmide bem de perto. Os jovens de hoje ficam à toa com seus computadores; seus monitores vomitam dados que não interessam a ninguém e, portanto, são imediatamente remetidos para a lixeira do esquecimento. De que nos adianta, nesta era eletrônica, ter milhares de vezes mais informação disponível, se não se faz nada com ela? Sim, surfamos nessa onda, mas realmente nunca mergulhamos nela. A Internet nos manipula, porque acreditamos que podemos ter acesso a qualquer coisa que queiramos, e que isso nos torna bem informados. IT - Information Trickery (Truques de Informação). A internet apenas cospe aquilo que alguém, em algum lugar, digitou. Assim, você achará difícil, querido leitor, encontrar os textos apócrifos, a lista de Manetho dos reis egípcios, para não mencionar a tradução completa do Mahabharata, feita por Chandra Roy, em 1888. Muito do que “sabemos” sobre a internet é uma ilusão. Ficamos tateando no escuro, quando procuramos textos antigos, que, provavelmente, nunca estarão online. Giga: garbage in, garbage out (lixo dentro, lixo fora). Assim, nunca haverá qualquer indexação cruzada. A onisciente Internet é unilateral e basicamente uma manipulação daqueles que acreditam que realmente podem acreditar nela, postada por pessoas assim para outras semelhantes a elas. Os “cabeças-de-batata” de hoje comportam-se como todas as pessoas que pensam do mesmo jeito, a partir do momento em que se sentam à frente do teclado. Exatamente como pacientes semi-conscientes,

todos tendo espasmos uns com os outros. Isso não me choca mais, porque sei como o sistema funciona. Não há mais ligações cruzadas fora da Net; simplesmente são desconhecidas. Assim, surgiu uma espécie de psicose de fé - você quase pode descrevê-la como uma cultura de parasitas, que se tornou rotina em nossa alegadamente muito bem informada sociedade. Ligar o passado ao futuro é impensável para mentes de mão única. Mas, eles são, não obstante, totalmente interligados, e qualquer um que ainda não percebeu isso tem mais é que aprender rapidamente, porque o futuro está prestes a ser invadido pelo passado. Como você irá se comportar, quando os amigos alienígenas de Enoch realmente voltarem? E que eles irão voltar é tão certo quanto a noite segue o dia. Para aqueles que estão interessados, recomendo meu livro *The God Shock* (Choque de Deus). Será que vamos sofrer um choque de Deus? O fato de que nosso pensamento é manipulado desde a hora em que nascemos é ilustrado lindamente (ou porcamente, se você preferir) no exemplo dado a seguir, que não me tem saído da cabeça desde que fui a uma palestra do professor Karl Steinbuch, há cerca de 40 anos atrás: Em alguns países, as crianças são educadas para serem fiéis cristãos; em outros, para serem muçulmanas. E nenhuma sociedade considera que a simples troca dos bebês pode tornar muçulmana uma criança que, de outro modo, seria cristã, ou vice-versa. Este simples discernimento demonstra a natureza fundamental de qualquer doutrinação. Depois de Enoch ter aprendido a língua dos extraterrestres, que lhe foi ensinada pelos “anjos”, escreveu tudo em pergaminhos com sua “caneta de escrita rápida” e, depois, passou 30 dias relatando todo o episódio a seus filhos e anciões, seus novos amigos “celestiais” vieram e o levaram para a grande excursão. O povo não compreende o que está acontecendo:

Depois de Enoch ter falado ao seu povo, o Senhor enviou a escuridão sobre a Terra, e houve escuridão e ela cobriu aqueles homens que estavam com Enoch, e eles levaram Enoch para cima, para o céu mais elevado... E as pessoas viram, mas não entenderam como Enoch tinha sido levado, glorificaram Deus, e todos foram para suas casas. (Capítulo LXVII, versão mais longa)

ENOCH TIRA FÉRIAS

As lendas antigas dos judeus contam uma versão ligeiramente mais longa do desaparecimento de Enoch. Os “anjos”, eles dizem, prometeram a Enoch levá-lo com eles, mas a data da partida não tinha sido decidida: “Chegou-me um aviso de que eu partiria para o céu, mas eu não sabia em que dia eu o deixaria.” Assim, Enoch sentou-se com seu povo e compartilhou com ele tudo o que tinha aprendido com os anjos Uriel e Pravuil. Em particular,

ele enfatiza que seus livros não devem ser mantidos em segredo, mas que precisavam ser preservados para as futuras gerações (algo que eu aprovo!). Após alguns dias de ensinamentos, as coisas começam a ficar excitantes:

E ocorreu ao mesmo tempo em que as pessoas e Enoch estavam sentadas e ele falava com elas. As pessoas levantaram os olhos e viram a figura de um corcel descendo do céu, e cavalgou para baixo em uma tempestade sobre a Terra. E as pessoas falaram para Enoch o que viam. “Este corcel desceu para mim. Chegou o tempo e o dia em que os deixarei e nunca mais os verei”. Então, o corcel estava lá e todos o viram claramente.

Aparentemente, Enoch tinha sido previamente avisado pelos ETs Uriel e Pravuil de que a decolagem poderia ser perigosa para as pessoas ao redor; assim, ele aconselhou-as a se afastarem. Ele avisou muitas vezes os assistentes curiosos para que não o seguissem, “assim vocês não morrerão”. Alguns deles compreenderam, mas os espectadores mais obstinados ficaram desesperados para testemunhar o “arrebatamento” de Enoch em primeira mão. E a coisa fica dramática: “Eles falaram: nós o seguiremos até o local de onde você partirá; apenas a morte pode se colocar entre nós. E porque eles eram teimosos, ele não falou mais com eles, que o seguiram e não mais retornaram. E assim aconteceu:

Enoch subiu para o céu tempestuoso em corcéis de fogo em uma carruagem de fogo.”

A viagem de Enoch para as nuvens termina para seus companheiros. No dia seguinte, um grupo de busca partiu para procurar aqueles que tinham seguido o mestre:

“E eles procuraram naquele lugar onde Enoch tinha subido para o céu e, quando chegaram ao local, encontraram o chão esbranquiçado como neve e grandes pedras que pareciam pedras de neve. Falaram uns com os outros e disseram: vamos tirar esta neve para ver se aqueles que seguiram Enoch estão sob ela. E eles cavaram a neve e encontraram aqueles que acompanharam Enoch mortos. Também procuraram Enoch, mas não o encontraram, pois ele tinha subido para o céu. Isso aconteceu no centésimo décimo primeiro dia da vida de Lamech, o filho de Matusalém, quando Enoch subiu ao céu.”

Este final dramático deve ter deixado até os exegetas algo perplexos, pois tinham sempre interpretado a “ascensão” de Enoch simplesmente como a aceitação do mesmo no seio de Deus. Apenas imagine o querido e bondoso Deus olhando com indiferença, enquanto centenas de inocentes espectadores são queimados por irem assistir a subida de seu mestre para o céu. Eles ouviram seu sábio mestre Enoch, eles o honraram, estavam ligados a ele e, finalmente, fatalmente o seguiram até o local de seu lançamento ao céu. O que essas pessoas

fizeram realmente de errado? Enoch parte “na intempérie” e “em corcéis de fogo de carruagens de fogo”, mas no solo todos são queimados vivos, e até as pedras são calcinadas e ficam cobertas com um fino pó branco, que se assemelha à neve. Hoje, sabemos que certas rochas (por exemplo, o calcário) tornam-se brancas, quando expostas ao calor extremo e essa areia - dependendo da temperatura - se funde em cristais vítreos, que se assemelham ao sal branco. E nosso querido e amável Deus fez isso? E os teólogos descrevem tudo isso como “visões” de Enoch. Deus não tinha o poder de buscar seu pupilo de uma maneira menos destrutiva? Por que essa imolação agonizante e dramática de tantas pessoas, que simplesmente queriam acompanhar seu amado mestre Enoch?

TEMPO PARA UM NOVO ARREBATAMENTO

Teologia, filologia, filosofia. Essas são, afinal, humanidades, e, contudo, são precisamente esses grupos que me acusam de subverter os textos para ajustá-los às nossas teorias. Que tipo de saltos intelectuais você precisa fazer para transformar em divino algo como “Mais Elevado” e a “Grande Glória” dos Livros de Enoch? Reconhecidamente, tenho alguma compreensão de algumas dessas interpretações da antiga escola; afinal, não se podia esperar que nossos honoráveis ancestrais conseguissem compreender qualquer coisa relativa a viagens interestelares e, conseqüentemente, compreender, interpretar e conservar os textos dentro de sua própria estrutura teológica de referência. Mas conservação significa preservação - e nem mesmo o melhor dos conservantes consegue manter o alimento fresco para sempre.

Os textos de Enoch e muitos outros documentos antigos estão gritando por uma interpretação mais contemporânea. Mas, em nossa sociedade, as pessoas gritam de volta, em choque e horror: “impossível”, “vão da imaginação”, ou até “sacrilégio”! Quando o conhecimento vencerá e as pessoas entenderão que a roda da compreensão não é girada por peritos - mesmo que sejam acadêmicos - mas por aqueles que não querem calar o intelecto? Desde 1946, a ONU declarou que a liberdade de informação era um direito humano fundamental. E os chamados Estados “livres” possuem leis, como o “Ato da Liberdade de Informação”, como é chamado nos Estados Unidos da América. A liberdade de se trocar informação é um dos direitos mais valiosos que possuímos. É lógico que todo mundo deveria ser livre para dizer, escrever e até imprimir suas opiniões. Não é?

Mesmo no mundo democrático, já regredimos ao estágio em que livros são banidos por lei. Uma única pessoa, ou um grupo religioso - ou, até pior, uma ideologia política -

sente-se atingida e se enche de indignação e, antes que você saiba, o livro vai para a lista de banidos (às vezes antes mesmo que tenha sido publicado!), como se as partes afetadas não fossem capazes de processo por difamação, e os casos genuínos ou alegados de calúnia não pudessem ser reunidos apropriadamente. Em alguns dos casos mais extremos, isso se dá à custa do autor, que alardeou estes “libelos” no mundo inteiro. Hoje, alcançamos um ponto em que certas coisas não podem mais ser ditas em público. São impedidas por serem politicamente incorretas ou por legislação hipócrita, que grita por - dá para acreditar nisso? - espionagem para descobrir quem falou o quê. A manipulação judicialmente conduzida, o Estado Orwelliano, está sendo introduzido pedaço por pedaço por palhaços políticos, que indescritivelmente se levam a sério. E os pobres juízes, que persistem com este nonsense, convencem-se de que seus julgamentos contribuem para a paz social e que é uma reivindicação mais elevada do que qualquer constituição. Como membro do PEN Clube internacional - que está comprometido com a liberdade de expressão falada e escrita -, sinto-me constrangido ao ouvir falar dessas leis profanas, que restringem nossa liberdade e que agora existem até em meu país de origem, a Suíça. É surpreendente o quão longe esses políticos tolos chegaram.

Em uma teocracia, não há liberdade de informação. Aqueles que proíbem a palavra escrita e falada sempre têm razão para temê-la. Sua própria doutrinação cheira mal até o céu! A sociedade está “adaptada” - a próxima fase será assim: pela esquerda, marchem!

Afirmei que os textos dos extraterrestres existem na Terra e citei os seguintes exemplos:

O deus Teuth deu ao faraó escritos, em Naucratis.

O chamado Livro de Adão preservado em uma safira.

Oannes (na Babilônia) deu ao povo um livro.

O ser divino Yma, do livro sagrado dos persas, o Avesta, apresentou escritos. O mesmo ser era conhecido pelos fenícios como Taut.

O imperador chinês recebe textos de um monstro chamado Meng-bo, uma besta com “corpo de cavalo e cabeça de dragão”.

O divino mestre Padmasambhava, no Tibete, traz para a Terra, escritos indecifráveis, que são preservados para o dia em que “possam ser compreendidos”.

Diodorus da Sicília diz que um deus ensinou o homem a ler e escrever.

Enoch: “Observe, Enoch, estas tabuinhas celestiais e leia o que está escrito nelas...”
Enoch é ensinado pelos anjos e a ele é dada uma “caneta de escrita rápida”. Ele passa seus livros para seu filho Matusalém.

Minha lista não está completa - milhares de autores da Antiguidade e escrituras de várias religiões afirmam a mesma coisa. Assim, o que fazemos com isso? Apenas contos de fada, nonsense, burrice, visões, imaginação, pensamento anelante, arrebatamentos, jardins mágicos? Será que somos nós o problema? Será que é nosso modo de enxergar as coisas? Será que não conseguimos acreditar no que está bem à nossa frente? Nosso pensamento é conduzido pelo pensamento acadêmico, desde o momento em que entramos para a escola. Evolução é a palavra mágica. E o fato de que a evolução existe tem sido provado e é indiscutível. Com reservas. Nem tudo corre segundo o princípio da evolução feliz. Tem havido mutações genéticas-alvo ao longo da história do homem. Pelo menos isso pode ser provado por escritos antigos e aqueles que não acreditam simplesmente não conhecem os textos. Há “deuses” e “mestres” que simplesmente não conseguimos fazer sumir, por não se ajustarem à caixa marcada pelo título “evolução” - porque eles estiveram aqui e deixaram sua marca. E isso pode ser demonstrado por qualquer um que conheça todo esse material; os outros deveriam dar uma olhada nisso! Nossa crença obstinada na evolução nos fez engolir à força - uma boca cheia por vez - a crença de que uma coisa leva a outra e nós, seres humanos, estamos no topo da pilha evolutiva. Isso não é mais verdadeiro do que a reivindicação religiosa de que somos o pináculo da criação. Os sábios acadêmicos de nossa era agarram-se ao princípio da “simples possibilidade”, da “solução mais plausível”. Esta abordagem exclui qualquer outro modo de encarar as coisas. Estão confinados a uma espécie de prisão do pensamento, porque, uma vez que “a solução mais plausível” foi encontrada, isso coloca um fim à questão. Qual é o problema de se olhar mais além? Quando aplicada aos problemas mais fundamentais, esta metodologia, mesmo que tenha sido declarada sacrossanta pela comunidade científica, somente nos dá a metade da resposta - se o fizer. E uma dessas soluções inúteis é a teoria da evolução. Evolução é a resposta para muitas coisas - mas não todas as coisas.

PLATÃO LANÇA ALGUMA LUZ

O diálogo de Platão Timeu, por exemplo, não é apenas sobre a Atlântida; trata também de geometria e da criação da Terra. Depois de ler os escritos de Platão durante algumas semanas, achei realmente difícil compreender porque Galileu Galilei sofreu por

causa de suas teorias sobre o heliocentrismo e porque quase foi morto pela Inquisição, no século XVII. Tudo o que Galileu pensava já podia ser lido em Platão. Por exemplo: o fato de que a Terra é esférica ou que orbita ao redor do sol. Gaio Plínio Segundo (23-79 d.C.), que também deve ter estudado Platão e Euclides, coloca muito claramente:

Há um grande debate entre o aprendido e o vulgar para saber se há homens espalhados por todo canto da Terra, de modo que estão com seus pés virados um para o outro... Se alguém perguntasse por que aqueles situados em oposição a nós não caem, nós diretamente perguntaremos de volta se aqueles no lado oposto não ficam imaginando que nós não caímos... É, de fato, maravilhoso que se formasse um globo, quando há tanta superfície plana no mar e nas planícies... assim nunca haveria noite e dia ao mesmo tempo na Terra, pois para a metade do globo virada para longe do sol é noite...

Nada novo sob o sol! Então, será que o conhecimento do Livro de Enoch é proveniente dos antigos gregos? De modo nenhum, porque, mesmo no tempo de Platão, sabia-se que as leis fundamentais provinham dos deuses. Enquanto nos rebelamos contra esse tipo de noção, ela era clara, um conhecimento diário para os filósofos gregos - que atualmente nós chamaríamos de cientistas. Eis um exemplo:

Os participantes do diálogo Gorgias eram Sócrates, Charephon, Górgias, Callicles and Polus - um verdadeiro grupo de intelectuais. Sócrates abriu a discussão afirmando que o que ele iria dizer representava suas firmes convicções e que ele a tomaria como sua verdade. Então, ele explicou que a sabedoria e a importância da geometria também já eram conhecidas pelos deuses. No terceiro volume de Leis, de Platão, isso fica claro. Aqui a pergunta é se não pode existir um leve indício de verdade nas lendas antigas (até antes delas!). Qual é especificamente o significado daquelas lendas “das antigas, numerosas catástrofes humanas causadas por dilúvios e desastres semelhantes, dos quais apenas uma pequena parcela da raça humana conseguiu ser salva”? A discussão girou sobre o fato de que habitantes das montanhas sobreviveram, os quais - depois de apenas algumas gerações - perderam todo traço de memória das civilizações anteriores. As pessoas simplesmente acreditavam “no que era dito a respeito dos deuses e viviam de acordo com isso”. Para viverem em harmonia após o dilúvio, “as pessoas tiveram de desenvolver novas regras, porque nenhum legislador da era anterior tinha sobrevivido.” “Como não fazemos leis para os filhos dos deuses, nem para os heróis, como os legisladores da Antiguidade, que eram, eles próprios, descendentes dos deuses... que também descendem dos deuses, ninguém deveria usar isso contra nós agora...” [grifo do autor]. As leis mais antigas foram introduzidas pelos deuses - e aqui

voltamos para Enoch e seus anjos Pravuil e Uriel. “Nunca!” - gritam os evolucionistas! Os textos de Enoch foram corrigidos pelos sacerdotes judeus a partir do conhecimento dos gregos antigos! Então, qual a explicação para o fato de que Enoch conta sua história na primeira pessoa, dizendo a seu filho Matusalém que os “anjos” o levaram para o céu numa carruagem de fogo e ensinaram-lhe sua sabedoria? Nos diálogos de Platão, Timeu e Crítias relatam extensivamente toda a história da Atlântida - assumo que meus leitores conheçam-na. Ouvimos como Sólon escreveu a história da Atlântida a partir de uma coluna ornamentada, “no lugar onde o Rio Nilo se ramifica, conhecido como Saitic... a grande cidade de Sais... o local de nascimento do Rei Amasis...” O sábio Sólon, que trouxe a história da Atlântida do Egito para Atenas, viveu por volta de 640 a 560 a.C. Sólon copiou a história de um evento que aconteceu milhares de anos antes de seu próprio tempo, que estava inscrita em uma alta coluna. E quem fundou Atlântida? Poseidon, um desses filhos dos deuses - ou, colocando em um contexto mais moderno, um dos descendentes da tripulação amotinada de Enoch, que escolheram o mau caminho com as filhas dos homens e foram proibidos de retornar à nave e continuar sua jornada com a “Grande Glória”.

Não nos esqueçamos:

Poseidon também engravida uma bela donzela terrestre e a Atlântida foi originalmente criada para fornecer abrigo para sua nova família. O simples fato de que o que o deus Poseidon criou com a Atlântida foi um super estado, que estava além do domínio da compreensão tecnológica contemporânea, povoada por pessoas que eram amplamente superiores a qualquer outra raça de homens e onde as construções eram cobertas por uma liga especial de metais chamada orichalcum, não me surpreende de maneira nenhuma. Mas o que este pequeno desvio para a Atlântida tem a ver com os Livros de Enoch?

Do começo ao fim dos textos de Enoch não há qualquer menção à Atlântida, ou a uma ilha que desapareceu em um dilúvio, ou um super estado criado por um dos “anjos caídos”. Por que não? Por que os textos de Enoch foram escritos antes do dilúvio.

“Somente duas coisas são infinitas”, disse Einstein certa vez. “O universo e a estupidez humana, e não estou certo a respeito da primeira.” Einstein não estava insultando qualquer pessoa; estava se referindo à sociedade em geral.

DE VOLTA A VOYNICH

Mas este capítulo não era sobre o Manuscrito Voynich? O que Voynich tem a ver com

Enoch ou os achados descobertos pelo Padre Crespi, no Equador? A Coleção Crespi contém escritos gravados em pedra e metal que nunca foram seriamente considerados, porque ninguém realmente nunca os examinou apropriadamente. Mas painéis como aqueles gravados, o colar dourado com seus 16 símbolos, ou a pirâmide de metal com os elefantes e a faixa de símbolos em sua base, foram todos encontrados a milhares de quilômetros do Equador, nos Estados Unidos, e novamente 12.000 quilômetros a leste, na França. Lá, na pequena aldeia de Glozel, o fazendeiro Emile Fradin descobriu milhares de peças entre os anos de 1924 e 1930. Elas incluíam incontáveis peças gravadas e ossos com símbolos que ninguém nunca analisou. Em seu livro *Geheimakte Archäologie*, o jornalista suíço Luc Bürgin descreveu esses artigos em detalhe -sem causar a mínima impressão na comunidade acadêmica. Mas teria sido melhor se os acadêmicos tivessem olhado melhor, porque muitos dos símbolos das pedras de Glozel também aparecem nos itens da coleção do Padre Crespi. Glozel, na França, e Cuenca, no Equador, estão separadas por cerca de 12.000 quilômetros. Pelo menos alguns dos itens de Glozel foram datados de 15 a 17.000 anos antes de Cristo. Assim, quem “copiou” quem? Outro local enigmático e altamente controverso está localizado em um vale remoto no Illinois, Estados Unidos. Durante os anos 1980, vários artefatos começaram a aparecer, supostamente encontrados em alguma caverna pelo idiossincrático Russell Burrows. Junto com objetos dourados, também havia relíquias de pedra com símbolos gravados. Infelizmente, Russel Burrows fez um escarcéu para manter em segredo o local de seu achado. Contudo, Luc Bürgin teve a sorte de fotografar alguns dos artefatos e pelo menos assim torná-los disponíveis ao público. Os símbolos nos itens da caverna de Burrows eram suspeitosamente similares tanto àqueles de Glozel quanto àqueles da coleção Crespi. Parece que mesmo em tempos pré-históricos - e muito antes do dilúvio - já havia gente entalhando símbolos semelhantes em pedras, ossos e metais. O que fazemos com isso? Bem, devemos pelo menos olhar mais de perto e comparar as coisas!

A peça mais impressionante da coleção Crespi continua sendo o tosco painel de metal dourado de 60 cm de altura com seus 56 símbolos “estampados”. Como me assegurou Padre Crespi - e eu o visitei inúmeras vezes - este era apenas um exemplo de toda uma biblioteca de metal, que estava escondida em lugares secretos (mais sobre isso no próximo capítulo). Alguns dos símbolos assemelham-se àqueles do Manuscrito Voynich. Mas isso em si mesmo não é razão suficiente para erguermos os braços e gritar: “Hurrah!”. O Manuscrito Voynich tem resistido a toda tentativa de decodificação, como aconteceu com os painéis de metal da coleção Crespi, muito embora o especialista em sânscrito Professor D.K. Kanjilaal acreditasse que era capaz de identificar certos caracteres bramânicos antigos entre os

símbolos. Segundo Crespi, sacerdotes hindus tinham lhe assegurado que a biblioteca de metal descrevia a raça humana em tempos antediluvianos. Isso é exatamente o que Enoch faz. E ele foi ensinado sobre os segredos da natureza, do sistema solar e do universo por “anjos”. No Manuscrito Voynich, por outro lado, há centenas de ilustrações de plantas, que simplesmente não existem na Terra. Com algumas delas, é difícil não pensar que são representações botânicas levadas até o nível molecular. E, então, há os estranhos tubos, cubas e banheiras, que estão conectados entre si e com as plantas. Há mulheres sentadas nelas, como se estivessem brincando em alguma espécie de fonte da juventude. Nada disso aparece nos textos de Enoch. Será que isso exclui qualquer tipo de comparação entre Voynich e Enoch?

Diz-se que Enoch escreveu mais de 300 livros. Livros, naquela época antiga, não são os livros como conhecemos hoje. Eram mais rolos de pergaminhos ou - para usar um equivalente moderno - brochuras. Enoch entregou-os, não se esqueça, antes de sua misteriosa excursão mágica interestelar, a seu filho Matusalém, para que fossem preservados para as gerações que viriam após o dilúvio. Não podemos excluir que uma dessas “brochuras” de algum modo terminou em um antigo mosteiro e os monges copiaram fielmente a escrita indecifrável. Mas tudo isso é um pouco artificial. Já seria extraordinário se os textos de Enoch ainda não descobertos incluíssem o conhecimento de plantas alienígenas e receitas para elixires da imortalidade.

UM OLHAR MAIS ATENTO AO TEXTO

O Manuscrito Voynich contém palavras que são repetidas constantemente, como se fossem algum tipo de elementos-chave.

Dê uma olhada na folha 76 do Manuscrito Voynich (você pode ver o número 76 escrito no canto superior direito). Agora, vá descendo o olhar, uma linha por vez, de preferência usando uma folha de papel sobre o texto, para ir revelando cada linha sucessiva. No meio da primeira linha, você verá uma sílaba de fechamento - é um pouco pequena, mas você conseguirá ver - que parece mais o número “89”. Na linha seguinte, você a encontrará novamente à esquerda e, na quarta linha, ela aparece cinco vezes, incluindo quatro palavras em uma fileira! Este “89” frequentemente também aparece no final das mesmas palavras. Somente na página 76, a “sílaba 89” - se for mesmo uma sílaba - aparece cerca de 64 vezes. Treze delas sobre a mesma palavra. Sempre pensei que a frequência de uma palavra nos permite tirar conclusões sobre qual poderia ser o seu significado. Mas essa regra parece não se aplicar ao Manuscrito Voynich. Há uma letra, que mais se parece com um “4”, que aparece

cerca de 1.300 vezes em algumas páginas.

O lingüista alemão Erhard Landmann diz ter compreendido o conteúdo do Manuscrito. Eis um exemplo: “O salto de nosso início no espaço foi verdadeiramente grande, e está descrito no Manuscrito Voynich. Na folha “f86rs” do Manuscrito Voynich, em que se pode ver uma ilustração das Plêiades e a estrela Aldebaran. Uma linha sinuosa liga as Plêiades ao nosso sistema solar, representado como um sol com cara humana...”

O Sr. Landmann acredita que as Plêiades são a fonte final da humanidade. Uma coisa de que não se tem dúvidas é de que muitas raças antigas acreditavam que os deuses tinham vindo da direção das Plêiades (maias, incas, maoris, etc.). Porém não posso dizer quão perto o Sr. Landmann está da verdade. O Manuscrito Voynich tem muitos desenhos de estrelas; algumas vezes elas situam-se nas margens; depois, aparecem em diferentes cores e tamanhos no topo ou na base da folha; depois, novamente aparecem em aparentes explicações astronômicas sobre signos zodiacais, ou parecem estar ligadas ao banho das mulheres nuas em banheiras. Há até algumas que realmente parecem ter alguma relação com as estrelas dos textos de Enoch.

Tomemos a ilustração no Manuscrito Voynich que apresenta três faixas circulares de texto, as estrelas e o sol no centro. (Ver página 104).

Linhas vermelho-azuladas irradiam-se de um sol central (com uma face); entre eles, grupos desiguais de estrelas. Já contou os raios vermelho-azulados? Há 12 deles. Se você pensar no círculo como um relógio, então pode reconhecer “letras” às 3 horas e, em oposição, às 9 horas. São as mesmas em ambos os lados - embora o texto às 3 horas esteja de cabeça para baixo. Obviamente, a mesma idéia está sendo expressa duas vezes. Doze raios partem do sol; entre eles sóis, e tudo isso cortado ao meio.

O que estava em Enoch? “O luminar Sol tem seu nascente nos portais do leste do céu, e seu poente nos portais do oeste do céu. E vi seis portais nos quais o sol nasce, e seis portais nos quais o sol se põe... Naquele dia em que o dia se iguala à noite e se torna de igual comprimento...” (Capítulo 72). Enoch fala de “doze portais” subdivididos em seis. A ilustração no Manuscrito Voynich mostra exatamente a mesma coisa. Bem, poderia ser apenas coincidência, mas talvez isso ajude os criptógrafos em sua longa busca por uma solução, porque pelo menos agora eles têm uma pista sobre o assunto.

No que se refere à especulação sobre a origem do Manuscrito Voynich, acho que duas das opções que mencionei podem ser esquecidas imediatamente. O Manuscrito não se

originou da caneta de um clérigo cristão. Por que não? Não há absolutamente qualquer simbologia cristã em todo o manuscrito e qualquer pseudo-santo cristão nunca teria desenhado todas aquelas senhoras nuas em suas banheiras ou todas as plantas. Este é um fato sem defesa! E o sonhador do asilo? Não que seja impossível, mas esta pobre alma teria de conhecer alguma coisa sobre astronomia. Olhe para os portais de Enoch, nos quais o sol nasce e o diagrama equivalente no Manuscrito Voynich.

“O homem ocasionalmente tropeça na verdade, mas na maior parte das vezes ele se levanta e continua seu caminho.”

(Sir Winston Churchill, 1874-1965)

DESMASCARANDO OS CHARLATÃES

UMA TEMPESTADE DE INDIGNAÇÃO

Meu livro *Aussaats und Kosmos* (Seu título em inglês era *The Gold of the Gods* - O Ouro dos Deuses) foi publicado em agosto de 1972. A obra tinha 266 páginas de texto e em apenas 12 delas descrevi um sistema de cavernas subterrâneas no Equador, na América do Sul. Escrevi sobre uma mesa e algumas cadeiras que poderiam ser encontradas nos túneis e cavernas, continuando assim:

Por trás das cadeiras, você pode ver animais - sáurios, elefantes, leões, crocodilos, jaguares, camelos, ursos, macacos, bisões, lobos - entre eles, lagartos rastejantes, caracóis, crustáceos. Como se tivessem sido lançados ali onde estavam, casual e amigavelmente alinhados em uma fileira. Não aos pares, como nas ilustrações da Arca de Noé. Nem classificados por gênero e espécie, como um zoólogo poderia ter preferido ver. E nem em uma hierarquia da evolução natural, como um biólogo gostaria. Não. É mais como uma espécie de jardim zoológico de insanidades, e todos os animais são feitos de puro ouro... Oposto ao jardim de feras, à esquerda e atrás de uma mesa de conferência, podia-se ver uma biblioteca que consistia de painéis de metal. Alguns deles, painéis; alguns, simplesmente folhas de metal, com apenas milímetros de espessura... Estavam colocados um após o outro, como páginas encadernadas de algum livro gigante. Cada painel continha escrita, gravada e igualmente espaçada, como se escrita por algum tipo de máquina. Moricz ainda não tinha conseguido contar todas as páginas desta maciça biblioteca de metal, mas aceito sua estimativa de que são milhares. Quem quer que tenha sido o criador da biblioteca e independentemente de quando ele a tivesse reunido, fica claro que este grande e desconhecido bibliófilo e seus ajudantes foram os mestres de várias técnicas diferentes de produção de páginas de metal “feitas sob medida” em larga escala. Ele também conhecia as letras, com as quais planejou contar às futuras gerações algo que era importante para ele. Esta biblioteca de metal foi construída para durar; de modo que permanecesse legível para sempre...

Estas pequenas passagens do livro foram suficientes para criar uma tempestade mundial de indignação. Começou nos países de língua alemã, onde a maioria dos jornais me acusou de mentir; espalhou-se pelos Estados Unidos e, então, espalhou-se pelo mundo de fala espanhola. Foi citado em todo arquivo de imprensa, de onde foi dobrado e quadruplicado e tornou-se uma avalanche que desabou totalmente sobre mim. Minha reputação como autor foi

completamente destruída. As pessoas me conheciam como um mascate de contos de fadas e um vigarista, que não tinha mais nenhum crédito. Arqueólogos anunciaram que não havia quaisquer complexos de cavernas inexplorados no Equador. Os que lá existiam já tinham sido examinados até o último centímetro pelos cientistas. E, naturalmente, não havia qualquer biblioteca de metal e os painéis de metal do quintal do Padre Crespi eram só falsificações baratas. Eu tinha enganado totalmente os meus leitores com uma história completamente fabricada, apenas para ganhar dinheiro.

Naturalmente, fiz o melhor que pude para me defender - sem o menor sucesso. Estava no fundo do poço e, hoje, me pergunto como consegui sobreviver e publicar outros 20 livros de não-ficção em muitos países e idiomas diferentes depois de *The Gold of Gods* (e algumas novelas também!). Tudo bem! Eu fiz tudo certo apesar dos problemas. Então, por que trago tudo isso à tona novamente aqui e agora? Aqueles que são considerados mortos freqüentemente vivem mais! A história desta biblioteca de metal está prestes a se tornar mais quente do que nunca. Por trás do véu do segredo, uma corrida para encontrar certa localização no Equador já começou. Eu conheço a localização geográfica - e alguns outros também! Jornalistas espertos seguirão esta trilha quente e sensacional e inevitavelmente tropeçarão naquele antigo fragmento de informação do *The Gold of Gods*. E novamente os arquivos serão saqueados e as antigas histórias sobre Erich von Däniken e seu comportamento irão ressurgir. Porque ninguém realmente conhece - ou pode conhecer - o que realmente aconteceu 35 anos atrás. O que fiz na Terra? De onde esta história sobre uma biblioteca de metal subterrânea realmente vem? Será que eu realmente fabriquei tudo isso para me tornar mais importante do que era? Que tipo de tolo preciso ter sido, e por que escrevi que estive pessoalmente lá, se nada disso tivesse a menor possibilidade de ser verdadeiro? Nada disso?

E, AGORA, UM POUCO DE VERDADE

Décadas se passaram desde que *The Gold of Gods* foi publicado. Sempre mantive um arquivo meticulosamente bem organizado. E, agora, com um amortecedor de 35 anos, finalmente me sinto pronto a publicar certos documentos daquela época. Isso não tem nada a ver com provar que estou certo, ou mesmo por vaidade própria. Para mim, é apenas um anátema pensar que tal tesouro inacreditável deva desaparecer para sempre ou - o que é pior - cair na posse de alguma religião. Quero mostrar o que realmente aconteceu e qual é a situação atual deste tesouro oculto. Quem mentiu? Quando? Por quê? Que esforços foram

feitos para esclarecer a situação? E onde - pelo amor de Deus - encontra-se esta biblioteca de metal? Antes de continuar, gostaria de esclarecer alguns pontos básicos.

Desde 1966 - o ano de publicação de meu primeiro livro *Chariots of the Gods* - escrevi 29 livros. Em minha juventude, talvez não tenha sido muito cuidadoso quanto sou agora, sem autocrítica suficiente e um pouco confiante demais em algumas de minhas fontes de informação. Frequentemente aceitei informações de terceiros como sendo “o verdadeiro McCoy”, levado por meu próprio entusiasmo, ou cometido erros ao avaliar alguma espécie de evidência. Errar é humano, como dizem, e admitir o erro não fere. Nas quase 9.000 páginas que escrevi, é inevitável que eu tenha cometido um ou outro erro, ou que ao longo do tempo revelou-se que o “outro lado” estava certo, depois de tudo, e eu estava errado. Hoje, quando discuto alguma coisa com um especialista, sei desde o início que ele sabe 10 mil vezes mais sobre a sua especialidade do que eu. Hoje, a situação está mais relacionada a não blefar, não mentir e certamente não tentar jogar areia nos olhos de ninguém. “Ouça e não se meta” tem sido minha filosofia há anos. Depois de uma longa conversa com um cientista, posso admitir que aprendi alguma coisa nova - mas ele (ou ela) também, porque, em minha discussão, os participantes quase sempre precisam admitir que eles, também, sabem muito pouco a respeito do meu conhecimento especialista. Erros podem ser corrigidos.

Esta conclusão não é, em si mesma, nada especial, porque se aplica a todo autor no mundo. Em todo trabalho de não-ficção - e muito frequentemente nos tratados científicos também - erros podem ser encontrados, se você pesquisar suficientemente. O tempo não para e nosso conhecimento muda. A ciência é uma coisa viva e - graças aos céus que isso seja assim, alguém poderia acrescentar - porque olhar para as coisas de novas maneiras é o único modo de seguir em frente.

Agora, há algumas pessoas que agem como se um erro provado em uma teoria é suficiente para anular a idéia inteira. “Se uma peça de evidencia em seu livro não está certa” - ouço isso frequentemente - “então, tenho de assumir que toda outra evidência é falsa”. Segundo esta lógica absurda, teríamos de jogar fora praticamente todos os livros escolares, os livros didáticos, ou livros científicos por todo o planeta, porque o tempo nos mostra que muitas coisas que foram alguma vez consideradas como verdades inabaláveis são agora tidas como erradas.

Há uma outra classe de pessoas que se permitem ser cegadas por superficialidades e agem como juízes arrogantes. Essas pessoas são aquelas que constantemente gritam: “desmascarado” e “fraude”! Estão perpetuamente indignadas e agem como se estivessem

carregando todos os problemas do mundo sobre seus frágeis ombros. E, finalmente, há os tipos religiosos, que, embora não queiram ver ou ouvir nada (diferentemente do famoso trio de macacos) não conseguem parar de brincar de mestres-escola eternos. Esta última categoria, que dá pouca alegria aos autores, é composta por aqueles que - apesar de nunca terem lido um livro - irão pegar algum ponto de uma revisão de jornal ou algo semelhante e inventar o seu próprio “desmascarado” - e sem realmente sequer perguntar aos autores o que queriam dizer. Quão freqüentemente tenho ouvido “Däniken diz...” ou “escreve...” embora eu nunca tenha dito ou escrito qualquer coisa que afirmam? Amigos bem intencionados muitas vezes me aconselham a processar. Mas, se eu já estive lá embaixo nessa estrada, teria de contratar um advogado e gastaria um terço do meu tempo procurando quem disse as mentiras em primeiro lugar. A conseqüência triste do pesadelo da burla culmina com a conclusão: “Ele nunca negou nada”.

Joachim Ringelnatz uma vez escreveu: “O bumerangue voou para longe e não retornou naquele dia. Pessoas pacientes ali permaneceram, esperando por aquela peça de madeira”. Bem, agora o bumerangue está retornando, mesmo que tenha demorado 35 anos. Assim, o que realmente aconteceu no Equador?

UMA EXPEDIÇÃO PARA O DESCONHECIDO

Em 1970, um suíço que vivia no Equador enviou-me um recorte de jornal com um bilhete dizendo que o que havia ali certamente iria me interessar. A página era do prestigioso jornal El Telégrafo, que é publicado em Guayaquil, no Equador. A manchete anunciava um “genuíno mundo subterrâneo na América”. O subtítulo era: “A expedição Moricz, de 1969, revolucionará a história mundial”. O artigo de página inteira era apoiado por fotos em preto e branco, que não apenas mostravam a equipe entrando num complexo de cavernas, mas também a entrada para um labirinto subterrâneo. Esta entrada, maior do que uma porta de celeiro, dava a impressão de que era algum tipo de abertura construída com poderosas vigas monolíticas em camadas.

Toda a equipe da expedição era citada: Juan Moricz, Gaston Fernandez, Dr. Geraldo Pena Matheus, Lilian Icaza, Hernán Fernandez, Mario Polit, Pedro Luna e José Rojas. Além disso, havia membros militares na expedição, incluindo um “Capitão” Carlos Guerrero Guerron, bem como os oficiais representantes da polícia nacional: Ortiz, Benusia e Sanchez. No final, havia uma lista de diversos ajudantes, guias e líderes.

Com tudo e por tudo, esta foi uma bem organizada expedição em ampla escala nas florestas do Equador. O que eles estavam procurando? A revista argentina de língua alemã La Plata Ruf entrevistou o líder da expedição, Juan Moricz. Eis aqui um extrato do que Moricz falou:

Realmente não foi tanto uma descoberta, porque sabíamos da existência das “Cuevas de los Tayos” há muito tempo. O propósito da expedição era fotografar, filmar e documentar uma realidade arqueológica amplamente desconhecida e negada... Também queríamos pavimentar o caminho para uma segunda, e mais extensa, expedição na qual encontrássemos prova de que este mundo subterrâneo redescoberto foi onde os ancestrais da civilização humana tinham vivido e trabalhado... O sistema de cavernas tem milhares de quilômetros, estendendo-se sob nosso continente americano, particularmente sob o maciço da Cordilheira. O ar é limpo e a ventilação é perfeita, e a temperatura permanece em constantes 20 graus centígrados. A entrada está localizada em uma altitude de cerca de 1.000 metros acima do nível do mar e aproximadamente a 300 metros abaixo do pico da montanha. Depois de penetrar no sistema de cavernas através desta entrada, a luz de tochas e lanternas revela uma vista subterrânea esmagadora. Com cerca de 60 a 80 metros de largura e entre 100 e 120 metros de altura, parecia um enorme hall com paredes e teto compostos de painéis e blocos de pedra artisticamente entalhados. Mas isso não é nada mais do que o início de uma estrada colossal... A seção que exploramos é um pouco mais do que uma fração. Conseguimos descobrir numerosos corredores, galerias e halls ramificando-se a partir da avenida principal, mas ainda não os investigamos...

O artigo segue falando sobre a localização da entrada. Partindo da cidade de Cuenca, no sudeste do Equador, eles foram com 43 mulas e guias especializados locais em direção a El Pescado, Tres Copales, La Esperanza e La Union até uma base local do exército. Dali, viajaram de canoa para La Puntilla, onde o Rio Santiago encontra-se com o Rio Coangos. Depois fizeram uma marcha difícil a pé até o pequeno assentamento de Guajare, onde estabeleceram seu acampamento-base da expedição.

A história, apresentada em vários jornais e revistas (muitos mais do que mencionei aqui), me deixou extremamente fascinado e eu definitivamente queria descobrir mais. Tudo estava centrado no líder dessa expedição, Juan Moricz. Quem era ele? Escrevi para o escritório editorial do El Telegrafo, em Guayaquil e pedi-lhes para me contarem mais! Não houve resposta para a minha carta, nem para a segunda, nem para a terceira. Será que eles estavam mesmo lá? Assim, tentei o telefone - havia todo um procedimento naquela época,

1970, porque não havia conexões automáticas para o Equador. Pedi para falar com o editor chefe, Jorge Blinkhorn, que tinha escrito o artigo, sem sucesso. Como nada tinha sido publicado na Europa a respeito dessa expedição sensacional, restou-me uma única opção: eu tinha de voar para lá!

UM ENCONTRO FASCINANTE

No dia 1º de março de 1972, peguei um jato da Air France para Guayaquil. Hospedei-me no Hotel Atahualpa e, depois, fui diretamente para os escritórios do El Telégrafo. Tive de esperar um tempo, mas finalmente encontrei-me com um dos editores, mas ele não conseguiu - ou não podia - me ajudar. Naturalmente conheciam o Señor Juan Moricz, mas ninguém tinha seu endereço. Mas e o advogado chamado Peña, que também fora mencionado no artigo? Certamente ele devia saber como chegar até Moricz. Eles tinham o endereço de Peña e o passaram para mim. O Sr. Dr. Gerardo Peña Matheus recebeu-me calmamente em seu grande, embora frio, escritório, em Guayaquil. Supus que ele tivesse cerca de 30 anos. Sua boa aparência e modo objetivo de falar me fizeram sentir que ele era alguém digno de confiança. Em um curto espaço de tempo ele admitiu que tanto ele quanto Juan Moricz tinham lido meus dois primeiros livros e já tinham discutido algumas de minhas teorias. “Esta história sobre a expedição e o sistema subterrâneo de cavernas é verdadeira?” Eu queria saber. O Señor Peña confirmou com um aceno de cabeça e continuou a me contar como tinham conseguido explorar apenas duas entradas de cavernas, em 1969, porque Juan Moricz não confiava em seus acompanhantes militares. O quê? Sim, repetiu Peña; eles não tinham provisões suficientes com eles e a atmosfera começou a deteriorar de um momento para outro. Ao contrário dos militares e dos policiais, os civis foram desarmados no momento da partida. Se eles tinham realmente tropeçado em algo de valor, poderiam temer por suas vidas na companhia desses homens uniformizados. Peña permaneceu completamente objetivo e mostrou-me uma edição da revista Vistazo, de dezembro de 1969. Ela continha um longo artigo sobre a Expedición Moricz, 1969. Eu quis saber se ele confiava em Juan Moricz:

“Completamente!”

De seu escritório, Peña ligou para vários lugares do Equador, onde achava que Moricz podia estar. Depois do que me pareceu uma era de tentativas, ele finalmente teve sorte e me contou que tinha enviado uma mensagem a Moricz, que ligaria de volta tão logo fosse possível. Voltei para meu hotel, para uma boa noite de sono. Guayaquil situa-se no litoral do Pacífico, um pouco acima da linha do equador. O ar é úmido e abafado e, em meus

pensamentos, agradecia ao inventor do ar condicionado.

Na noite de 4 de março de 1972, Moricz chegou à cidade. O homem alto e bem proporcionado tinha o ar de um aristocrata. Seus duros olhos azuis primeiramente me examinaram friamente; depois, classificaram-me como amigo antes que ele me estendesse a mão. Fomos até o bar e conversamos sobre meus livros, antes de caminharmos, junto com o Dr. Peña, para o elegante restaurante do Hotel Atahualpa, com vista para o mar. Descobri que Moricz tinha ancestrais húngaros (seu nome verdadeiro era János Móricz), mas nacionalidade argentina. Não o pressionei de maneira nenhuma sobre o assunto. Não estava interessado em saber se ele era um refugiado político. Eu estava simplesmente ardendo de curiosidade para descobrir mais sobre o complexo subterrâneo. No começo, Moricz foi reticente, mas descongelou notavelmente durante o correr da tarde e, finalmente, começou a me contar uma das histórias mais incríveis que já ouvi.

Existe - assim me disse Moricz - uma antiga relação entre os maias e o Equador de milhares de anos. Isso pode ser demonstrado pelas incontáveis raízes de palavras que pertencem aos dois povos e que são equivalentes tanto foneticamente, quanto ao significado básico. Moricz esboçou uma lista impressionante em um guardanapo. O mundo subterrâneo, ele disse, foi o produto de um dos progenitores da humanidade, Táltosok Barlangja, como é conhecido na língua húngara. Táltos é o termo húngaro para uma das antigas castas sacerdotais, e barlang significa caverna. O Táltosok Barlangja viveu em um sistema subterrâneo de cavernas, protegido por um pássaro sagrado, o mesmo “tayo” - ou “turul”, em húngaro - do qual o sistema de túneis recebeu o nome. Minha cabeça estava girando com esta confusa aula em termos lingüísticos comparativos, porque não conheço húngaro e não estava em posição de julgar se a alegação de Moricz era verdadeira. Falamos, então, da antiga lenda de Rômulo e Remo, os fundadores de Roma, com suas sete colinas.

Moricz assegurou-me que a lenda - incluindo as sete colinas - poderia bem ter sido sobre Quito, a capital do Equador. “E sobre a biblioteca de metal?” - perguntei. “Ela realmente existe?”

Moricz assentiu fervorosamente. “Lá embaixo há uma mesa oval circundada por cadeiras. Não cadeiras como as conhecemos, mas mais parecidas com cadeiras de braço, cuja parte inferior assemelha-se a um “n” e a parte superior a um “u”.

“De que são feitas?” - perguntei intrigado. Moricz franziu a sobrancelha e encolheu os ombros. “Não sei que material é”, ele admitiu. “Não é nem madeira, nem metal, mas algo

que dá a impressão de ter sido moldado.” Então, ele prosseguiu me contando sobre uma espécie de jardim zoológico de animais de metal, na maioria ouro ou, pelo menos, dourado. Praticamente cada espécie de animal imaginável estava ali, até elefantes, embora eles fossem desconhecidos na América do Sul pré-histórica. E havia bestas mitológicas, híbridos, quimeras, animais que eram metade homem/metade animal, e figuras que ele nem conseguiu reconhecer. Havia até pequenas criaturas, como aranhas e moscas, misturadas entre eles. No total, devia haver mais de mil animais que alguém tinha moldado em algum momento em metal. E o repositório subterrâneo também continha outros tesouros feitos de cristal e pedras preciosas, “como um verdadeiro tesouro milenar”. “E a biblioteca de metal?” - perguntei. Moricz parou de falar novamente e a pausa foi mais longa desta vez, e voltou-se para a janela, fixando o olhar nas luzes noturnas de Guayaquil. Depois, começou a me contar sobre livros e folhas de metal que estavam em todo lugar, com escrita gravada que parecia ter sido estampada sobre o metal. Os tomos eram feitos de um metal amarelo e eram muito pesados. Ele achava que o peso de um único volume devia pesar por volta de 30 quilos. Esta biblioteca de metal estava distribuída por várias cavernas subterrâneas. No todo, devia haver milhares de páginas com uma escrita antiga e desconhecida.

“E por que você acredita que esta biblioteca de metal contenha a pré-história da humanidade? Foi isso o que li no EL TELÉGRAFO?”

Moricz assegurou-me que algumas das páginas continham sistemas estelares e ilustrações, representações gráficas, que não poderiam, possivelmente, ser interpretadas de outra maneira.

A Conexão Mórmon

Eu estava estupefato. Então, pensei em Enoch, que me interessava desde os meus tempos de escola secundária. Mas por que os textos de Enoch teriam sido impressos em metal e como, na Terra, poderiam ter ido parar no Equador, vindos lá da Arábia bíblica? Esta não era exatamente a rota do profeta antediluviano ou de qualquer um de seus descendentes. Finalmente, tive uma idéia! Os Mórmons! Dizia-se que seus ascendentes tinham vindo da Arábia - pelo menos é isso o que diz o Livro de Mórmon. Essas histórias mórmons podiam ter realmente alguma coisa a ver com a biblioteca de metal no Equador. Por quê? O fundador da Igreja Mórmon - ou, para citar o seu nome próprio, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias - o Sr. Joseph Smith (1805-1844) experimentou, segundo seu próprio relato, o que pode ser descrito como um estranho encontro. Ele contou como um anjo, chamado

MORONI veio até ele e anunciou que dentro de uma montanha, não muito longe de onde ele estava vivendo, havia um tesouro em um esconderijo de pedra. Dentro, ele encontraria um livro impresso em lâminas douradas, cujas gravações continham um relato completo dos primeiros habitantes do continente americano e suas origens. Ao lado das lâminas de ouro, ele encontraria um peitoral ao qual estavam fixadas duas pedras, chamadas URIM e THUMMIM. Ao usar essas pedras, ele seria capaz de traduzir a escrita antiga. Também acharia uma “bússola divina”. Todos esses itens seriam encontrados em uma montanha conhecida como Cumorah, ao sul de Palmyra, no Condado de Wayne, Nova Iorque, não muito longe da vila de Manchester. Joseph Smith fez o que lhe fora ordenado e em algum lugar abaixo do pico da montanha, ele realmente encontrou os tesouros. Como o fez, ele descreve com suas próprias palavras:

..SOB UMA PEDRA DE TAMANHO CONSIDERÁVEL, ENCONTRAVAM-SE AS LÂMINAS DEPOSITADAS EM UMA CAIXA DE PEDRA. ESTA PEDRA ERA ESPESSA E ARREDONDADA NO MEIO DO LADO SUPERIOR, E MAIS FINA EM DIREÇÃO ÀS BORDAS, DE MODO QUE A PARTE DO MEIO ERA VISÍVEL ACIMA DO SOLO, MAS AS BORDAS ESTAVAM TODAS COBERTAS DE TERRA.

TENDO REMOVIDO A TERRA, CONSEGUI UMA ALAVANCA, QUE COLOQUEI SOB A MARGEM DE PEDRA, E COM UM POUCO DE ESFORÇO, LEVANTEI-A. OLHEI LÁ DENTRO E, DE FATO, VI AS LÂMINAS, A Urim E A Thummim, E O PEITORAL, COMO ESTABELECIDO PELO MENSAGEIRO. A CAIXA NA QUAL ELES SE ENCONTRAVAM ERA FORMADA POR PEDRAS COLOCADAS EM CAMADAS E FIXADAS POR ALGUM TIPO DE CIMENTO. NO FUNDO DA CAIXA HAVIA DUAS PEDRAS TRANSVERSAIS DA CAIXA E SOBRE ESTAS ESTAVAM AS LÂMINAS E AS OUTRAS COISAS COM ELAS.

Quando Joseph Smith, ansioso como qualquer caçador de tesouros, esticou ambas as mãos para tocar os objetos, sentiu um solavanco. Ele tentou novamente - e novamente recebeu um choque brusco. Na terceira tentativa, foi atingido por uma faísca tão poderosa, que ficou atordoado por vários minutos no chão. Imediatamente, o anjo MORONI, aquele misterioso mensageiro noturno, apareceu e instruiu-o a voltar a cada ano àquele local, na mesma data. Quando fosse a hora certa, ele receberia os objetos sagrados. Quatro anos depois, esse dia finalmente chegou. Em 22 de setembro de 1827, o mensageiro de Deus, MORONI, presenteou Joseph Smith com as lâminas de ouro gravadas, o peitoral e os ajudantes de tradução URIM e THUMMIM. Smith descreveu as lâminas douradas como sendo um pouco mais finas do que

poder-se-ia esperar de uma folha de metal; as “páginas” eram mantidas juntas por três anéis. O livro tinha aproximadamente 15 centímetros de largura, 20 centímetros de altura e 15 centímetros de espessura. Ele não teve qualquer problema em folhear o primeiro terço das folhas de metal, mas o restante estava fundido em um único bloco ou “selado”.

O Livro atual de Mórmon da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias baseia-se na tradução daquelas lâminas misteriosas. Onze testemunhas confirmaram que tinham visto as lâminas, mas, depois que o trabalho foi completado, o anjo MORONI removeu-as para um local seguro, para preservá-las para as futuras gerações. No Livro de Mórmon, as 24 lâminas - elas são conhecidas como os Livros de ETHER e NEPHI - contam a história do povo de Jared. Diz-se que os Jareditas foram criados por Deus na época da construção da Torre de Babel. Inicialmente, ele os levou para o deserto e, depois, sobre o grande oceano até a costa americana, em pequenos barcos que eram “apertados como num prato”. A luz nos barcos escuros era fornecida por 16 pedras incandescentes, duas para cada barco, que lhes forneceram iluminação por 344 dias. Também tinham uma bússola, cuja agulha sempre apontava na direção em que deveria viajar. Tanto a luz, quanto a bússola vieram do mesmo Deus misterioso, que tinha ajudado os Jareditas em outras situações:

E OCORREU QUE FORAM MUITAS VEZES ENTERRADOS NAS PROFUNDEZAS DO MAR, POR CAUSA DAS ONDAS IMENSAS QUE ARREBENTAVAM SOBRE ELES; E TAMBÉM AS GRANDES E TERRÍVEIS TEMPESTADES CAUSADAS ELA FÚRIA DO VENTO. E OCORREU QUE, QUANDO FORAM ENTERRADOS NA PROFUNDEZA, NÃO HAVIA ÁGUA QUE PUDESSE FERIL-LOS, SEUS BARCOS SENDO APERTADOS COMO UM PRATO, E ELES TAMBÉM ESTAVAM APERTADOS COMO NA ARCA DE NOÉ. PORTANTO, QUANDO ESTAVAM ENVOLTOS POR MUITAS ÁGUAS, GRITAVAM AO SENHOR, E ELE OS TRAZIA DE NOVO PARA O TOPO DAS ÁGUAS. (Ether, versos 6 e 7)

Juntando as Peças

Mas o que os Mórmons têm a ver com a biblioteca de metal, no Equador, ou até com o Livro de Enoch? Enquanto Juan Moricz estava contando sua história emocionante, no restaurante do Hotel Atahualpa, em Guayaquil, eu ouvia fascinado, mas uma parte do meu subconsciente ficava constantemente fazendo conexões tanto com o Livro de Mórmon quanto com o Livro de Enoch. Tive contato com o Livro de Mórmon desde os meus tempos de escola secundária (dois de meus melhores amigos eram mórmons). Assim, eu sabia que os Jareditas

eram descendentes de um dos irmãos de Jared e o próprio Jared era - você consegue adivinhar? - pai de Enoch! Em meu livro THE GODS AND THEIR GREAT DESIGN (Os Deuses e Seu Grande Projeto), examinei outros aspectos desta história. Assim, os tesouros de Juan Moricz, no Equador, certamente poderiam ter algo a ver com os Livros de Mórmon, ETHER e NEPHI. E a conexão com Enoch não é assim um salto tão grande: os Jareditas no Livro de Mórmon são descendentes de Enoch. E isso não é tudo. Vamos voltar um pouco. No livro de Ether, os Jareditas viajam para seu novo lar em oito barcos sem janelas, cada um deles selado “bem apertado”. Praticamente o mesmo cruzamento é descrito no épico didático da criação babilônio, ENÜMA ELIS. Ele descreve um grande dilúvio, mas o sobrevivente não se chamava Noé, mas ATRA-HASIS. O fragmento do épico que sobreviveu conta como o deus ENKI deu ao sobrevivente escolhido, ATRA-HASIS, instruções exatas sobre como construir o seu barco. Quando ATRA-HASIS afirma que não sabia nada sobre construção de barcos, o deus ENKI desenha para ele um esboço de um barco no solo e o explica a ele. O orientalista americano Zecharia Sitchin escreve:

Enki falou de um barco “coberto na parte de cima e, na parte debaixo, hermeticamente selado com alcatrão”. Ele não devia ter deque nem aberturas, “de modo que o sol não veria o interior”. Tem de ser um barco “como um barco do Apsu, um Sulili”, e este é o termo usado atualmente, em hebraico (soleleth) para indicar submarino. “Deixe que o barco”, disse Enki, “seja um MA.GUR.GUR” - “um barco que pode virar e tombar”.

Isso não é diferente no Livro de Mórmon de ETHER. Ether faz a mesma objeção feita por ATRA-HASIS - a saber, eu não sei como construir um barco - e o misterioso Deus lhe dá as mesmas instruções. (Na Bíblia, Noé também recebe instruções sobre como construir sua Arca de “Deus” - quem quer que este possa ter sido. E Noé também é um dos descendentes de Enoch.)

O ponto crucial de todas estas observações complicadas é este: Joseph Smith afirmou ter recebido suas lâminas douradas do anjo MORONI, em 1827. Naquela época, não havia lingüistas ou outros especialistas que pudessem traduzir os textos babilônios/sumérios, porque estes só foram descobertos após a morte de Smith - e isso inclui o ÉPICO DE GILGAMESH com suas histórias de dilúvio. Assim, como explicar as congruências entre o Livro de Ether e os outros textos, que apareceram somente muito tempo depois? Os cronistas antigos do ENUMA ELIS estavam mentindo, quando descreveram como ATRA-HASIS recebeu instruções do deus ENKI sobre como construir seu barco? Por que Noé e UTNAPISHTIM, do Épico de Gilgamesh, precisavam do alerta dos deuses ameaçadores,

antes que tivessem a idéia de construir navios à prova d'água e do tempo para sobreviver? De que tipo de oficina mágica saíram as luzes artificiais e a bússola usadas pelos Jareditas? E quem era capaz de manipular genes ou realizar inseminação artificial, como o Livro de Enoch (e muitos outros!) mencionam?

Certamente não o grande Deus do universo, que as religiões têm em tão alta consideração. Isso nos leva inexoravelmente de volta aos extraterrestres de Enoch, os “anjos caídos” ou “legiões celestiais”. E para o quê Enoch estava destinado? Ser um escritor, receptor de algumas centenas de livros e o transmissor dos mesmos para seu filho Matusalém, para que ele “os entregasse às gerações do mundo”, depois do dilúvio. E de onde vieram os habitantes originais da América? A “bíblia” dos Quiché maias nos dá a resposta:

E ASSIM DESAPARECEU E VIERAM DAÍ BALAM-QUITZÉ, BALAM-ACAB, MAHUCATAH E JAQU-BALAM: O PRIMEIRO POVO QUE VEIO ATRAVÉS DO MAR, LÁ DO SOL NASCENTE. MUITAS ERAS SE PASSARAM DESDE QUE VIERAM E MORRERAM COM UMA IDADE MUITO GRANDE. E ELES ERAM CONHECIDOS COMO “SERVOS DE DEUS”... E ELES TROUXERAM COM ELES, ATRAVÉS DOS MARES, OS ESCRITOS DE TULA. NESTES ESCRITOS, DIZIAM ELES, ESTAVA ESCRITA TODA A SUA HISTÓRIA, [GRIFO DO AUTOR]

O Discurso de Montezuma

Em 1519, quando os conquistadores espanhóis estavam acampados diante de sua capital, Tenochtlan (México), o líder azteca MONTEZUMA (1466-1520) fez um discurso impressionante a seus sacerdotes e outros dignitários, que começava mais ou menos assim: “Eu e vocês sabemos que nossos ancestrais não vieram desta terra onde vivemos. Eles vieram para este lugar conduzidos por um grande príncipe de muito longe”.

Eu já conhecia algumas dessas histórias em 1972, porque vinha pesquisando as grandes histórias da humanidade desde 1959. Sentado ali, à frente deste líder de expedição, Juan Moricz, de alguma maneira aprendi novamente como maravilhar-me. Ele afirmou conhecer tudo dessas histórias por experiência pessoal. Será que eu poderia confiar nele? Seu advogado, Pena, que o conhecia há muitos anos e que também o acompanhara na expedição de 1969, confiava em Moricz implicitamente. Pensei novamente nos Mórmons e em Enoch e disse a mim mesmo: nada é impossível. Estes escritos antigos existem em algum lugar de nosso planeta - por que não no Equador? Depois perguntei a Moricz quais eram seus

planos futuros.

Ele queria escrever um livro sobre suas experiências. Um livro que chocaria o mundo e as principais religiões até o seu âmago. Este livro, ele disse, teria de ser publicado em todo o mundo, ao mesmo tempo. Neste ponto, expressei algumas dúvidas bem justificáveis. A maioria das editoras não está preparada para publicar livros em diferentes países e diferentes idiomas ao mesmo tempo. Talvez uma das principais editoras conseguisse publicar o livro em cinco países diferentes no mesmo dia, mas nunca em 20 países. Moricz não fez muito caso do meu pessimismo. Talvez eu pudesse - sugeri - escrever alguma coisa sobre este mundo fantástico em meu próximo livro - deixar, por assim dizer, que as editoras sentissem um gostinho do assunto e ficassem sabendo de Juan Moricz. Eu estava muito certo de que conseguiria arrecadar algum dinheiro, na Alemanha e na Suíça, para uma segunda expedição de Juan Moricz. A quantia que mencionei foi de duzentos mil dólares. Naturalmente, para mim, era excitante ter a chance de fazer uma espécie de degustação - mas de que forma? Eu ainda tinha algumas dúvidas inquietantes. Como eu poderia tornar Moricz atraente para meu crítico editor na Alemanha, bem como para meus leitores? “Há algum tipo de documento” - perguntei a Moricz - “que relate a sua descoberta e seja completamente incontestável?”

Moricz e Pena trocaram olhares e, depois, assentiram. Eles sentiram que eu ainda tinha algumas dúvidas. Enquanto isso, o relógio mostrou que já passara da meia-noite; um trio equatoriano tocava seus violões, indo de mesa em mesa e cantando dilacerantemente melancólicas cantigas de amor. Nós já tínhamos dado cabo de três garrafas de vinho tinto chileno e realmente tínhamos que ir embora. “Há um documento desse tipo”, afirmou Moricz. “Vamos mostrá-lo a você amanhã.”

No dia seguinte, o Dr. Pena entregou-me um documento que parecia oficial. Na primeira página estava escrito a palavra “Escritura” e, acima dela, o brasão nacional do Equador. O documento tinha sido elaborado por um notário, o Dr. Gustavo Falconi L., e estava datado: 21 de julho de 1969. Publiquei a capa deste documento na página nove do THE GOLD OF GODS. Revelei apenas uma pequena parte de seu conteúdo explosivo 35 anos atrás, mas aqui está o texto inteiro e sem omissões, traduzido:

Primeira cópia, Registro de título

No ano de 1969 pelo 4º notário do distrito

De Guayaquil, 21 de julho de 1969

Prezado Ministro das Finanças:

Eu, Juan Moricz, cidadão da Argentina por determinação, nascido na Hungria, passaporte número 4361689, por meu próprio direito e por sua mediação com o escritório de Sua Excelência, o Presidente da República, declaro aqui que: na região leste, na província de Morona-Santiago, dentro das fronteiras da República do Equador, descobri valiosos objetos de grande valor cultural e histórico para a humanidade. Eles consistem de painéis de metal, que foram criados por mão humana e contêm um resumo da história de uma civilização perdida, da qual a humanidade atualmente nem suspeita ou tem prova. Fiz esta descoberta através da minha própria boa fortuna, enquanto estava executando investigações como cientista especializado em aspectos folclóricos, etnológicos e lingüísticos de tribos equatorianas. Os objetos que descobri podem ser assim descritos: 1.

Objetos de várias formas e tamanhos feitos de metal e pedra;

2. Painéis de metal gravados com símbolos e escrita ideográfica. Esta é uma genuína biblioteca de metal, que contém um resumo da história da humanidade: a origem do homem na Terra, bem como conhecimento científico sobre uma civilização perdida. O fato desta descoberta me torna o proprietário legal desses objetos, de acordo com o Artigo 665 do Código Civil. Porém, por serem estes objetos de imensurável valor cultural e eu não os descobri em minha própria terra ou propriedade, o Artigo 666 se aplica. Como a terra e as cavernas nas quais fiz as descobertas pertencem ao Estado do Equador, de acordo com o Artigo 55 da atual Constituição Política, sou obrigado a partilhar minha descoberta com o Estado acima mencionado. De acordo com o Código Civil, aos proprietários da terra são concedidos direitos sobre a descoberta. Portanto, de acordo com o Artigo 58 da Constituição, retornei ao senhor. O Artigo 58 estabelece que o valor artístico e arqueológico de uma descoberta permanece sob o controle do Estado. De acordo com os Artigos 3 e 9 da Legislação Agrícola, é tarefa do Ministro das Finanças monitorar as leis relativas a propriedade do Estado e a informar o Presidente da República.

Como sinal de minha honestidade e boa vontade em proteger os direitos de Estado do Equador, estou registrando minha descoberta com Vossa Excelência, o Presidente da República. Estou fazendo isso para assegurar que a República do Equador esteja em posição de assegurar tanto os seus quanto os meus direitos. Gostaria de pedir que o senhor estabelecesse uma comissão equatoriana de controle. Mostrarei a esta comissão a

localização e a exata posição das cavernas, bem como dos objetos em seu interior. Reservome o direito de mostrar às pessoas indicadas pelo senhor fotografias, filmes e também desenhos originais. Além disso, gostaria de estabelecer que - na realização dos meus direitos como descobridor e proprietário deste achado e de acordo com a lei - não revelarei a exata localização do achado até que os membros da comissão tenham sido indicados. Esta comissão também deverá conter membros que a mim seja permitido indicar.

(Assinado e selado por Juan Moricz e pelo advogado, Dr. Pena).

Um Acordo de Cavalheiros

Este certificado de propriedade me acertou em cheio. Significava que não estávamos falando sobre a vaga esperança de ver uma biblioteca de metal em algum lugar, mas de - isso era claro como o dia - “objetos que descobri”. Painéis de metal gravado e escrita ideográfica tinham sido mencionados: “Esta é uma genuína biblioteca de metal, que contém um resumo da história da humanidade”. Parabenizei Moricz, mas senti que tinha de acrescentar que, apesar da aparente clareza da situação legal, não poderia escrever em meu próximo livro sobre algo, sem que tivesse visto uma pequena parte com meus próprios olhos. Moricz disse que isso não era realmente possível, porque precisaríamos de toda uma expedição apenas para chegar às cavernas subterrâneas. Mas ele PODERIA mostrar-me fotos da entrada principal, e eu poderia copiá-las se quisesse. Fiquei feliz, mas de algum modo não inteiramente satisfeito. Cheio de entusiasmo após ouvir a história de Moricz e ver o documento do notário, estava ardendo de vontade de ir até a floresta e ver por mim mesmo. Se o sistema de cavernas era tão extenso quanto Moricz afirmara, certamente deveria haver outras entradas, que alguém pudesse alcançar, sem a necessidade de montar uma grande expedição. Que tal usar um helicóptero?

Moricz deixou de lado a sugestão, explicando que não havia tantos helicópteros no Equador e os poucos que havia estavam nas mãos dos militares ou das companhias petrolíferas. Então, ele fez uma sugestão; eu me entusiasmei. Ele conhecia uma pequena ramificação do sistema de cavernas. Não havia muito para se ver, mas poderia satisfazer minha curiosidade. Contudo, havia uma condição: eu não poderia revelar a localização e tinha de insinuar que tinha realmente estado na entrada principal. Por quê? Moricz insistiu que, se eu fosse escrever em meu livro que havia outra entrada - e mais: uma entrada que era mais fácil de se chegar - ou mesmo divulgasse a localização, então os caçadores de tesouros logo estariam enxameando por todo o lugar. Ele não precisava me dizer o que aconteceria depois. Nós apertamos as mãos. Para ser honesto, eu teria concordado com condições ainda

mais restritas. Estava muito excitado com a descoberta de Moricz e totalmente tomado pela calma e considerava o caminho de que ele me falara. Acima de tudo, eu estava seguindo a trilha dos extraterrestres desde a minha juventude e, freqüentemente, sofrera zombarias ou recebia sorrisos piedosos. E agora, repentinamente, havia uma chance de tornar o público consciente de uma biblioteca de metal que - segundo Moricz - apoiaria muitas das minhas teorias. Que achado! Minhas dúvidas remanescentes foram literalmente varridas pelo certificado do notário.

No dia seguinte, pegamos um veículo Toyota off-road, dirigindo durante horas na direção sul, subindo e descendo montanhas, até que chegamos à cidade de Cuenca. Moricz encheu o tanque, verificou a água, o óleo e um vasilhame com gasolina de reposição. Depois, pegamos novamente a estrada. Para mim, o Equador é uma “terra incógnita”, um país desconhecido. Não tinha idéia para onde estávamos indo. Moricz dirigiu por estradas estreitas, passando por arbustos, árvores gigantescas e cabanas de nativos. Repetidamente parava o carro, olhava ao redor e dirigia de volta por vários quilômetros. Em algum ponto, podíamos ver um rio largo serpenteando abaixo de nós. Moricz parou, desceu do carro e olhou ao redor antes de voltar ao carro e dirigir ao redor de um campo cultivado e, depois, mudando novamente de direção. De repente, ele gritou: “Lá está! Lá em cima!” Ele apontou diagonalmente para cima, na direção de um penhasco rochoso íngreme, que estava totalmente recoberto de arbustos. Descemos do carro e subimos por um estreito caminho de mulas para chegar ao topo. Embora não houvesse qualquer vilarejo visível ali, um pastor índio e duas crianças surgiram repentinamente ao nosso lado. Estavam vestidos com ponchos negros e usavam chapéus de abas largas. Moricz falou com o homem. Não consegui entender nenhuma palavra. Abruptamente, a entrada de uma caverna em declive surgiu. Por trás dela, havia um buraco profundo, escuro. Nós nos agachamos no chão de pedra, com Moricz colocando sua lanterna de alta potência no chão, entre suas pernas.

Ele tinha me dado uma lanterna, antes de começarmos a subida. Aproveitei ao máximo a oportunidade e coloquei minha câmera Nikon sobre uma borda e apertei o botão de disparo de ação retardada. Depois, rastejamos alguns metros para dentro da caverna. Do fundo das profundezas, podíamos ouvir o rumorejar da água. Eu tinha deixado meu equipamento fotográfico do lado de fora, guardado pelo pastor e seus filhos. Fora algumas figuras estranhas e esculturas de pedra, que se destacaram à luz da lanterna, havia pouco para se ver. Certamente nenhuma biblioteca de metal.

De volta a Guayaquil, Moricz entregou-me um brilhante impresso em preto-e-branco

da expedição de 1969 e me deu permissão expressa para usá-lo em meu novo livro. Voei de volta para a Suíça pouco depois e comecei a escrever o primeiro capítulo de THE GOLD OF GODS - MAS NÃO DA MANEIRA QUE ELE APARECEU NO LIVRO IMPRESSO. Voltarei a isso mais tarde. Primeiro, gostaria de apresentar um “filme” curto do que realmente aconteceu. De volta então, havia na Suíça um periódico chamado SIE & ER (ELA & ELE). Tal periódico tinha conseguido convencer meu editor, em Düsseldorf, Alemanha, a conceder-lhe o direito de publicar trechos exclusivos de meu novo livro. Meses antes de o livro estar terminado, começaram a aparecer resumos no SIE & ER. Mas o texto não mais possuía o mesmo tom sóbrio que eu tinha originalmente empregado. Assim, peguei um avião - com uma cópia do SIE & ER na mala - e voei para o Equador. Mostrei a Juan Moricz e ao Dr. Pena o resumo da revista, incluindo as fotos. Moricz falava um pouco de alemão, mas realmente não o suficiente para entender o texto. Eu o traduzi linha a linha. Moricz achou que a apresentação algo teatral do meu trabalho estava boa. Disse que era como eles faziam em vitrines, onde os produtos são apresentados sob uma luz mais dramática. Mas tudo o que aparecia em relação à biblioteca de metal e os outros objetos era bastante acurado. Poucos meses depois, THE GOLD OF GODS foi publicado - e, então, o drama real começou.

Algumas Edições Inesperadas

Mas como meu livro foi publicado de uma forma diferente do meu manuscrito original? Bem, foi mais ou menos assim: toda editora emprega editores de texto que lêem as obras - especialmente aquelas de autores mais novos ou menos conhecidos - e as corrigem, revisam onde for necessário e, algumas vezes, reduzem ou preenchem passagens. Uma dessas pessoas era o Sr. Utz Utermann, que tinha originalmente trabalhado na indústria cinematográfica e, desde a guerra, tinha reproduzido vários scripts, transformando-os em filmes excelentes. Eu dava grande valor às suas qualidades como pessoa e escritor, e consegui aprender muito com ele. (Em THE GOLD OF GODS, nos créditos no topo da terceira página, Utz Utermann aparece como um dos contribuidores do livro, sob seu pseudônimo de então, Wilhelm Roggersdorf.) Meu editor, o Sr. Erwin Barth von Wehrenalp, chefe da editora ECON, em Düsseldorf, entrou em contato com Utz Utermann para descobrir quão boa era a história do Equador. Naquela época, eu estava no Egito, e Utz Utermann foi comissionado para fazer uma versão excitante da história para a SIE & ER. Ele respondeu, em 7 de outubro de 1972, em uma carta para Erwin Barth von Wehrenalp. Eu recebi uma cópia dela. A carta explicava como aconteceu a versão fatídica (pelo menos para mim).

Eis aqui a carta na íntegra:

Prezado Sr. von Wehrenalp:

Após alguns dias agitados na Feira do Livro, que nos forçou a fazer alguns telefonemas explicativos, acredito que devo a você uma explicação também. Naturalmente, tive alguns momentos de preocupação, me perguntando se deveria ter feito uma pesquisa maior em relação à questão do Equador. Como você sabe, passei mais algum tempo com o Sr. von Däniken, em Bonstelten, em maio, enquanto estava trabalhando no manuscrito. Na tarde de 14 de maio, o Sr. von Däniken tocou para mim uma gravação na qual tinha ditado o capítulo sobre as cavernas e o ouro. Minha primeira reação foi: “Isso é tão fantástico, que ninguém irá acreditar se não oferecermos algum tipo de prova documental: fotos, documentos, etc.”

Däniken mostrou-me cerca de 15 fotos em preto-e-branco e slides coloridos relativos ao assunto. Isso apoiava ad óculos o texto que ele tinha ditado. Quando o pressionei para publicar todas as fotos, Däniken me disse que tinha prometido a Moricz que não publicaria certas fotografias. Somente as fotos que Moricz tinha especificamente liberado poderiam aparecer no livro. Apesar de minha obstinada insistência, não consegui demovê-lo. “Não” - ele disse - “Eu prometi a Moricz que não publicaria nenhuma foto além destas. Basta!” Depois, ele procurou o certificado do notário, de 21 de julho de 1969 (como ele aparece na página 9 do livro) no meio de seus papéis. O certificado: a) confirma Moricz como o descobridor das cavernas e b) descreve os objetos descobertos dentro delas. Colocamos o certificado no livro como uma peça de evidência documental convincente. Däniken também me mostrou um artigo de página inteira de um dos principais jornais do Equador - “El Mercurio” - contendo uma reportagem sobre a inspeção oficial das cavernas por representantes do Estado, militares, etc. A reportagem lista os membros da expedição pelo nome. Seria indigno que um dos principais jornais do país escrevesse sobre algo que não existe mais.

Examinamos todas as evidências documentais, que Däniken tinha reunido enquanto esteve no país, para ver o que poderíamos realmente usar. Encontramos um cartão de visitas pertencente ao advogado, o Dr. Pena, que cuidava dos interesses de Moricz. Eu disse: “Temos de colocar uma cópia disso no livro, com uma nota, para que qualquer cientista que esteja interessado em pesquisa séria possa contatar Pena, para obter acesso às cavernas de Moricz!” Däniken achou que era uma boa idéia. Ficou imediatamente a favor de se fazer isso - sem reservas. “É isso! Isso é exatamente o que Moricz e Pena precisam. Estão procurando

por algum apoio científico sério e estão esperando que meu livro os ajude a encontrá-lo.” Qualquer um que duvide (a) que Däniken esteve em uma pequena parte (que é tudo o que é afirmado no livro) das cavernas de Moricz ou (b) que essas cavernas - que Moricz afirma serem construções feitas pelo homem - existam, então precisa fazer a si mesmo uma pergunta fundamental:

Se Däniken tinha algumas dúvidas quanto à autenticidade de seus relatos, por que forneceria suas refutações com a oportunidade de desmascarar suas afirmações ao publicar o cartão de visitas de Pena?

As pessoas pensam que ele é tão maluco que ele mesmo afiaria a faca com a qual tirariam o seu escalpo? Se ele não estivesse absolutamente certo de que seus fatos fossem sérios, então simplesmente teria escrito sobre cavernas que ele tinha visto, mas cuja localização - por juramento de sigilo - ele não poderia ou não permitiria revelar. O que ainda daria uma boa leitura e a floresta é suficientemente grande para encobrir suas trilhas. De uma coisa ele está certo: sem revelar o endereço de Pena, qualquer pesquisa jornalística teria sido praticamente impossível.

E isso me traz ao ponto fraco deste argumento:

Moricz e Pena não suspeitaram qual o tipo de repercussão viria da publicação de um livro de Eric von Däniken? Däniken teve uma idéia muito boa. Ele gosta de provocar discussões. E por essa única razão, ele nunca apoiaria suas histórias em evidência tão banal. Poderia seguir pelo “caminho fácil” e tornar a vida muito mais simples para si mesmo, ao fazer afirmações que as pessoas não poderiam verificar. Será que pensam que ele é tão tolo que deixaria uma trilha para a sua própria destruição? Se Däniken fosse tão inescrupulosamente astuto quanto algumas pessoas estão tentando afirmar, então não faria nenhum sentido para ele proporcionar os meios de verificação que destruiriam seus argumentos. Assim, o que aconteceu no Equador desde que Däniken fez suas duas visitas? Será que Moricz e Pena ficaram tão consternados sobre a ressonância que está agora levando jornalistas à sua terra natal? Se - e não vejo razão para duvidar dos fatos relatados no “Die Stern” - Moricz e Pena reagiram como descrito, qual é a razão? Eles -no final do dia - realmente queriam proteger “suas” cavernas da interferência estatal? Eles realmente, como Däniken disse, têm pavor das hordas de caçadores de tesouros?

Alguém traduziu o artigo do “Spiegel” para eles, que relataram que Däniken ganhou 3 milhões de marcos alemães dos seus dois primeiros livros? E talvez tenha dito a ele:

“Olhe! Agora ele está vindo visitá-los e irá também nadar no dinheiro proveniente de suas cavernas!” O fato de que isso poderia levar os dois homens a ficarem cheios de inveja e largar Däniken como uma batata quente me parece ser uma reação bem humana, mesmo que não seja particularmente boa. Mas, na tentativa de lançar alguma luz sobre esses eventos dúbios, alguém tem de considerar todas as eventualidades.

Torna-se ainda mais curioso e incrível quando se leva em consideração que Däniken, em sua segunda visita a Moricz e Pena, em agosto, mostrou aos dois cavalheiros três episódios da versão degustação da revista suíça “Sie & Er”, que continha o capítulo inteiro sobre as cavernas e o ouro! E ele traduziu tudo para eles também.

Em 14 de agosto, no começo da manhã, a Sra. Däniken me telefonou e me contou que tinha recebido um telefonema de um homem em Cuenca que lhe disse que Moricz e Pena estavam muito felizes por causa da publicação! Esta afirmação me interessou em particular, porque eu - para tornar o texto sobre as cavernas um pouco mais colorido e dar ao leitor uma impressão mais duradoura - acrescentei alguns “efeitos luminosos” ao texto original de Däniken. Quando Däniken voltou, perguntei-lhe o que Moricz tinha achado desta “licença artística”. Ele disse que Moricz foi totalmente a favor. E que ele tinha dito que “é como um produto em uma vitrine, que você tem de colocar sob uma luz para que venda melhor”.

Vendo como Moricz tinha dado sua benção aos meus “efeitos luminosos”, fiquei aliviado. Desejo que algumas dessas reportagens contenham apenas esse tipo de colorido extra, em vez de distorcer os fatos como sempre. Isso apenas deixa o ouro de Cuenca pertencendo ao Padre Crespi.

Däniken nunca afirmou que as obras em posse de Crespi são algo mais do que painéis de bronze e prata - somente que ele nunca escreveu isso em seu livro. Este fato não brotou de nenhum dos chamados “exposés” no “Stern” ou no canal ZDF da TV. Eles mostraram alguns objetos, mas nenhum daqueles que Däniken fotografou e colocou em seu livro.

Assinado: Utz Utermann, Roggersdorf.

Uma carta bem longa e uma que esclarece um pouco, mas não me libera de minhas responsabilidades como autor (mesmo se as páginas que foram tão pesadamente criticadas posteriormente não tenham sido provenientes de minha caneta). Assim, o que realmente aconteceu? Por que os ataques repentinos e as tentativas de me fazer parecer ridículo?

A Imprensa se Envolve

Depois que THE GOLD OF GODS foi publicado, dois correspondentes da revista DER STERN na América do Sul foram visitar o Dr. Pena, em Guayaquil. Segundo a pesquisa deles, toda a história sobre a biblioteca de metal e minha visita à entrada lateral do complexo de cavernas foi uma completa invenção. Na melhor tradição jornalística, um dos editores da STERN procurou saber qual a minha reação - antes que o artigo fosse publicado. Eu respondi, em 17 de setembro de 1972:

Prezado Sr. Blumerschein:

Gostaria de pedir uma entrevista com o senhor, para que eu possa apresentar o meu lado dos fatos, antes que minha reputação seja irreparavelmente prejudicada por uma apresentação unilateral e tendenciosa da história. Como o senhor sabe, quaisquer retratações ou correções posteriores, bem como qualquer evidência apresentada em data posterior, não são lidas ou noticiadas por ninguém. O Sr. Haaf (editor da Stern) realizou uma curta entrevista comigo, ao telefone, na qual afirmava que os senhores Moricz e Pena tinham dito que eu nunca estivera no sistema de túneis subterrâneos e todas as fotos do referido sistema de túneis que apareciam em meu livro, The Gold of Gods, foram tiradas por Moricz.

As fotos são de Moricz e eu realmente nunca estive nos locais mostrados nelas. Mas essa afirmação nunca foi feita no The Gold of Gods. E no crédito das fotos isso fica claramente estabelecido: fotos por Juan Moricz. Por outro lado, tive a oportunidade de observar uma pequena parte do complexo subterrâneo através de uma entrada lateral, que - segundo Moricz - encontra-se normalmente sob a água. Moricz me disse, durante minha última visita ao Equador, em agosto, que o que eu tinha visto era “nada”. Era “ridículo”. O que ele quis dizer com “nada” e “ridículo” era apenas a relação dessa pequena porção com todo o complexo de cavernas. Nesse sentido, o que eu realmente vi era “nada”. Mas sustentar que eu não tinha visitado a entrada lateral, ou que o que eu escrevi em The Gold of Gods era pura fantasia, é indesculpável. Eu teria de ser incrivelmente estúpido para imprimir o endereço da própria pessoa que poderia negar tudo o que eu afirmava em meu próprio livro! Além disso, não imprimi nenhuma foto de minha autoria em The Gold of Gods, embora possuía várias. Juan Moricz pediu-me para não tornar público qualquer coisa que pudesse revelar a localização da entrada lateral a pessoas familiarizadas com a área. Finalmente, gostaria de dizer que toda essa especulação quanto aonde eu poderia ter estado e o que eu vi lá é que é totalmente ridícula.

A questão mais importante certamente deveria ser: É verdade? Esse sistema de túneis

realmente existe? A esse respeito, é Moricz que precisa fazer uma afirmação definitiva. É muito tarde para que ele volte atrás e diga que o “jardim zoológico”, a mesa, as cadeiras e muito mais (que eu ainda não escrevi a respeito) foi tudo simplesmente uma invenção de sua imaginação. Remeto ao senhor o certificado do notário, de 21 de julho de 1969, do Dr. Gustavo Falconi, Guayaquil (Documento XVII).

E talvez o senhor deva também perguntar a ele porque ele tirou uma fotografia comigo e se as lanternas que temos nas mãos serviam apenas como apoios.

O restante da carta refere-se ao Padre Crespi, ao qual retornarei posteriormente.

Apesar deste esclarecimento, a edição de 1º de outubro de 1972 da DER STERN publicou um artigo devastador sobre mim. Aparentemente, Moricz e Pena indignadamente negaram tudo o que eu tinha escrito. Fui nocauteado. Havia apenas três semanas, em 12 de setembro de 1972, que eu tinha recebido uma carta extremamente amigável do Dr.

Peña:

Acabei de receber sua carta de 21 de agosto. Queria que você soubesse que os senhores Hero Buss e Perry Kretz, da revista “Stern”, estiveram em Guayaquil buscando informações para um artigo sobre o seu último livro. Como sempre, tivemos o prazer de dar a eles as boas vindas aqui e mostrar-lhe as fotografias do mundo subterrâneo.

Isso era exatamente o oposto do que apareceu na STERN. A revista tinha afirmado que Moricz e Pena tinham “aberto os olhos dos dois jornalistas alemães sobre Eric Von Däniken”. Assim, o que tinha acontecido com a verdade? Será que os jornalistas da STERN tinham simplesmente inventado sua história, ou era o advogado, Pena, que estava mentindo para mim? Enviei duas cartas posteriores para o Equador, mas não recebi qualquer resposta, o que não me surpreendeu em nada, pois o serviço postal equatoriano não era especialmente confiável. Como aconteceu, eu tinha uma conhecida, a Srta. Pia Buob, cujo trabalho como aeromoça levava-a ao Equador muito freqüentemente. Dei-lhe uma carta para o Dr. Pena e pedi-lhe que a entregasse pessoalmente, em mãos. Ela provou ser uma excelente mensageira. Visitou Pena, em Guayaquil, e escreveu-me:

De volta, em segurança, à Suíça, pensei em escrever-lhe um bilhete rápido sobre minha visita ao Dr. Pena, em Guayaquil. Fui procurar o Dr. Pena imediatamente após desembarcar e dei-lhe a carta que você pediu-me para entregar a ele. O Dr. Pena foi extremamente cordial comigo; convidou-me para ir à casa dele e apresentar-me à sua família.

Todos eles quiseram saber como você estava passando e falaram com grande entusiasmo sobre você e sua visita a Guayaquil. O Dr. Peña, porém, ficou horrorizado ao ler o artigo da Stern, que você anexou à sua carta. Suas palavras foram:

“Todo o artigo é uma mentira”. Suas declarações aos repórteres da “Stern” tinham sido distorcidas e citadas fora do contexto. O Dr. Peña prometeu-me que escreveria para você sobre o assunto logo que Juan Moricz retornasse de sua viagem às cavernas. Ele queria falar primeiro com Moricz sobre o assunto.

O Dr. Peña e sua família queriam saber quando você iria voltar a Guayaquil. Estão querendo vê-lo de novo e todos lhe desejam muitas felicidades.

Mais Negações

Depois de ler esta resposta, senti-me enormemente aliviado. O mundo estava retornando ao normal, e tudo fora um exagero da parte dos repórteres da STERN. Errado! O caos estava apenas começando! Os canais de TV de língua alemã pegaram o assunto. O chefe da ECON, o Sr. von Wehrenalp, foi convidado a participar de um debate na TV com o conhecido etnólogo Professor Udo Oberem, de Bonn. O cientista negou veementemente que Crespi possuía alguns tesouros valiosos e que o mundo conhecia as cavernas de Juan Moricz há algum tempo. O chefe da ECON convidou o cientista a fazer parte de uma expedição de pesquisa ao Equador - naturalmente, comigo e com outros relacionados. Apenas uma semana depois, DER STERN - que nunca publicou nada para desobrigar-me - relatou que o Professor Oberem tinha rejeitado o convite para viajar ao Equador. Errado novamente! Na verdade, Oberem tinha aceitado o convite em 12 de outubro de 1972.

O chefe extremamente consciencioso da editora ECON, em Düsseldorf, Erwin Barth von Wehrenalp, teria declarado “estação de caça aberta” em relação a mim e teria me deixado cair publicamente, se minha história em THE GOLD OF GODS tivesse se transformado em uma mixórdia de mentiras. Logicamente, ele se voltou para o embaixador equatoriano na Alemanha, Professor Ramón Eduardo Burneo, e pediu-lhe ajuda neste assunto delicado. Ele queria que o embaixador identificasse cientistas, no Equador, que pudessem, junto com Juan Moricz e eu, esclarecer a situação. O editor também escreveu:

Fui informado de que você fez algumas declarações negativas em relação ao livro de Erich von Däniken para “Kölnischer Rundschau”. Como verificamos tudo que está relacionado a nós, até rumores, ficaria grato se você também me deixasse conhecer quais são

realmente os fatos do assunto...

A resposta do embaixador só aconteceu uma semana depois:

Gostaria de confirmar que eu estaria preparado para ajudá-lo em seus esforços. Ao mesmo tempo, contatei as autoridades relevantes, no Equador, e pedi a eles para nomearem alguém que pudesse ser um membro dessa expedição. Tão logo receba uma resposta delas, eu o avisarei. Também gostaria de assegurar-lhe que eu, em momento nenhum, fiz qualquer declaração sobre o livro do Sr. von Däniken a qualquer publicação absolutamente...

Assim, o que em nome do céu estava acontecendo aqui? Claramente, jornalistas estavam inventando manchetes negativas, que ficavam me atingindo como golpes de martelo e fornecendo aos meus adversários mais munição para derrubar minhas teorias. E estava acontecendo por todo o mundo! Os artigos na Alemanha tinham sido rapidamente apanhados pela imprensa no Reino Unido e nos Estados Unidos e estavam sendo canibalizados para se obter histórias ainda mais sensacionalistas. O problema era que nada disso era verdade. Mas os editores dos jornais em terras distantes não sabiam disso. Grandes jornais e outras publicações estavam sendo citados e sendo adicionados aos arquivos da imprensa. Funciona assim: os jornalistas apenas mergulham e ajudam-se uns aos outros. Afinal, você não pode esperar que um jornalista americano comece a pesquisar tudo a partir do zero - especialmente quando isso já foi feito por alguém mais. O americano diz para si mesmo: “Bem, os alemães encontram-se exatamente na fonte da história. Assim, eles devem ter informações melhores e mais extensas do que o que eu poderia obter”. É o sistema chamado de pingue-pongue. Todo mundo pega material de suas contrapartes.

Após a comunicação amigável que recebi do Dr. Peña e da visita feita pela Srta. Buob ao Equador, escrevi várias cartas, longas e detalhadas, para a América do Sul e pedi uma explicação. Segue, abaixo, uma dessas cartas, de 11 de novembro de 1972, ao Dr. Peña e Moricz:

Como vocês provavelmente já sabem, após minha declaração de que há um sistema de túneis feitos por mão humana, no Equador, bem como uma biblioteca de metal, tenho sido criticado pela imprensa européia. Durante uma entrevista na televisão alemã, meu editor, da Editora ECON, em Dusseldorf, anunciou que estaria preparado para financiar uma expedição ao Equador, para provar a legitimidade tanto de minhas afirmações, quanto da sua “Escritura”.

O Professor Udo Oberem, do Departamento de Estudos Americanos, da Universidade

de Bonn, e eu voaremos da Alemanha para o Equador. No Equador, um curador de museu e possivelmente também um geólogo irão se juntar à equipe. O empreendimento planejado precisa ocorrer no início de março de 1973.

Infelizmente, nenhum de nós tem tempo para gastar vários meses no país, o que exclui uma expedição com mulas e carregadores. Portanto, sentimos que a melhor solução seria voar para a entrada da caverna de helicóptero. Os custos serão cobertos pela Editora ECON.

1. Seria possível para o Señor Moricz, e se ele desejar, liderar uma pequena expedição em ou por volta de 1 de março de 1973, de helicóptero, até a entrada principal ou uma das entradas laterais mais interessantes? 2. Juan Moricz gostaria de nos mostrar / pode ele garantir que a pequena expedição consiga ver um pouco do sistema de cavernas feito pelo homem? Seria necessário mostrar apenas uma pequena parte que seja indiscutivelmente artificial e que não pudesse ter sido formada por erosão natural de água ou sedimentação.

3. O Señor Moricz gostaria de nos levar longe o suficiente, de modo que pudéssemos ver alguns dos tesouros subterrâneos - em particular, a biblioteca de metal? Naturalmente, nem é preciso dizer que espero que o Dr. Peña nos acompanhe nesta expedição, que tem apenas um objetivo principal e que é apurar / confirmar a existência do sistema subterrâneo de cavernas e os tesouros históricos e culturais a serem encontrados lá. Uma expedição maior, incluindo jornalistas, não está planejada até uma data posterior. Para os propósitos de verificação, não é absolutamente necessário voar diretamente para a entrada principal, pois o Señor Moricz também conhece entradas laterais. Ele poderia muito facilmente nos levar a uma delas, providenciando para que ainda estivéssemos em posição de confirmar que o sistema foi feito pelo homem, bem como ver alguma coisa do tesouro subterrâneo. Se o Señor Moricz preferir não nos levar a uma das entradas laterais, mas, antes, preferir voar diretamente para a entrada principal, então será vital que o Señor Moricz nos deixe saber por quanto tempo provavelmente precisaremos permanecer no subterrâneo para ver pelo menos uma parte da biblioteca de metal. Se necessário, enviaremos anteriormente uma comitiva de carregadores, ou o helicóptero precisará fazer várias viagens até que toda a equipe e seu equipamento estejam na entrada principal. A missão em helicóptero proposta semente será possível para o Professor Oberem e para mim por volta de 1º de março de 1973. Estamos, portanto, confiando em uma resposta rápida e completa para as perguntas feitas nesta carta. Tão logo o Señor Moricz e o Dr. Peña tenham confirmado que teremos permissão para ver uma parte do sistema subterrâneo e da biblioteca de metal, entraremos em contato visando a estrutura e o planejamento da viagem. Envio meus melhores cumprimentos a ambos e espero

que nos vejamos novamente o mais tardar em março de 1973.

(Assinado: Erich Von Däniken)

Esperando em Vão

Esperei e esperei; enviei quatro cópias da mesma carta para o Equador - usando diferentes métodos e rotas a cada vez. Mas não houve reação. Qual poderia ser a razão desta falta de resposta? Para ser honesto, preferia ter pulado no primeiro avião para Guayaquil, mas minha agenda estava completamente cheia de palestras por todo o mês de novembro e partes de dezembro também. Mesmo uma pequena visita ao Equador levaria pelo menos cinco dias, entre ida e volta, e eu não tinha cinco dias livres seguidos. O Natal estava chegando, com todas as suas alegrias e deveres. Convenci-me de que a resposta de Peña tinha se emaranhado com as correspondências de Natal. Mas o Professor Oberem e os outros estavam me pressionando. Eles precisavam de uma resposta definitiva, para que pudessem fazer seus planos. Assim, em 29 de dezembro de 1972, enviei mais uma carta, através do oceano, para o Equador:

Em 11 de novembro, enviei-lhe uma longa carta relativa a planos para uma expedição por helicóptero para visitar parte do sistema subterrâneo de cavernas descoberto por Juan Moricz. Para ter certeza de que tinha chegado, enviei quatro fotocópias dessa carta em dias diferentes. Em minha carta de 11 de novembro, escrevi que a Editora ECON gostaria de assumir os custos de tal expedição e o professor de etnologia alemão Udo Oberem gostaria de nos acompanhar. Agora, quase dois meses se passaram e ainda não recebi qualquer resposta relativa às minhas sugestões e questões. A situação está começando a ficar difícil para mim, para não dizer impossível. Não apenas os membros da expedição, mas também os patrocinadores da mesma - a Editora ECON - estão me pressionando... [depois vem uma parte repetindo, em grande extensão, o que estava na carta anterior]... Tendo em mente que as despesas de viagem são bastante significativas, é impossível para nós, europeus, irmos ao Equador sem uma garantia definitiva da parte do Señor Moricz... Se não obtiver uma resposta sua até 10 de janeiro de 1973, tentarei contatá-lo por telefone.

Passei a virada do ano de 1972 com minha família em um hotel de montanha maravilhoso nos Alpes suíços. Muitos dos convidados - alguns deles genuinamente interessados, outros fazendo zombarias - queriam saber mais sobre a biblioteca de metal no Equador. Mas não fui capaz de ajudá-los. A data limite de 10 de janeiro, que eu tinha estabelecido para Peña, passou sem qualquer resposta. O chefe da ECON sugeriu que

fizéssemos as malas e fôssemos para o Equador, mesmo sem qualquer garantia da parte de Moricz. Fui completamente contra essa idéia, dando as minhas razões:

.. a viagem planejada para o Equador deve e precisa ocorrer.

Mas a principal razão para a visita é a biblioteca de metal. Assim, temos de superar este obstáculo posto por Moricz e Peña. Mesmo se nossos planos atrasarem por causa desses dois cavalheiros, devemos calmamente aceitar e não entrar em pânico. Precisamos informar todas as partes interessadas no objetivo e na maneira considerada... O fato de que Moricz e Peña ainda não terem dado uma resposta realmente me preocupa. Embora eu possa dizer, com algum grau de certeza, que este silêncio não é uma afronta pessoal a mim, porque a Srta. Buob visitou Peña depois da reportagem da Stern. Estou começando a imaginar se outras partes não se envolveram no assunto - quem quer que possam ser. Aqueles jornalistas que me atacaram e despedaçaram - e até mesmo o assunto - não dão a mínima para o que trouxermos do Equador, se o sistema de túneis e a biblioteca de metal não fizerem parte da viagem!

Para mim, o que era importante era confirmar as passagens mais importantes do THE GOLD OF GODS, e isso era impossível sem o auxílio de Moricz. Ele era a figura-chave para a minha reabilitação aos olhos do mundo. Hoje - mesmo após 36 anos - posso escrever tudo isso e citar a antiga correspondência sem um pinga de amargura e sem qualquer sentimento ruim em relação aos envolvidos. Como sabemos, o tempo cura todas as feridas. A razão para meu desapontamento naquela época estava em uma carta bem longa que recebi finalmente do Dr. Peña (que é muito longa para citá-la em sua totalidade aqui), que me devastou completamente. Será que eu estava vivendo em algum tipo de mundo de sonhos? Ou os outros tinham mudado de lado?

Peña escreveu:

Recebi suas cartas de 11 e 30 de novembro, bem como aquela de 29 de dezembro. A esse respeito, preciso - como advogado do Señor Juan Moricz - informar-lhe:... Tanto o Señor Moricz quanto eu acreditamos que você retornaria a Guayaquil na primeira oportunidade, para nos dar uma explicação pela apresentação inventiva e colorida da descoberta do Señor Moricz em seu livro (The Gold of Gods), bem como em relação a certas fotografias e informação que você não tinha nossa permissão para dar. De fato, particulares em relação a esta descoberta foram dados a você pela compreensão de que você patrocinaria uma expedição posterior com a soma de US\$ 200.000. Esta segunda expedição tornaria, então, os detalhes da descoberta de Moricz disponíveis para o mundo inteiro... Contrário a

qualquer posição legal, você fez uso do material que lhe foi fornecido, embora tivéssemos dito, desde o início, que o Señor Moricz desejava que os direitos intelectuais e de autoria associados a esta descoberta, bem como do certificado assinado por todos os membros da expedição original - que você viu - fossem garantidos. Anexo uma cópia para você...

Desta maneira, você usurpou o direito de publicar os resultados da pesquisa acima mencionada. Também se beneficiou comercialmente de uma descoberta e de informações que pertenciam a outrem, sem nem mesmo um acordo sobre um montante adequado de compensação... Ao explorar a comoção e a curiosidade humana natural surgida pela história da fantástica descoberta do Señor Moricz, você pretende usar suas inúmeras publicações para nos colocar sobre pressão para organizar uma expedição futura, da qual você, exclusivamente, iria se beneficiar. Você se esquece que o plano era organizar uma expedição para trazer aos olhos do mundo as descobertas de Moricz, não a partir de um desejo filantrópico de mostrar a todos que o Sr. Erich von Däniken estava certo. Você despertou ilegalmente a curiosidade de seus leitores pela descoberta de outra pessoa. Agora, você quer explorar a situação para provar que suas alegações eram válidas...

Pasmo!

Esta explosão me confundiu totalmente! Durante vários dias, fiquei vagando como se estivesse em estado de torpor. Graças aos céus, não sou o tipo de pessoa que sofre de depressão; março de 73 teria sido o mês certo para isso! Eu apenas não sabia mais o que pensar. Tinha apenas publicado algumas páginas sobre a descoberta de Juan Moricz, em THE GOLD OF GODS, porque ele (assim como eu) tinha querido isso desse modo e era para que assim fosse mais fácil para ele publicar seu próprio livro sobre o assunto. Ele tinha me dado aquelas fotos em preto-e-branco exatamente para esse propósito. Eles estavam alegando que eu as tinha usado sem permissão. Eu estava sendo pintado como um completo canalha - o tempo todo - porque eu tinha “me beneficiado comercialmente” das descobertas de Moricz. Este ficou - assim afirma a carta de Peña - horrorizado sobre a maneira pela qual eu as tinha tornado públicas. De fato, eu tinha lhe mostrado os pequenos trechos publicados em SIE &ER e os traduzido palavra por palavra. A carta de Peña também incluía um documento que eu - apesar de sua afirmação em contrário - nunca tinha visto antes. Eu sabia sobre a “Escritura” (o certificado do notário), mas nunca tinha visto isto:

Os abaixo assinados, todos membros da expedição de pesquisa às cavernas descobertas pelo Señor Juan Moricz, no Equador, aceitam não publicar qualquer material ou fotografia de forma jornalística, por rádio ou televisão, ou por quaisquer outras explicações

relativas à expedição, seus incidentes, ou os objetos valiosos nas cavernas, a posição geográfica do local, as teorias e hipóteses que levaram à descoberta, ou quaisquer outros detalhes relativos à expedição. Qualquer outra afirmação pública ou oficial à mídia de massa, concernente ao sucesso, falha, repercussões, alegações, realização e todos os outros aspectos da expedição, podem apenas ser feitos pelo Señor Juan Moricz, que é explicitamente nomeado como líder da expedição e expressamente autorizado a empreender ação legal contra qualquer um que contrarie este acordo, bem como impedir a publicação de quaisquer fotografias ou alegações em violação a este acordo. Somente o descobridor, Señor Juan Moricz, tem o direito de revogar os deveres e restrições descritas neste documento, no tempo em que ele achar apropriado.

(Assinado por todos os membros da “Expedição 1969”, em 23 de julho de 1969)

A mim começou parecer que talvez Moricz estivesse sendo pressionado por seus colegas de expedição, que tinham todos jurado segredo. À luz disso, este Däniken da Suíça não se ajustava de maneira nenhuma ao quadro. Ele estava estragando tudo e ganhando pilhas de dinheiro (declaradamente) no processo. A realidade, porém, era muito diferente.

Por que estou considerando toda essa velha história, depois de tantos anos? Quem se importa? THE GOLD OF GODS não se encontra mais no mercado; meus leitores de então provavelmente estão todos mortos ou interessados em outras coisas agora. E eu me recuperei de todos os choques e traumas. Assim, por que desenterrar esta longa e empoeirada história?

Porque a biblioteca de metal foi extensamente vista e descrita por uma outra fonte! E porque agora eu sei a exata localização geográfica da entrada da caverna! Há algumas descobertas bem sensacionais bem diante de nós. A história antiga está de novo repentinamente lá no topo. Antes que eu feche a porta de toda essa correspondência de 35 anos, que, em si mesma, é um capítulo na história, e antes que eu lhe conte mais sobre a descoberta da biblioteca de metal, poderia interessar-lhe saber o que veio do relacionamento entre Moricz e Peña e eu. Respondi à “martelada” de Peña exatamente uma semana depois (eu tenho uma casca dura!):

A expedição que propus tinha puramente a intenção de provar ao mundo que a biblioteca de metal e outros tesouros realmente existiam e poderiam ser encontrados nas cavernas de Moricz. Tudo isso sempre teve a ver apenas com Juan Moricz e não com Erich von Däniken... Não era para provar que “Erich von Däniken estava certo”; antes, era uma questão de provar que o que Moricz alegava - por exemplo, na “Escritura” - era verdadeiro.

Durante minha visita ao Equador, no último mês de agosto, mostrei-lhe as primeiras edições de “Sie & Er” e falamos longamente sobre os caminhos e meios que um autor precisa usar para apresentar sua história. Fizemos comparações com produtos em uma vitrine, que precisam ser apresentados sob luz certa. Moricz disse-me, naquela época, que os meios de apresentação eram apenas secundários. Eu gostaria de lembrar-lhe que meus livros não são tratados científicos e que a um escritor é preciso dar um pouco de liberdade artística.

Em seu escritório, o Señor Moricz deu-me permissão para usar as fotografias que ele tinha me dado. De fato, esta foi a verdadeira razão de eu ter ido a um laboratório fotográfico e feito as cópias. E o que é mais: qualquer segredo repentino relativos a essas fotos é, de qualquer maneira, bem inútil, a se ver como foram todas publicadas na imprensa equatoriana.

De fato, é verdade que fiz uma oferta, durante uma de nossas conversas, de se levantar fundos para uma expedição posterior, de modo que o mundo ficasse sabendo sobre as fantásticas descobertas no Equador. Este financiamento seria providenciado pela Editora ECON e, se isso não desse certo, eu teria procurado alguma outra companhia. Se o Señor Moricz acha que pode financiar sua própria expedição, isso é com ele, e estou certo de que ele tem suas próprias razões para assim o fazer. Mas o que eu acho completamente injusto é apresentar-me como uma espécie de vilão, que esparramou os feijões sobre segredos que estavam reservados ao Señor Moricz. Eu não era membro da Expedição 1969 e nem signatário do documento que você me enviou. E mais: nunca tive a menor suspeita de que tal documento existisse. A propósito, gostaria de agradecer-lhe por ter me enviado uma cópia. De qualquer modo, o assunto a que se refere o documento não fez parte daquilo que conversamos no Equador. Ficou claro, tanto para você quanto para o Señor Moricz, que eu escreveria sobre o sistema de túneis subterrâneos - que, afinal, era a razão de nossos longos encontros.

Gostaria de pedir-lhe, Dr. Pena, que relembresse nossas conversas! Você conhece a posição de Moricz e a minha sobre arqueologia e sobre a origem e proliferação do Homo sapiens. Você também tinha consciência de que Moricz e eu sabemos muito mais do que dizemos e escrevemos. Você se lembra de nosso segundo jantar de negócios? Moricz e eu estávamos exatamente no mesmo comprimento de onda intelectual. Sobre alguns assuntos que discutimos, tínhamos apenas de assentir um para o outro, porque cada um de nós reconhecia que o outro sabia exatamente o que estava sendo dito. O que você acha que teria acontecido, se eu tivesse publicado toda a história? E não posso - especialmente depois de nossos encontros - compreender por que vocês dois estão repentinamente agindo como se eu os

tivesse ferido de alguma maneira. Moricz quer “la guerra” ou até “Norte guerra”! Mas era ele que queria revelar a verdade sobre a pré-história humana para um público maior. Talvez Moricz deva ser grato ao fato de que as pessoas não estão apenas falando sobre suas descobertas, mas também sobre ele. Nunca aleguei que qualquer dessas descobertas fosse minha. Sempre enfatizei que a descoberta era de Moricz. Ele não tem - Deus sabe! - razão para ficar zangado comigo, nem com minhas publicações. Se Juan Moricz está em posição de realizar sua idéia de publicar seu planejado livro simultaneamente em 30 idiomas, então, está na soleira das portas que abri para ele. Foi somente através de minha publicação que o mundo agora sabe que há um sistema de túneis no Equador e que seu descobridor conhece seus segredos.

Querido Dr. Pena, por favor, aceite os meus mais sinceros cumprimentos extensivos ao Senhor Moricz.

(Assinado: Erich von Däniken)

O Caldo Engrossa

De volta, então, de 1972 a 1975, muitas pessoas da imprensa internacional acusaram-me por não me defender contra essas acusações substanciais. Disseram que eu não tinha feito nada para lançar qualquer luz sobre a verdade, que tinha me comportado como um fraco, e que tinha fugido de minhas responsabilidades. Além de tudo isso, algumas pessoas, intencionalmente - lançaram manchetes alegando que eu tinha admitido que nunca estivera em qualquer caverna no Equador. Mentira! Na primeira conferência de imprensa, deixei bem claro que eu não tinha estado na ENTRADA PRINCIPAL do mundo subterrâneo de Juan Moricz, mas que estivera em um túnel lateral - que foi claramente ilustrado pelas fotos. Todos os fatos foram atirados pela janela, para se fabricar um texto editado assim: “Däniken admitiu nunca realmente ter estado nas cavernas do Equador”. Estes artigos distorcidos ainda se encontram nos arquivos da imprensa e - naturalmente - na Internet, onde qualquer um pode escrever o que quiser, até mentiras deslavadas. Isso me lembra de um apresentador de TV que queria “sim” ou “não” as respostas de seus convidados às perguntas que ele fazia. Mas é sobre a verdade - e ela pode sempre ser estabelecida com um sim ou um não. Realmente? Pegue a pergunta feita abaixo e tente e responda-a corretamente com um simples sim ou não:

VOCÊ FINALMENTE VAI PARAR DE BATER EM SUA MULHER TODA NOITE?

SIM OU NÃO?

Você entendeu? As duas opções frequentemente acabam sendo um fracasso. É preciso uma explicação posterior. É por isso que finalmente decidi - como parte da história contínua da misteriosa biblioteca de metal - esclarecer a controvérsia relativa àquelas poucas páginas do THE GOLD OF GODS. E agora, finalmente, tenho a chance de contar o que realmente tentei fazer e lançar um pouco de luz sobre todo o assunto.

Após minha carta explicativa a Peña, recebi uma resposta exigindo dinheiro. Pediam-me para pagar “a percentagem correspondente aos royalties de propriedade do Señor Moricz”, que eu possuía pelo rendimento proveniente do uso das fotografias, pesquisa e assim por diante. Na mesma época, recebi uma carta de um certo Sr. James B. Mobley, da “Media Associates Company”, uma produtora de filmes nos Estados Unidos, que anunciava que eles fariam um filme sobre as cavernas subterrâneas no Equador e tinha assegurado os direitos. O Señor Moricz recusou a chance de estar diretamente envolvido, mas sua presença não seria necessária, pois um certo Señor Pino Turróla, iria liderar a equipe. Para meu espanto, descobri que o Señor Turróla tinha explorado as cavernas mais extensivamente do que qualquer outra pessoa - e ele tinha feito isso um ano e meio ANTES da expedição Moricz! O Sr. Mobley assegurou-me em sua carta que sua companhia cinematográfica tinha elaborado um contrato com o governo equatoriano e registrado seus direitos na The Writers Guild of América. Mas o que me deixou mais eletrizado foi a alegação de Mobley de que “os painéis feitos de estranhos metais, ouro, objetos, etc.” não se encontravam nas cavernas de Moricz, mas “ESTAVAM EM UMA CÂMARA A MUITAS MILHAS DE DISTÂNCIA. SUA ENTRADA SÓ PODE SER ALCANÇADA A NADO PELO RIO E SUBINDO PARA A CAVERNA.

Isso era novidade! Se o que Mobley disse era verdade, então Moricz tinha tido um certificado de notário que não tinha qualquer relação com a verdade! Isso significaria que ele tinha abusado da confiança de seu governo e mentido para seu advogado de confiança, o Dr. Pena - e a mim também! Também significa que a visita à entrada lateral foi algum tipo de enigma insondável. Enviei uma cópia da companhia cinematográfica ao Dr. Pena e também cumprimentei o produtor do filme, o Sr. Mobley, e assegurei-lhe meu apoio em seus esforços para comprar o filme. Em outra longa carta ao Dr. Pena, de 16 de março de 1973, expliquei o meu ponto de vista em relação às exigências de Moricz (percentual de participação), mas não obtive resposta. Em vez disso, alguns meses depois, uma intimação de \$ 1 milhão de dólares foi entregue em minha casa. Inacreditável! Alguém estava me processando em um milhão de

dólares por apenas algumas páginas em meu livro THE GOLD OF GODS. Aquelas poucas páginas ligadas a apenas uma pequena porção de uma história maravilhosa, que muito possivelmente havia sido inventada pela pessoa que estava me processando (Juan Moricz) e que não tinha levantado um dedo para provar a verdade de sua história - muito embora eu tenha oferecido financiar sua expedição! Mas em que droga de mundo eu estava vivendo? Em 17 de junho de 1973, o Sr. Ronald Nicholas, presidente da NATIONAL LEISURE CORPORATION, em Hollywood, disse ao jornalista Ron Thompson: “É inacreditável. A equipe de filmagem tirou mais de mil fotos nos túneis. Encontraram cavernas que eram suficientemente grandes para acomodar de 5 a 6 mil pessoas.” Comigo estava tudo certo. Quem quer que tenha tirado as fotos apenas estaria confirmando a minha história. Os anos se passaram. Desafiei e venci a alegação de danos feita por Moricz. Ele próprio continuou a insistir junto aos jornais e a qualquer um que tivesse ouvido que as cavernas e a biblioteca de metal existiam. Então, em alguma época do final do inverno de 1976 (meu número de arquivo sumiu), a revista alemã BUNTE publicou um artigo fabuloso sobre o Equador. Uma equipe internacional de exploradores, liderada pelo explorador de cavernas escocês Stanley Hall, realizou uma grande expedição “nas pegadas de Erich von Däniken”. Seu convidado de honra foi o primeiro homem a pisar na lua, Neil Armstrong. Todos os participantes, afirmou-se, ficaram amargamente desapontados comigo, pois as cavernas subterrâneas não continham nada do tesouro. Eu nunca tinha ouvido falar de um explorador de cavernas chamado Stanley Hall. Neil Armstrong, por outro lado, era alguém que todo o mundo conhece. Escrevi uma carta a ele, em 18 de fevereiro de 1977, e pedi-lhe mais detalhes. Pouco mais de uma semana depois, recebi uma resposta. O Sr. Armstrong distanciou-se do comunicado da imprensa. Você pode ler a carta por si mesmo. (Ver a página 158.)

O Problema com a Imprensa

De volta, então, àquele tempo, eu tinha desistido de me perguntar o que, diabos, acontecia com a imprensa. Na época, eu estava bem consagrado como uma completa vítima do sistema. Apenas leia a carta! Eu sabia, mesmo então, como a mídia trabalhava e que jornalistas simplesmente saqueavam as fontes existentes para economizar tempo. Isso não os torna más pessoas. Assim, dificilmente eu ficaria surpreso quando um dos maiores diários alemães publica um artigo, em 2 de outubro de 1982, sobre a expedição alemã - ainda novamente “na trilha de Däniken” - que tinha viajado para o Equador e realizado uma investigação das cavernas Tayos, alcançando-as facilmente, sem a ajuda de dezenas de guias

e carregadores, e que também só descobriu painéis de bronze e outras quinquilharias na coleção do Padre Crespi.

Mas a “Expedição Moricz 1969” não tinha precisado de um batalhão de carregadores e até proteção militar? Como esses “turistas” alemães simplesmente foram até as cavernas Tayos? A resposta é simples: doze anos tinham se passado e os equatorianos tinham construído uma estrada que praticamente levava até lá. A situação em 1982 não podia ser comparada àquela de 1969. E o Padre Crespi? Já não se tinha estabelecido, algum tempo antes, que tudo o que ele possuía em sua coleção era quinquilharia e lixo moderno? Eu já tinha consciência, em 1972, que o Padre Crespi tinha trabalhado, por algum tempo no começo de sua vida, como curador do museu do ouro, em Cuenca. Assim, eu dificilmente pensaria que ele não estava em posição de dizer o que era e o que não era ouro. O museu do ouro sofreu um incêndio, em 20 de julho de 1962. Durante minhas três visitas a ele em Cuenca, o velho tinha arrastado para fora painéis de metal, para serem fotografados, e tinha dito de quase todos eles: “Oro... oro... oro” (Ouro... ouro... ouro.). O Padre era um velhaco e gostava de puxar as penas de suas visitas. Durante minha segunda visita, ele estava tão entusiasmado, que tirei uma foto de sua peça mais recente de “ouro”. Alegrementemente fiz-lhe o favor, embora eu seja tão capaz quanto qualquer um de reconhecer bronze barato. Então, ele arrastou para fora um antigo ferro a vapor enferrujado e me disse, piscando um olho, que ali estava a prova de que os incas sabiam como passar roupas. Extremamente sagaz, após visitas anteriores de outros, durante as quais artefatos valiosos tinham sido roubados, ele guardava ciumentamente seus tesouros. Dificilmente ele me deixava chegar perto de uma única peça. E, quando eu tentava tirar medidas, ele segurava as peças em ângulos inadequados ou, então, encostava-as à parede. O que eu podia fazer? Mas acusar o Padre - não se esqueça que ele era um membro respeitado da igreja e um especialista em ouro - de mentir teria sido demais. Só podia observar seu “ouro” com um sorriso. E tem mais, porque eu tinha ido a museus do ouro em Lima e Bogotá, e eles tinham peças que pareciam exatamente aquelas da coleção do Padre Crespi. Assim, cerca de 12 anos depois de minhas visitas, um bando de turistas alemães perambulou pelo quintal de Crespi. O padre tinha morrido pouco tempo antes e seu sucessor ficou muito feliz em mostrar aos turistas, com suas gordas mochilas, todo tipo de coisa dos bens de Crespi, incluindo um par de painéis, que eu tinha descrito como de “ouro”. Naturalmente, todas as peças valiosas da coleção tinham sido removidas havia muito tempo e estavam armazenadas no Arquivo do Estado Equatoriano. Mesmo assim, dificilmente consigo imaginar que aquelas peças eram apenas “lixo sem valor”, como relatou o artigo alemão. Você não precisa de um cofre para armazenar lixo antigo. Posso bem imaginar que muitos dos

objetos foram duplicados: um seria o genuíno e o outro a cópia. Não escrevo isto apenas para cobrir minhas próprias costas, mas por experiência, pois muitos dos museus do mundo contêm imitações de outras peças. Mesmo nas terras dos Andes.

De qualquer maneira, eu não estava em posição de dizer o que era ou não genuíno. Assim, escrevi em meu livro THE GOLD OF GODS que as peças eram feitas de ouro, prata, cobre e bronze. No meu livro seguinte, IN SEARCH OF ANCIENT GODS (Em Busca dos Antigos Deuses), que foi publicado apenas um ano depois, fui um pouco mais específico: “peças de bronze, cobre, folha de metal barato, zinco, pedra e madeira... e, no meio de toda essa confusão, alguns tesouros verdadeiros de ouro, banho de ouro, prata e banho de prata” (p. 149). As legendas sob as fotos foram ainda mais cautelosas: “painel de metal” (p. 152), “lâmina de metal banhada a ouro” (p. 154), “escultura” (p. 157), “disco de prata-zinco” (p. 158), e “lâminas de prata gravadas” (p. 160).

Praticamente tão logo voltou, o líder do grupo de turistas alemães escreveu um livro refutando minha história, no qual fui - naturalmente, o que mais poderia ser? - novamente “desmascarado”, “exposto”, e “refutado”, e não podemos esquecer a quase compulsória “indignação” em nome do povo alemão. Só faltavam as garotas dançando e as luzes feéricas. O livro fala como se eu tivesse constantemente escrito sobre nada além de ouro, ouro e mais ouro da Coleção do Padre Crespi. Para começar, não era verdade. Em segundo lugar, meu livro fotográfico documentário, IN SEARCH OF ANCIENT GODS, foi conveniente e totalmente ignorado. E em terceiro lugar, eu não podia saber que, entre 1969 (Moricz) e 1982, os equatorianos tinham construído uma estrada de rodagem através da floresta, o que teria tornado uma expedição cara - como nos tempos de Moricz - completamente desnecessária. Os turistas alemães foram rápidos em apontar o dedo para alguns dos painéis de Crespi e, como “especialistas”, avaliar - com base unicamente no peso insuficiente - que eles não poderiam ser feitos de ouro (Däniken exposto - Hurrah!). Eu já sabia, em 1972, que o peso de um objeto tinha pouco a dizer sobre seu conteúdo em ouro. O Professor Gebhardt, diretor do Instituto Max Planck de Metalurgia, em Stuttgart, tinha me dito: “O peso e a cor dizem pouco sobre a proporção de ouro”. O Professor Gebhardt estivera investigando a perícia metalúrgica dos incas por décadas e era considerado um grande especialista. Alguns anos depois, a Professora Heather Lechtman, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), publicou um estudo profundo sobre o ouro “falso” dos incas. O texto a seguir encontra-se em seu relatório:

Em nosso laboratório, analisamos pequenas amostras tiradas dos achados.

Verificamos que a cobertura freqüentemente tinha apenas de 0,5 a 2 micrômetros de espessura e dificilmente podia ser percebida, mesmo com um aumento de 500 vezes... Os senhores do Império Inca usavam objetos que pareciam ter sido feitos de prata ou ouro puros... O método utilizado pelos habitantes pré-colombianos da América para banhar metais desprezíveis e dar-lhes a aparência de metais preciosos ainda não foi duplicado.

E o que permanece das chamadas “revelações” e o grito contínuo de “vergonha!”? Oh, sim! Os motivos dos artefatos de Crespi.

Os arqueólogos são - no final das contas - apenas humanos e algumas vezes olham para o outro lado, ou deixam escapar julgamentos prematuros, quando os objetos não se ajustam a seu esquema de coisas. A Coleção Crespi é uma cavilha redonda em um buraco quadrado a esse respeito! Ela destruiria completamente um preconceito altamente popular da cultura pré-colombiana que é perpetuada em incontáveis livros de referência. A maneira mais rápida de se eliminar alguma coisa é colocar nela o rótulo de “falsificado”. Então, ninguém irá perder seu tempo procurando por ela, especialmente os estudantes. Não duvido que algumas das peças de Crespi eram, de fato, modernas. Mas para a maioria delas poderia não ser o caso. Elas estiveram estocadas até 20 de julho de 1962 no museu do ouro, em Cuenca, e foram classificadas como genuínas e valiosas. Então, o museu foi incendiado. O arqueólogo americano Manson Valentine - curador honorário do Museu de Ciência, de Miami, e pesquisador bolsista do Museu Bishop, em Honolulu - classificou ESTES ARTEFATOS - aqueles dos quais apresentei fotografias em THE GOLD OF GODS - como “genuínos”. E no capítulo anterior, mostrei os painéis de Crespi gravados com símbolos que também podem ser visto a milhares de quilômetros do Equador. Eles esperam que eu acredite que os indígenas visitaram o pequeno museu em Glozel (na França), antes de realizarem sua obra com seus martelos e metal.

Não tenho nada contra a crítica razoável, mesmo quando algumas vezes ela vai pela contramão. Eu mesmo sou membro de numerosas associações nacionais e internacionais de escritores. Conheço inúmeros jornalistas - minha filha também é - e não tenho nenhum problema em sentar com eles para discutir os prós e os contras de uma situação particular. Fico feliz por rir e filosofar com meus colegas das associações de escritores. Mas SOU contra essa minoria constantemente ofendida e indignada, que se preocupa apenas em compreender o mínimo absoluto do trabalho de uma vida necessário para ser capaz de julgar o resto das coisas que eles realmente nem se incomodam em olhar.

Um Escocês Honrado

Agora, onde está essa biblioteca de metal? THE GOLD OF GODS foi publicado em espanhol com o título EL ORO DE LOS DIOSES, em 1974, e desencadeou uma tempestade de controvérsias relativas às cavernas Tayos. (Apenas como um ponto de interesse: nem o título em inglês, THE GOLD OF GODS, nem aquele em espanhol, EL ORO DE LOS DIOSES, foram dados por mim. Títulos estrangeiros sempre foram escolhidos pelas editoras.) De qualquer modo, o livro inspirou outras expedições na trilha dessas cavernas controversas. Os jornais escreveram sobre elas, e o sistema subterrâneo de cavernas foi descrito, pelo menos parcialmente. Um dos que se inspiraram com a história contada em meu livro foi o Sr. Stanley Hall. Em 1994, eu estava em Quito para dar uma palestra organizada pela embaixada da Suíça e pelo Instituto Goethe da Alemanha. No dia seguinte, encontrei-me com Stan, como ele chama a si mesmo, em sua casa. Meu antigo secretário de longa data e amigo Willy Dünnerberger, que tinha vivido em Quito por muitos anos, tinha organizado o encontro. Stan, como descobri, era descendente de escoceses. Fiquei sabendo o nome dele através dos jornais: foi ele que começou a expedição Neil Armstrong, de 1976. Essa expedição, ele me contou, tinha durado apenas um dia, pois a equipe inteira - incluindo o primeiro homem a pisar na lua, Neil Armstrong - tinha voado diretamente para a caverna por helicóptero. Stan conhecia Juan Moricz há anos e, naturalmente, seu advogado, Gerardo Peña. Conteí a Stan o meu lado da história, sem me referir a nenhum documento de qualquer tipo, e Stan me falou que ele ainda estava na trilha da biblioteca de metal. A história era muito fantástica para que se perdesse nas brumas do tempo. Pensei muito a respeito de Stan, tanto como pessoa em cuja palavra você podia confiar, quanto como explorador altamente competente. E eu realmente acreditei que, se alguém podia encontrar qualquer coisa no Equador, essa pessoa era ele - ainda mais porque ele tinha uma grande reputação lá e era casado com uma equatoriana.

Durante nossa conversa, Stan me contou que ele conhecia a localização geográfica da biblioteca de metal. Ela não iria ser encontrada nas cavernas Tayos, ele disse. Mas era muito cedo para a informação ir a público.

Stanley Hall tinha obstinadamente permanecido na trilha por todos aqueles anos e SABIA A EXATA POSIÇÃO DA ENTRADA PARA A BIBLIOTECA DE METAL. Ele não fez segredo disso e - antes de sua morte prematura em 2008 - publicou uma história meticulosa e de dar água na boca em seu livro TAYOS GOLD: THE ARCHIVES OF ATLANTIS (O OURO DE TAYOS: OS ARQUIVOS DA ATLÂNTIDA) - no qual apareço

quase como uma espécie de tio adotivo. Hall encontrou a única testemunha que tinha visto a biblioteca de metal e os outros objetos fantásticos com seus próprios olhos: o Señor Lucio Petronio Jaramillo Abarca. Petrônio Jaramillo tinha sido levado às fenomenais cavernas subterrâneas muito antes de Juan Moricz, por um índio da tribo Shuar (anteriormente conhecidos como “Jivaros”, uma tribo que tinha sido algo abominável, devido à sua prática de fazer cabeças encolhidas de seus inimigos mortos). Devido a uma erosão severa, os homens foram forçados a entrar na caverna mergulhando em um rio e nadando para dentro de uma das cavernas, onde passaram um dia inteiro e a noite seguinte examinando o tesouro. A história de Stan do que ele viu pode ser lida a partir da página 185 de seu livro. Por razões de copyright, mas também por respeito aos muitos anos de pesquisa de Stan, não posso simplesmente citar aqui essas revelações estremecedoras. Mas posso dizer que Petrônio falou de “milhares de entalhes de animais”, de quimeras, “de colunas semelhantes a cristal de várias cores” e, finalmente, de uma biblioteca de metal de muitos milhares de páginas, nas quais cada “painel de metal [tinha] cerca de 40 x 20 centímetros”. O que Juan Moricz tinha me contado naquela noite, em Guayaquil, uns poucos extratos do que eu apresentei a você aqui neste livro, é uma ninharia quando comparada à descrição da testemunha ocular Petronio Jaramillo.

Este mundo subterrâneo nos fornecerá revelações que serão como um soco nos dentes de algumas pessoas, mas, para outras, uma iluminação. Mas, antes que isso possa acontecer, nosso chamado zeitgeist tem de permitir que a biblioteca de metal venha à luz. Tem de permitir a pesquisa em um nível que seja possível somente nos círculos científicos. Mas que ciência? Arqueologia conservadora, etnologia e teologia da velha escola? Além disso, qualquer grupo precisaria de assistência governamental para realizar uma expedição em larga escala. Será que vão bloquear isso ou, talvez, se deixar subornar? Será que vão tentar nos dizer - totalmente objetivo e mortalmente sério como sempre - que as revelações de Stan Hall e as histórias de Petronio Jaramillo foram pura fantasia? Não sou um grande fã de teorias da conspiração, mas sei de dois casos definidos onde foi exatamente isso que aconteceu: os “Manuscritos Qumran”, encontrados perto do Mar Morto, e as câmaras ocultas sob a Grande Pirâmide. Para impedir qualquer possível acobertamento ou exploração secreta das cavernas, Stan Hall decidiu revelar a posição exata da biblioteca de metal. (Alô, Google Earth! Vire o olho de seu satélite para 1° 56' 00" Sul, 77° 47' 34" Oeste!). Mas porque a testemunha ocular deste tesouro fenomenal não está em todas as nossas telas de televisão?

Petronio Jaramillo foi morto a tiros em frente de sua própria casa, em maio de 1998.

Ele deixou um filho de 14 anos, Mario.

Stan Hall e Mario tentaram juntos chegar à entrada das câmaras do tesouro subterrâneo, mas, devido à erosão posterior e outros problemas que Stan descreve em seu livro, tiveram de desistir do esforço, faltando muito pouco para atingirem seu objetivo. Se você acredita na Internet, outros tentaram também. O jornalista Alex Chionetti alega que foi impedido de alcançar seu objetivo por homens da tribo Shuar.

E o Señor Pino Turolla, que alegadamente visitou as cavernas um ano e meio ANTES de Juan Moricz E tinha uma equipe de filmagem com ele? O que aconteceu ao produtor de filmes James B. Mobley? Onde estão as milhares de fotos que supostamente foram tiradas neste mundo subterrâneo? Stan Hall descreveu Pino Turolla como um conde de origem italiana, que estava procurando por alguma prova de vida extraterrestre. Só os céus sabem para quem ele estava trabalhando. E se ele realmente encontrou alguma coisa para apoiar suas teorias nas Cavernas Tayos, não posso lhe dizer. Encontrei Mobley anos depois, em Los Angeles, e perguntei-lhe sobre o filme e todas as fotos das cavernas. Ele foi amigável, mas pouco falou, e disse que o filme nunca seria visto à luz do dia, e nem as fotos. “Por que não?” - eu queria saber. “Sua companhia investiu pesado neste projeto.” Ele sorriu afetadamente e explicou meio ambiguamente que sua companhia tinha recebido de volta muito mais dinheiro do que tinha investido. “De quem? Pelo amor de Deus! Eu não acredito nisso!” Mobley segurou sua língua, agradeceu-me pela bebida e partiu.

São encontros como esses que realmente me deixam louco, sem mesmo entrar no assunto das conspirações globais. E Juan Moricz? Certamente pelo menos ele deve ter algum interesse em provar sua história e proclamá-la ao mundo. Juan morreu em 27 de fevereiro de 1991, pouco tempo antes de seu 69º aniversário. Ele tinha descoberto ouro novamente e nunca perdeu qualquer oportunidade de insistir que sua história era verdadeira. Como pode ser isso? Depois que ficou conclusivamente provado que a biblioteca de metal não estava nas Cavernas Tayos? A entrada real encontra-se a cerca de 100 quilômetros de distância das Cavernas Tayos. O que devo pensar das alegações de Moricz agora? Nunca o julguei e permaneci, apesar dos problemas que tivemos um com o outro, com a opinião de que ele era um grande homem. Ele tinha um conhecimento imenso - especialmente na área de minha especialidade - e sempre se comportou como um cavalheiro. Com o benefício da retrospectiva, posso até compreender porque ele reagiu tão colericamente às minhas ações, especialmente depois de ter sido colocado sob crescente pressão após a publicação de meu livro (ele teve problemas semelhantes com Stan Hall, e pelas mesmas razões). Hoje, acredito

que as cavernas de Juan Moricz muito provavelmente contivessem o tesouro. Este foi - APÓS a publicação de THE GOLD OF GODS e POR CAUSA do risco dos caçadores de tesouro - removido e colocado em algum outro lugar. Porém, não pode ser o mesmo material que Petronio Jaramillo viu e descreveu, pois esta visão única ocorreu ANTES de 1964. E o advogado, Dr. Pena? Um cavalheiro nobre e altamente inteligente, completa e claramente, que não fez nada mais do que representar os interesses de seu cliente, Juan Moricz. Quanto ele acreditava na história de Moricz, não posso dizer.

Uma Virada na História

A história explosiva da biblioteca de metal está apenas no começo, graças a Stanley Hall! A partir de seu livro e das conversas posteriores que tive com ele (ele me visitou na Suíça), descobri que uma pequena expedição de Mórmons tinha visitado as cavernas em 1968 - um ano antes da expedição de Moricz! Agora é a hora de atormentar os seus ouvidos! Vamos dar uma olhada para trás: os mórmons são descendentes do Jareditas. Jared era pai de Enoch. Ele, você se lembra, escreveu os livros que a ele foram ditados por extraterrestres e passou-os a seus filhos, para serem preservados para as futuras gerações. Guiados por um “deus”, os Jareditas chegaram à costa da América do Sul após 344 dias em oito barcos sem janelas. Os livros dos mórmons, ETHER e LEVI, descrevem isso detalhadamente. O que esses ancestrais dos mórmons modernos - ou os descendentes de Jared - tinham a ver com os escritos nos painéis de metal? Algumas citações do Livro de Mórmon revelam que foi exatamente este tipo de painel de metal que eles transportaram. Antes da jornada pelo grande oceano, os painéis tinham de ficar seguros: (As palavras e números entre parênteses indicam o livro e o capítulo no Livro de Mórmon.)

(NEPHI 3:3) POIS EIS QUE LABÃO TINHA OS REGISTRO DOS JUDEUS E TAMBÉM UMA GENEALOGIA DE MEUS ANCESTRAIS, E ELES ESTAVAM GRAVADOS EM LÂMINAS DE BRONZE. (3:4) POR CONSEQUENTE, O SENHOR TINHA ME ORDENADO QUE TU E TEUS IRMÃOS FÔSSEIS PARA A CASA DE LABÃO E PROCURÁSSEIS OS REGISTROS... (3:24) E OCORREU QUE FOMOS ATÉ LABÃO E PEDIMOS-LHE QUE NOS DESSE OS REGISTROS, QUE FORAM GRAVADOS EM LÂMINAS DE BRONZE, PELOS QUAIS DEVÍAMOS DAR-LHE NOSSO OURO, E NOSSA PRATA, E TODAS AS NOSSAS COISAS PRECIOSAS. (4:16) E EU TAMBÉM SABIA QUE A LEI ESTAVA GRAVADA NAS LÂMINAS DE BRONZE. (4:17) E NOVAMENTE EU SABIA QUE O SENHOR TINHA COLOCADO LABÃO EM MINHAS

MÃOS POR ESTA CAUSA - PARA QUE EU PUDESSE OBTER OS REGISTROS SEGUNDO AS ORDENS DELE. (5:10) E DEPOIS DE TER AGRADECIDO AO DEUS DE ISRAEL, MEU PAI, LEHI, PEGOU OS REGISTROS QUE ESTAVAM GRAVADOS NAS LÂMINAS DE BRONZE, E PESQUISOU-OS DESDE O INÍCIO. (5:11) E ELE OBSERVOU QUE ELAS CONTINHAM OS CINCO LIVROS DE MOISÉS, QUE FAZIAM UM RELATO DA CRIAÇÃO DO MUNDO, E TAMBÉM DE ADÃO E EVA, QUE FORAM NOSSOS PRIMEIROS PAIS. (5:18)... QUE ESSAS LÂMINAS DE BRONZE DEVIAM SER DADAS A TODAS AS NAÇÕES, TRIBOS, LÍNGUAS E POVOS QUE FOSSEM DE SUA SEMENTE. (5:19) POR ISSO ELE DISSE QUE ESSAS LÂMINAS DE BRONZE NÃO DEVIAM PERECER NUNCA, NEM DEVIAM SER ESMAECIDAS PELO TEMPO... (5:22) POR ISSO FOI SABEDORIA DO SENHOR QUE NÓS AS LEVÁSSEMOS CONOSCO, ENQUANTO VIAJÁVAMOS PELA IMENSIDÃO EM DIREÇÃO À TERRA PROMETIDA.

O livro fala de “lâminas de bronze”, embora não devamos, talvez, traduzir a palavra BRONZE muito literalmente. Afinal, pretendia-se que essas lâminas sobrevivessem por milênios (e não SER ESMAECIDAS PELO TEMPO). A palavra BRONZE pode ter surgido simplesmente como resultado da tradução ou para proteger a real verdade. Se o tradutor tivesse, por exemplo, usado a palavra OURO, o desejo por essas lâminas teria se multiplicado muitas vezes. E de qualquer modo, apenas uma micro-cobertura de ouro teria sido necessária. Pense nas técnicas fenomenais de processamento de metal das tribos Maias pré-colombianas, que, afinal, devem ter aprendido tais habilidades de alguém ou algum lugar. De qualquer modo, essas lâminas de bronze continham relatos “DA CRIAÇÃO DO MUNDO, E TAMBÉM DE ADÃO E EVA, QUE FORAM NOSSOS PRIMEIROS PAIS”. E elas precisavam ser distribuídas “PARA TODAS AS NAÇÕES, TRIBOS, LÍNGUAS E POVOS”. Obedientemente, os Jareditas arrastaram com eles essas crônicas importantes através do mar, para a América. E uma vez na América, o número de lâminas aumentou, a cada vez que novos relatos eram acrescentados:

(NEPHI 9:4) SOBRE AS OUTRAS LÂMINAS DEVIA SER GRAVADO UM RELATO DO REINO DOS REIS, E AS GUERRAS E DISPUTAS DE MEU POVO... (9:5), PORTANTO, O SENHOR ORDENOU-ME FAZER ESSAS LÂMINAS PARA UM SÁBIO PROPÓSITO: QUE PROPÓSITO EU NÃO SEI [grifo do autor]

Assim, novas lâminas foram sendo constantemente acrescentadas às antigas e - como o segundo livro, NEPHI, descreve, do Capítulo 13 em diante - cópias também eram feitas tanto das antigas quanto das novas usando “ore”. A coleção cresceu e porque os descendentes

de Nephi também escreveram suas histórias em lâminas de metal, a biblioteca de metal dos ascendentes dos mórmons de hoje deve ter consistido de milhares e milhares de lâminas.

Uma Viagem Fantástica

Petronio Jamarillo, a testemunha ocular dos tesouros subterrâneos, que foi assassinada, falou não apenas de painéis gravados, mas também de coisas inexplicáveis, tais como, segundo o “O OURO DE TAYOS” de Hall, “colunas semelhantes a cristal de várias cores”. Também mencionou uma espécie de luz artificial e pedras coloridas, bem como paredes misteriosas que tinham a “aparência de cristal”. Pomposidade? Agora, espere um minuto! Os Jareditas cruzaram o oceano em oito barcos. Mas do que eram realmente feitos tais barcos?

(1 NEPHI, 18:2) AGORA EU, NEPHI, NÃO TRABALHEI A MADEIRA DA MANEIRA QUE FOI APRENDIDA PELOS HOMENS, NEM CONSTRUÍ O BARCO À MANEIRA DOS HOMENS, MAS EU O CONSTRUÍ DA MANEIRA QUE O SENHOR TINHA ME MOSTRADO; PORTANTO, NÃO FOI À MANEIRA DOS HOMENS [grifo do autor]

Barcos que não são feitos utilizando métodos humanos - em outras palavras, métodos “terrestres” - só podem ter sido feitos usando métodos extraterrestres. Estes, muito provavelmente, teriam incluído novos materiais, juntas, ligas e ferramentas que os homens não conheciam naquela época. Mas os ETs sim! Petronio Jaramillo viu esses tipos de ligas e comparou-as com cristal e quartzo. Dificilmente teriam sido navios fantasmas, como, estou certo, alguns psicólogos espertos tentarão argumentar. Os barcos eram completamente à prova d’água e totalmente resistentes a tempestades. E de onde vieram a luz artificial e outras coisas que Petronio descreveu?

(1 NEPHI 16:10) E OCORREU QUE MEU PAI LEVANTOU-SE PELA MANHÃ E FOI ATÉ A PORTA DA TENDA; PARA SEU GRANDE ESPANTO, ELE VIU SOBRE O CHÃO UMA BOLA DE CURIOSO ACABAMENTO; E ELA ERA DE FINO BRONZE. E DENTRO DA BOLA HAVIA DOIS EIXOS E UM APONTAVA O CAMINHO QUE DEVÍAMOS SEGUIR NA IMENSIDÃO... (16:16) E NÓS SEGUIMOS AS DIREÇÕES DA BOLA, QUE NOS LEVOU PARA PARTES MAIS FÉRTEIS DA IMENSIDÃO.

Esta bola curiosa parece ser mais do que apenas uma bússola.

Ela também desempenha outras funções vitais.

(1 NEPHI 16:25) E OCORREU QUE A VOZ DO SENHOR DISSE PARA ELE: OLHE PARA A BOLA E VEJA AS COISAS QUE ESTÃO ESCRITAS. (16:27) E OCORREU QUE, QUANDO MEU PAI VIU AS COISAS QUE ESTAVAM ESCRITAS SOBRE A BOLA, ELE FICOU COM MEDO E TREMEU EXCESSIVAMENTE...

Uma bola voadora, falante e produtora de figuras. Por que o “Senhor” não a fez um pouco mais simples? Será que não era capaz? Todos esses objetos misteriosos - bússola, bola falante com funções holográficas integradas - ajudou os Jareditas em sua viagem através do oceano. E a luz artificial que Petronio Jaramillo afirmava ter visto?

Depois que os Jareditas construíram seus navios incomparáveis, com a ajuda de seu “Senhor”, compreenderam que iriam passar piche dentro deles:

(ETHER 2:18) E OCORREU QUE O IRMÃO DE JARED GRITOU PARA O SENHOR, DIZENDO: OH, SENHOR! REALIZEI A OBRA QUE TU ME ORDENASTE E FIZ OS BARCOS CONFORME TU ME DIRIGISTE. (2:19) E VEJO - OH, SENHOR! - QUE NELES NÃO HÁ LUZ; VAMOS MIRRAR? E TAMBÉM IREMOS PERECER, POIS NELES NÃO PODEREMOS RESPIRAR, EXCETO O AR QUE ESTÁ DENTRO DELES...

Problemas simples como este eram fáceis de resolver pelo “Senhor”. Ele criou pedras brilhantes (ver Ether 6:2), 16 delas no total, e deu-as aos Jareditas.

(ETHER 6:3) E ASSIM O SENHOR CRIOU PEDRAS PARA BRILHAR NO ESCURO, PARA DAR LUZ AOS HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS, POIS ELES NÃO PODERIAM CRUZAR AS GRANDES ÁGUAS NA ESCURIDÃO.

Para se certificar que seu povo tivesse ar fresco para respirar, ele lhes deu furos especiais, que deixariam o ar entrar, mas mantinha a água do lado de fora. Hoje, chamamos esses furos de válvulas de não-retorno. Tecnicamente perfeito. Há até uma explicação para as pedras luminosas. Certos compostos químicos, quando em contato com o oxigênio, começam a brilhar. Nas câmaras subterrâneas visitadas por Petronio Jaramillo, o ar era admitidamente úmido, mas agradável. Em outras palavras, havia oxigênio suficiente para sustentar uma reação química em longo prazo. As “pedras do Senhor” ainda estão funcionando milhares de anos depois. Petronio Jaramillo não inventou. Tudo isso parece um pouco demais: todas essas coisas com as quais estamos repentinamente sendo confrontados. Mas há uma certa

lógica por trás disso tudo. Gostaria de ajudar a reunir todos esses fatos misteriosos e expandi-los pela aplicação do conhecimento padrão de hoje. As consequências disso serão convincentes - e estranhas, ao mesmo tempo.

No livro ETHER, no Livro de Mórmon, o irmão de Jared revela que recebeu a ordem de esconder as lâminas gravadas novamente (Ether 4:3), e ele continua:

(ETHER 4:4) VEJA, EU ESCREVI NESSAS LÂMINAS AS COISAS QUE O IRMÃO DE JARED VIU; E NUNCA HOUVE COISAS MAIORES MANIFESTAS DO QUE AQUELAS QUE FORAM MANIFESTAS PELO IRMÃO DE JARED. (4:5), PORTANTO, O SENHOR TINHA ME ORDENADO ESCREVÊ-LAS E EU AS ESCREVI. E ELE ME ORDENOU QUE EU AS SELASSE; E ELE TAMBÉM ME ORDENOU QUE EU SELASSE A INTERPRETAÇÃO DISSO...

Esta revelação de Ether (é por isso que é conhecido como Livro de Ether) não está se referindo àquelas lâminas de metal que foram as primeiras escritas nas Américas, mas expressamente às lâminas originais:

(ETHER 1:3) ...A PRIMEIRA PARTE DESTE REGISTRO,
QUE FALA DA CRIAÇÃO DO MUNDO, E TAMBÉM DE
ADÃO, E UM RELATO DAQUELE TEMPO DA GRANDE
TORRE; E TODAS AQUELAS COISAS OCORRIDAS
ENTRE OS FILHOS DOS HOMENS ATÉ AQUELA ÉPOCA
OCORREU ENTRE OS JUDEUS. (1:4), PORTANTO, NÃO
ESCREVO AQUELAS COISAS QUE ACONTECERAM NOS
DIAS DE ADÃO ATÉ AQUELA ÉPOCA; MAS ELES
ESTÃO NAS LÂMINAS: E AQUELE QUE AS
ENCONTRAR TERÁ O PODER DE OBTER O RELATO
COMPLETO, [grifo do autor]

As lâminas devem ser escondidas - e conseqüentemente são devidamente escondidas.

Por quem? Por Moroni, uma pessoa que viveu muito tempo depois dos Jareditas. Ele nos conta isso pessoalmente: “Eu sou o filho de Mórmon...” (Mórmon 8:13) E o que ele faz?

(MÓRMON 8:14) E EU SOU O MESMO QUE ESCONDEU ESTE REGISTRO PARA O SENHOR; DE FATO, AS LÂMINAS NÃO TÊM VALOR, POR CAUSA DA ORDEM DO SENHOR. POIS ELE VERDADEIRAMENTE DIZ QUE NINGUÉM DEVE TÊ-LAS PARA OBTER ALGUM GANHO; MAS O REGISTRO, DE FATO, É DE GRANDE VALOR; E AQUELE QUE O TROUXER À LUZ, SERÁ ABENÇOADO PELO SENHOR.

Os círculos ficam menores; as conclusões mais convincentes. Mas ainda falta a última gota de cor para transformar este retrato em uma obra prima. É MORONI que fecha este gancho. Seguindo as instruções de seu “Senhor”, ele nos conta que o “tesouro sairá da terra”. E como a cereja do bolo, ele até nos conta aproximadamente quando.

(MÓRMON 8:16) E ABENÇOADO SEJA AQUELE QUE TROUXER ISSO À LUZ; E POR ISSO ELE TROUXE DAS TREVAS PARA A LUZ, SEGUNDO A PALAVRA DE DEUS; SIM, POR ISSO ELE O TIROU DA TERRA; ELE BRILHARÁ FORA DA ESCURIDÃO E VIRÁ AO CONHECIMENTO DO POVO... (8:26)... E NINGUÉM PODERÁ IMPEDI-LO; E OCORRERÁ EM UM DIA EM QUE SE DIRÁ QUE OS MILAGRES FORAM ABOLIDOS; E VIRÁ MESMO COMO SE ALGUÉM FALASSE DOS MORTOS. (8:29) SIM, VIRÁ EM UM DIA EM QUE SE OUVIRÁ FOGOS, E TEMPESTADES, E VAPORES DE FUMAÇA EM TERRAS ESTRANGEIRAS. (8:30) E TAMBÉM SE OUVIRÁ FALAR DE GUERRAS, RUMORES DE GUERRA E TERREMOTOS EM DIVERSOS LUGARES.

Deixe-me recapitular:

- Dois extraterrestres (“semelhante aos quais nunca vi na Terra”) desinfetam Enoch com uma pasta maravilhosamente perfumada e o vestem com roupas novas.
- Eles o levam para uma nave-mãe.
- Ele aprende a escrever e lhe é dada uma “caneta de escrita rápida”. Muitos livros são ditados a ele.
- Antes dele finalmente deixar a Terra, passa esses livros para seu irmão e filhos “para as gerações após o dilúvio”.
- Os livros de Enoch são escondidos. Possivelmente alguns deles estão na Grande Pirâmide; outros foram para Labão, que está em algum lugar perto de Jerusalém.
- A um dos irmãos de Enoch é dada a tarefa - por um “Deus” não identificado - de recuperar os painéis de metal que estavam com Labão.
- Este grupo chama a si mesmo de Jareditas - os descendentes de Jared, pai de Enoch.
- O “Senhor” ajudou-os a construir barcos fenomenais “não à maneira dos homens”; mãos

sobre uma bola misteriosa, que pode falar e produz fotos holográficas, bem como 16 “pedras brilhantes”.

- Os Jareditas alcançam a América, junto com suas antigas escrituras em painéis de metal, e começam a criar novas lâminas para registrar sua história na América. As lâminas antigas provavelmente foram duplicadas aqui.
- Joseph Smith recebe ordem para traduzir essas lâminas. (Tentarei mostrar posteriormente como isso possivelmente pode ter sido feito.) O resultado encontra-se no Livro de Mórmon, a “bíblia” da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
- Este livro nos conta que a biblioteca de metal está seguramente escondida, mas virá à luz quando se disser que “os milagres foram abolidos” (isto é, eles acabaram). Também será um tempo de “fogos, e tempestades, e vapores de fumaça em terras estrangeiras” e “guerras, rumores de guerra, e terremotos em diversos lugares”.
- Os escritos nas lâminas de metal chegarão às pessoas “como se alguém estivesse falando dos mortos” (em outras palavras, como se os mortos estivessem contando sua história).
- Uma biblioteca de metal é descoberta no Equador, completa, com luz artificial e outras maravilhas.
- A testemunha ocular Petronio Jaramillo descreve os detalhes do fantástico sistema subterrâneo de cavernas, incluindo uma biblioteca feita de metal.
- Um pequeno grupo de mórmons modernos visita as Cavernas Tayos, no Equador, em 1968, na esperança de descobrir o legado de seus ancestrais, os Jareditas.

Estranho, para dizer pouco. Joseph Smith, o fundador da fé Mórmon, podia não ter sabido - em 1827 - nada sobre uma biblioteca subterrânea no Equador, e certamente nada sobre o épico da criação babilônico ENUMA ELIS, no qual a mesma história da construção de barcos está descrita como no Livro de Ether.

Assim, quem é Deus?

A realidade é mais fantástica que a fantasia. Uma vez mais - como nos livros anteriores - somos forçados a fazer a pergunta: quem é ou era o deus (ou deuses) que caminharam entre nós milênios atrás? Como um homem religioso, que ainda reza diariamente, minha fé começa com a criação do universo. MINHA idéia de Deus é a de um ser eterno, onipresente, atemporal e todo-poderoso, que nunca sentiu a necessidade de viajar ao redor da Terra, em qualquer tipo de veículo que levanta areia, faz muito barulho, irradia luz resplandecente e, o que é mais, é extremamente perigoso para qualquer humano nas vizinhanças (ver Gênese ou o profeta Ezequiel, no Antigo Testamento). Conheço obras inteligentes de filósofos e teólogos sobre “Deus, o ser”, mas nenhuma delas criou uma definição satisfatória de Deus. (Se alguém ficar interessado em minhas teorias sobre o que Deus é, remeta-se ao meu livro ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?)

Independentemente do “Grande Espírito da Criação”, como eu descrevo Deus, certos seres foram claramente atuantes na Terra, muitos milhares de anos atrás, e a humanidade acreditou que eles eram deuses. A explicação psicológica de que nossos “simples” ancestrais confundiram forças poderosas da natureza com visitantes divinos desmorona no final, quando estes deuses começam a falar, a dar instruções, ou a compartilhar conhecimento técnico ou astronômico, que aquelas sociedades humanas de milênios atrás nem tinham idéia. Ou foi simplesmente uma força da natureza que entregou uma “caneta de escrita rápida”? Depois, desinfetou-o, vestiu-o e transportou-o em uma carruagem incandescente para as nuvens? E DEPOIS ditou informações sobre as fases da lua e os caminhos do sol? Foram as tempestades, ou as estrelas silenciosas do firmamento, o relâmpago cegante das nuvens negras que ensinaram nossos ancestrais - que tinham acabado de descer das árvores - a escrever? E quem era este idiossincrático deus seguido pelos Jareditas com suas lâminas de metal? Se o Grande Espírito da Criação quisesse realocar um grupo de pessoas em um continente distante - que conhecemos agora como América - então por que seria necessário se incomodar com o tedioso processo de construção de oito navios minúsculos? O Deus todo-poderoso da humanidade não teria sido capaz de simplesmente levá-los até lá com um aceno de sua mão ou um simples pensamento? Ou - como está escrito na Sura 2, verso 117 do Corão sagrado - quando Ele deseja que uma coisa seja, Ele simplesmente diz: “Seja” - e ela é”. Será que o “Senhor” dos Jareditas realmente não tinha poderes divinos? O fato dele ter enviado os Jareditas e sua biblioteca de metal através do oceano naqueles navios pequenos, feitos a mão, parece indicar isso. Por que o “Senhor” precisava fornecer instruções técnicas sobre como construir os barcos? E ele simplesmente esqueceu da necessidade de iluminação e ventilação, de modo que precisou ser lembrado disso pelos humanos? Mesmo se o deus dos Jareditas não pudesse realizar maravilhas; mesmo quando ele especificamente desejou que seu povo trabalhasse duro para sua própria redenção, ainda é incompreensível por que ele não forneceu planos de construção de um navio mais significativo, como a Arca de Noé. E se fosse para ser barcos a prova d’água, como as cascas das nozes, o deus eterno dos ventos e das nuvens não conseguiria conjurar um mar calmo para seus viajantes? Tudo isso é um pouco irritante e cheio de contradições. O deus dos Jareditas estava deliberadamente tentando provocar a pergunta: por que tecnologia e não milagre? Por que esta viagem perigosa em águas turbulentas? Será que o “Senhor” seria capaz de intervir, se seu povo estivesse realmente em apuros?

A contradição entre o conceito do Grande Espírito da Criação (Deus) e as figuras deificadas das antigas escrituras é clara. Meu pequeno intelecto me leva a pesquisar estes

deuses da Antiguidade, porque eles estiveram claramente aqui e deixaram uma marca significativa. A conclusão para qualquer um com conhecimento na área - e aqui eu me incluo, após 50 anos de pesquisa e 30 livros sobre o assunto - é absolutamente certa. Se você ficar furando por tempo suficiente, vai fazer um buraco. Respostas aparentes, meias verdades e mentiras da literatura simplesmente não funcionarão mais. A curiosidade é uma fera indomável que, mesmo em seu leito de morte, estará ainda procurando pela próxima resposta. Ela pergunta, pergunta e pergunta. Como foi naquela época? Por que isso aconteceu? Quem eram esses deuses que impressionaram tanto o homem primitivo, dos quais surgiram as religiões do mundo? Uma coisa certamente se pode dizer: os deuses das principais religiões não aparecem em contos de fadas e conjuram pessoas de um lugar para outro com suas varinhas mágicas. Admitidamente, os deuses antigos pareciam voar ao redor do lugar, de um país para outro e, ocasionalmente - casos individuais estão documentados - até levavam passageiros humanos. Porém, nunca levaram povos inteiros em suas monstruosidades voadoras. Mas isso tudo é tecnologia, não milagres. Por quê? Será que esses chamados deuses não tinham acesso nenhum às possibilidades fenomenais disponíveis ao Grande Espírito da Criação? Ou todos esses livros sagrados, incluindo o Livro de Mórmon, são apenas invenções?

O Vaticano recentemente anunciou que a Igreja Católica Romana é a única igreja verdadeira de Jesus Cristo, e a Protestante e a Evangélica “não são igrejas no verdadeiro sentido” (afirmações como esta brotam em base regular - com a distância de cerca de algumas décadas). No DIENSTAGS CLUB (CLUBE DA TERÇA-FEIRA), um programa da TV suíça, assisti recentemente um debate entre teólogos evangélicos e católicos. O católico, claramente muito escolarizado em assuntos teológicos, explicou como as afirmações feitas pela congregação católico-romana deviam ser compreendidas, e o clérigo protestante defendeu o ecumenismo e insistiu que todas as comunidades cristãs vivessem de acordo com o mesmo evangelho e os ensinamentos de Jesus Cristo, o fundador do Cristianismo. Céus! Será que eles sabem - ou simplesmente não querem saber - alguma coisa sobre os “urtextos” e a fraude milenar desses evangelhos?

Será que se dá o mesmo com as crônicas de ETHER e LEVI no livro de Mórmon? Essas lâminas de metal, que supostamente foram escritas milhares de anos atrás, são simplesmente uma invenção da imaginação de alguém? Uma santa mentira? Em todo caso, quem é esse Joseph Smith? Como foi que ele descobriu e traduziu essas lâminas?

Joseph Smith

Entre as hordas que foram para o Novo Mundo, durante as grandes ondas de imigração que ocorreram 180 anos atrás, estava uma família escocesa com oito crianças, que se estabeleceu em Palmyra, no estado de Nova Iorque. A área em que os Smith se estabeleceram ficava bem na margem da civilização, onde enfrentaram uma luta diária difícil apenas para continuar vivendo. As novas levas da Europa eram formadas por trabalhadores. Eles trouxeram não apenas ferramentas e uma impressionante ética de trabalho, mas também numerosas visões religiosas, que tentaram espalhar com fervor missionário. Novas seitas e grupos religiosos esparramaram-se por todos os lugares. Apóstolos da salvação de inúmeras fés pregavam em esquinas, alardeando uns para os outros as mais audaciosas promessas, durante guerras de palavras, e freqüentemente tentavam capturar as almas dos crentes com ameaças impiedosas do além. Capelas, templos e igrejas erguiam-se do chão como cogumelos, como se o próprio diabo tivesse acabado de chegar à cidade para confundir os espíritos dos colonos. A Sra. Smith e três de seus filhos juntaram-se aos Presbiterianos. Porém o filho Joseph, então com 18 anos, tinha seus problemas. Ele estava procurando desesperadamente por um Deus verdadeiro, porque ele não queria aceitar o caminho de todos os redentores, que estavam tão inabalavelmente convencidos de que estavam certos e, ao mesmo tempo, desejosos de lutar até a morte em nome de Jesus. Joseph Smith era um ninguém até aquela noite fatídica de 21 de setembro de 1823, quando ele teve suas estranhas visões. Passaram-se quatro anos até que, em 22 de setembro de 1827, o mensageiro de Deus MORONI finalmente entregou-lhe as lâminas de metal. Quem foi este angélico MORONI? O filho de MÓRMON, e MÓRMON foi um dos descendentes dos Jareditas, que tinham atravessado o oceano milhares de anos atrás. Assim, como poderia MORONI, que, em 1827, já tinha morrido há muito tempo, ter aparecido para Joseph Smith? De onde vieram as lâminas de metal, que Smith subsequente descobriu na montanha chamada Cumorah, próxima da vila de Manchester, nos Estados Unidos? E de onde repentinamente surgiu a misteriosa biblioteca de metal - e outros tesouros - no distante Equador?

O fato de que as lâminas de metal realmente existiram pelo menos não é legalmente contestado, pois 11 outros homens também atestaram sua existência em um documento assinado. Além disso, o Livro de Mórmon está tão cheio de detalhes extensos sobre disputas familiares, guerras, migrações, genealogias (a seqüência das gerações com suas proles incontáveis), com nomes complicados, citações confusas, paisagens, localizações, etc., que parece altamente improvável que uma única pessoa tenha inventado tudo isso durante sua vida. Joseph Smith viveu apenas mais 17 anos após suas visões! Em comparação, os textos do

Antigo Testamento levaram centenas de anos para serem compilados.

Uma Interpretação Alternativa

Para dar uma possível solução para essas incontáveis contradições, preciso mergulhar em uma realidade algo fantástica:

Um grupo de extraterrestres recusa-se a seguir as ordens de seu comandante, o “Mais Elevado”, a “Grande Glória”, como era chamado no Livro de Enoch. Isso ocorreu milhares de anos atrás. Estes extraterrestres, chamados “anjos caídos” e “observadores do céu”, desceram à Terra e entraram pelo mau caminho com as garotas terráqueas e alguns até constituíram famílias. Vários nomes e ofícios desses seres são conhecidos e foram listados por Enoch. A “Grande Glória” causa um dilúvio sobre a Terra - presumivelmente através de meios tecnológicos, tais como uma bomba-H sobre uma calota polar, ou a queda programada de um meteorito. O grupo de amotinados reconhece o perigo e alguns deles buscam voltar à segurança e sobreviver. Na Terra, uma “guerra de deuses” começa, como numerosos mitos e lendas descrevem. Na realidade, isso é simplesmente uma luta pelo poder entre os amotinados remanescentes, porque cada um deles deseja uma fatia maior do bolo. Estes sobreviventes - não exatamente conhecidos pela gentileza de seus métodos - desejam ser servidos. Exigem minérios, comidas, etc. Todo o serviço sujo é feito pelos humanos, naturalmente. Em sua ingenuidade, estes acreditam que seus chefes são deuses. “Não terás outro Deus diante de mim!” - diz a Bíblia. Castas sacerdotais são estabelecidas: Ninguém pode se aproximar de “Deus” a menos que seja requintadamente limpo e ofereça sacrifícios. Os amotinados não mais têm acesso a seu armamento high-tech, que permaneceu a bordo da nave-mãe do “Mais Elevado”. Porém ainda podem usar seu CONHECIMENTO. Ninguém pode tirar isso deles. Cada membro da equipe sabe, por exemplo, como construir um balão de ar quente - como atestado no KEBRA NEGAST etíope, o Livro da Glória dos Reis. Todos sabem como um laser funciona, que elementos químicos são necessários para fazer explosivos, ou que misturas de minérios resultam em uma liga durável. E usam todo esse conhecimento para impressionar a humanidade. Um desses pseudo-deuses, ou um de seus descendentes, bem treinado, realizou vôos de reconhecimento e descobriu um continente distante desabitado - que agora conhecemos como América. Ele envia um grupo de seus seguidores lá, exigindo que levem com eles as antigas lâminas de metal. Estas são os painéis nos quais toda a história da humanidade desde a criação - desde Adão e Eva - está gravada. Este ser, chamado “Senhor” por seus discípulos terrestres, não tem mais os recursos

tecnológicos para transportar grandes grupos de pessoas e seus animais, bem como todo o conjunto de lâminas de metal através do oceano. Assim, ele os faz construir navios, ajudando-os com assistência técnica, como e quando lhe ocorre.

Por que se preocupar? O que este “Senhor” quer com toda essa gravação em metal? E por que ele queria ter na América um povo que provavelmente não irá desenvolver tecnologia avançada por milhares de anos?

Espere um minuto! Há uma explicação contemporânea para tudo. Se isso está certo ou não, será confirmado quando lermos o conteúdo da biblioteca de metal do Equador. As ações do “Senhor” são, todas, parte de um plano, um plano de milhares de anos. Para tornar isso um pouco mais digerível, precisamos fazer um pequeno desvio intelectual:

Como avisar nossos descendentes, daqui a 10.000 anos, sobre os perigos de um de nossos lixos nucleares? Cerca de um quarto de século atrás, a Comissão Regulatória Nuclear do Departamento de Energia dos Estados Unidos estabeleceu um comitê especial, a “Força-tarefa de Interferência Humana”, especialmente para examinar esta questão. Thomas Sebeok, já naquela época um dos maiores semioticistas do mundo, recomendou colocar sinais de aviso maciços nos dejetos nucleares. Como ninguém provavelmente compreenderá nosso idioma atual daqui a 10.000 anos (o tempo que leva para que o lixo nuclear seja seguro), o grupo optou por uma mistura de símbolos, gráficos e pictogramas. Os especialistas também sugeriram explorar a tendência humana para a superstição: as placas também contêm avisos crípticos, de modo que as pessoas do futuro acreditassem que qualquer ingresso no local seria “equivalente a um convite para alguma espécie de ato sobrenatural de retribuição”. O periódico alemão DER SPIEGEL observou naquela época: “Como tais avisos tendem mais a atrair do que dissuadir os curiosos, Sebeok também recomendou semear o solo ao redor do local com bombas de cheiro bem desagradável e de longa duração”. Outros pesquisadores do grupo sugeriram o uso de “sirenes nucleares”, que emitiriam radiação armazenada, mesmo muitos milhares de anos depois. Ou um gato geneticamente alterado que, devido à radioatividade, teria pele brilhante violeta-amarelada. Mitos e contos espalhariam a mensagem do “gato brilhante” por mais de 10.000 anos. O professor de semiótica de Berlim, Roland Posner, alega que a sociedade precisaria estar preparada para “planejamento futuro em um nível sem precedentes”.

Assim, e se isso for apenas reventar um velho problema? Em janeiro de 1980, uma reunião de indígenas e xamãs de várias partes do mundo ocorreu em Montreal, Canadá. O representante da tribo Yanomane, da Venezuela, relatou:

Na área onde meu povo vive, há muitas montanhas. Para nós, são locais sagrados. Uma delas nós chamamos “O Urso”, outra, de “O Macaco”, e uma terceira, “O Pássaro”. Muito antes de o homem branco chegar, nossos curandeiros faziam regularmente peregrinações a estas montanhas. A ninguém mais era permitido visitar estes locais. As montanhas eram fontes de grande poder, e os sábios de nosso povo falavam de um material perigoso que estava escondido lá. Nossa tradição disse que, se estas montanhas fossem destruídas, uma grande infelicidade cairia sobre nosso povo.

Nesse ínterim, o governo venezuelano descobriu grandes depósitos de urânio nessas montanhas. De onde vem a sabedoria do povo Yanomane? Somente as religiões conseguem transmitir mensagens por centenas de gerações. E, por essa razão, Thomas Sebeok, o líder da “Força-tarefa de Interferência Humana, “sugeriu estabelecer uma espécie de sacerdócio atômico para proteger nossos descendentes. Somente uma elite sacerdotal ou alguma espécie de comitê maçônico, estaria em posição de transmitir conhecimento através de gerações por milhares de anos. Fé, falta de conhecimento real e uma incapacidade de reconhecer a verdade, bem como a constante ameaça de algum tipo de retribuição divina, manteriam viva a mensagem. Ela já foi provada por nossas religiões atuais. Desconhecimento, medo e sacerdócio tornam possível o impensável. Isso tem acontecido há milênios. Podemos estar todos errados a respeito das origens de nossas religiões. Se a fé, incluindo o livro de Mórmon, está sendo usada como um veículo para projetar uma mensagem de extraterrestres em nossa era atual, então, devemos olhar para frente, para termos novos insights. Eles podem ser - embora não seja necessariamente inevitável - bem chocantes. É tudo uma questão de ponto de vista. Estamos no processo de transmitir nosso aviso sobre os perigos do lixo nuclear para um futuro distante. Por que outros, no tempo de Enoch, não tentariam fazer a mesma coisa?

A Inércia do “Senso-Comum”

Somos parte de uma sociedade de homens (e mulheres) do “sim”. Alguns concordam com tudo, por causa de suas convicções religiosas; outros, porque simplesmente não conhecem nada melhor; e outros ainda, pela razão puramente oposta. Nenhuma desculpa é muito estranha, enquanto nossos sentimentos de auto-estima não estiverem em perigo. Todos nós temos algo preparado por nós mesmos e reagimos ranzinzamente se qualquer coisa tenta fazer ruir nossas pequenas torres de marfim de segurança. A própria idéia de alienígenas é rejeitada desde o início, porque a razão humana saudável nos diz: a) eles não existem; b) se existissem, seriam completamente diferentes de nós; e c) estão tão longe de nós, que não

conseguiriam chegar até nós. Qualquer um que pense dessa maneira tem medo de olhar diretamente os fatos. Como a famosa citação do cientista Dr. Lee De Forest, já afirmava em 1957: “O homem nunca chegará à lua, não importando todos os avanços científicos futuros”. Apenas 12 anos mais tarde, em 20 de julho de 1969, a Apollo 11 pousou na lua. Ele não estava sozinho. Sir Harold Spencer Jones, o famoso astrônomo britânico e chefe do Observatório Real de Greenwich, conhecidamente afirmou que “a viagem espacial é um disparate” apenas duas semanas antes da SPUTNIK ser lançada, em 1957.

A história da ciência nos ensina que mesmo as mentes mais respeitadas têm apoiado teorias absurdas. Há muitos livros deliciosamente divertidos sobre o assunto. No século II a.C., o famoso astrônomo alexandrino Ptolomeu ensinava seus estudantes: “Gostaria de deixar claro: a Terra é o centro do universo e todos os outros corpos pesados giram em torno dela”.

Os cientistas podem contestar os erros de seu próprio ofício. A ciência é viva, adaptável, e disposta a aprender - diferentemente da religião. As religiões se comportam como os três macacos proverbiais: o primeiro cobre os olhos; o segundo cobre as orelhas, o terceiro, a boca. Apesar de sua falta de conhecimento, elas constantemente levantam um dedo acusador. Querem ser instrutivas e bem intencionadas. Mas quem é que vai nos livrar das pessoas bem intencionadas?

Como especialista em extraterrestres, eu sei - não; deixe-me dizer, eu creio - que os alienígenas visitaram a Terra milhares de anos atrás. Isso leva ao nascimento das religiões de hoje e das sagradas escrituras. Como sabemos, cada religião neste hospício terrestre afirma que SUAS escrituras sagradas são as únicas verdadeiras. Em quem - pelo amor de Deus! - devemos acreditar? E NO QUE devemos acreditar? A maioria das religiões prediz algum tipo de julgamento final. Há religiões que anunciam que os infiéis serão cozidos vivos, afogados, espancados, esfaqueados, envenenados (com “água amarga”). Felizmente isso se aplica só aos infiéis - mas, espere! QUAIS infiéis? Aqueles que não acreditam no dogma católico? Aqueles que tiveram a infelicidade de não nascerem na Arábia ou terras asiáticas e nunca terem ouvido os ensinamentos do Islã ou da fé hindu? Aqueles que tiveram suficiente azar de crescer em uma seita cristã ou qualquer outra? Aqueles que são membros da religião xintoísta, no Japão, ou aqueles que não acreditam no Livro de Mórmon ou nos ensinamentos da Cientologia? Mesmo o cérebro mais modestamente inteligente precisa certamente começar a ver o problema. O Deus verdadeiro, o Grande Espírito da Criação, não é responsável pela grande confusão de dogmas e religiões terrestres. Por outro lado, essas religiões - junto com seus livros sagrados - ainda estão por aí. Se absolvermos de tudo isso o Grande Espírito da

Criação - porque ele certamente seria infalível e não precisaria nunca fazer correções posteriores a qualquer erro que pudesse ter cometido, porque ELE nunca iria fazer as pessoas se engalfinharem ou dizer a cada religião que somente ELA estava certa - então quem podemos culpar? Os textos estão aí: o Antigo Testamento, a Torah, a Bíblia, o Livro de Mórmon e muitos outros. Como dificilmente poderemos sustentar que o criador do universo é o responsável pela pletora de escritos sagrados existente em nosso planeta, então devemos olhar para outra fonte, para descobrir uma solução aceitável para o caos existente. A alternativa é simplesmente jogar no lixo todas as escrituras sagradas. Mas não faremos isso. Então, deveríamos acusar cada profeta, de Enoch a Joseph Smith, de mentir incessantemente - pois escrevem na primeira pessoa, a partir de uma experiência pessoal. E deveríamos também ignorar todos os dados técnicos, médicos e astronômicos destes textos antigos. Ditados diretamente por algum tipo de “Deus” ou “Senhor”. Muito embaraçoso! Se todos esses textos religiosos antigos fossem inspirados, ou pelo menos parcialmente inspirados por extraterrestres, as perguntas têm de ser: Onde, na Terra, estão agora? Ou onde fora da Terra? Se o “Senhor” do Livro de Mórmon estava apenas ligando um fusível de queima lenta, que apenas milhares de anos depois fosse destinado a causar uma explosão intelectual, que tipo de jogo ele estava jogando? O que ele tinha a ganhar? Estou longe de ser a única pessoa que está se fazendo esse tipo de pergunta. No mundo de fala inglesa, há incontáveis publicações sobre o assunto. Os tratados científicos relativos a estratégias dos ETs são dominados pelos professores Bracewell e Deardorff.

Um Zôo Humano

Há uma hipótese que afirma que a Terra é vista como uma espécie de refúgio pelos extraterrestres, uma espécie de “jardim zoológico”. A pré-condição mais importante para o bom funcionamento de um zôo é o bem-estar tanto de zeladores quanto de visitantes. Assim, os visitantes são proibidos de destruir os locais de ninhos de aves raras, alimentar crocodilos com cães vivos, importunar os leões, ou remover cobras venenosas. E se pede a TODOS os visitantes que respeitem as regras. Os animais estão lá apenas para serem admirados e estudados à distância. Os zeladores, por sua vez, estão lá para se ter certeza de que todos estão cumprindo as regras.

Agora, neste caso, os zeladores sabem que uma das espécies é mais inteligente que as outras. Esta espécie - a humanidade - é capaz de pensamento filosófico, de abstração, de criar várias culturas e tecnologias. Os zeladores também sabem que é apenas uma questão de tempo

para que a humanidade tente sair de seu zôo. Será que eles devem deixar o homem sair? Poderia ser perigoso para os zeladores e visitantes? Como humanos, não sabemos (ainda) quantas civilizações galácticas poderiam existir lá fora. Não podemos excluir a possibilidade de que elas incluam sociedades agressivas. Talvez haja seres extraterrestres que possuam um metabolismo completamente diferente do nosso, ou tenham uma estrutura corporal e um ciclo de vida muito mais semelhante ao de um inseto. Muito possivelmente um ser assim não se preocuparia muito conosco. Talvez haja até uma civilização semelhante à do homem, extremamente agressiva, que tenha vencido uma guerra interestelar e está no processo de realizar algum tipo de política expansionista, alimentada por sua agressividade. É muito possível que haja espécies agressivas que egoisticamente representem os interesses de seus planetas e cada um está interessado apenas em expandir sua própria esfera de influência. Talvez estejam procurando ouro ou urânio. Para neutralizar esses tipos de sociedades, outros alienígenas formam uma espécie de “clube galáctico”, algo parecido com as Nações Unidas extraterrestre, com um contrato que proíbe que qualquer civilização extraterrestre interfira com o desenvolvimento de qualquer civilização incipiente até que essa civilização seja capaz de se juntar ao clube galáctico por seus próprios meios. O zelador e os animais vivem juntos. Mas não para sempre. Você não pode impedir que seus filhos cresçam, e não pode impedir a humanidade de se esforçar para chegar à viagem intergaláctica. As mesmas regras aplicam-se a toda vida inteligente no universo. Porém, ainda há um obstáculo que tem de ser ultrapassado antes que seja permitido ao habitante do zôo “homem” sair de sua jaula: ele precisa provar sua prontidão para agir pacificamente. E isso nunca acontecerá enquanto religiões dogmáticas continuem a atacar os crentes de outras fés. Somos amantes da paz? Estamos prontos para por de lado nossa agressividade? Somos capazes, apesar de nossas fés diferentes, de trabalharmos juntos harmoniosamente? Essas questões serão respondidas cedo ou tarde. A Terra e toda a sua evolução nunca foram um sistema fechado. Desde os nossos primórdios até muito além no futuro, estamos ligados à evolução do cosmo. Até o momento, estamos ainda em nosso “zoológico” junto com nossas raças e religiões diferentes, nossos tipos e características diferentes, junto com plantas e animais variados que habitam nosso planeta. Este zôo funciona simultaneamente como uma espécie de escola. Se passarmos pelo período probatório no zôo, estaremos prontos para entrar em contato com o universo. Se não conseguirmos, então provavelmente nos destruiremos e muito possivelmente destruiremos todo o zôo no processo. É uma espécie de seleção natural cósmica. A humanidade precisa fazer com que seu zôo sobreviva pela virtude de seu intelecto, pelo diálogo, inteligência e natureza pacífica, antes que o clube galáctico estenda sua mão para nós.

Por isso o embargo; o silêncio dos zeladores. Ele serve tanto para a observação da humanidade enquanto espécie, como para proteger os zeladores e os visitantes de nós. Mas o embargo contra o “Zôo Terra” não é total. Os ETs têm permissão para nos ajudar em pequenos passos, na medida em que pedimos essa ajuda e nos provemos dignos dela. Mas como podem nos ajudar, quando um embargo claramente diz o oposto? E o que significa “nos provarmos dignos”? Todas as religiões não dão grande valor no “provar-se digno” de seus salvadores?

O rádio-astrônomo Professor Ronald Bracewell, da Universidade de Stanford, na Califórnia, acredita que todos os governos terrestres deveriam inicialmente tentar suprimir informação relativa a sinais de rádio de seres extraterrestres, porque o primeiro governo a decodificar sinais alienígenas espera usar o conhecimento obtido para ter alguma espécie de vantagem sobre todos os outros. Não estamos falando aqui apenas de vantagens militares; há também aspectos sociológicos, econômicos, tecnológicos, religiosos e culturais. Mesmo se mensagens alienígenas fossem interceptadas por pesquisadores privados ou até amadores entusiastas, os governos e universidades estariam em posição de denunciar as mensagens como “brincadeiras bobas”, “vanglorias”, ou “trotes”, e então lançar algum tipo de ordem de segurança sobre elas. Assim, como podem os extraterrestres nos ajudar “em pequenos passos”, sem serem reprimidos em nível nacional? Como podemos resolver esse problema?

Qualquer doutrinação a ser feita “em pequenos passos” precisa ser suficientemente sutil para escapar à detecção por qualquer governo ou universidade, para evitar a repressão. A mensagem do espaço exterior deve, por um lado, estar disponível ao público; e, por outro, “não aceitável ou plausível” aos militares ou à ciência. De acordo com a tradição das eras, qualquer coisa que seja “implausível” é rotulada de ridícula. E qualquer coisa que seja ridícula não recebe a atenção dos órgãos governamentais ou das universidades. Em nossa sociedade, a religião é considerada não científica; é questão de fé. Portanto, as mensagens são codificadas em textos religiosos, onde não serão levadas a sério pela ciência. Assim, o embargo permanece intacto e a consciência é levada à humanidade em pequenos passos. “Pelo menos não mais rápido do que está pronta a aceitar qualquer mensagem extraterrestre”, diz o Professor Bracewell.

Verdade Desconfortável?

Assim, o que isso tem a ver com as escrituras religiosas e o Livro de Mórmon? Tudo! Estes textos antigos já CONTÊM informação E ações alienígenas. Agora, só imagine que o

“Senhor” do Livro de Mórmon fosse repentinamente aparecer a cores e ao vivo em seu OVNI high-tech sobre um estádio de futebol lotado. Ou em um lugar de peregrinação, sobre uma grande cidade; sobre uma mesquita islâmica, ou um templo budista, ou a venerável catedral dos mórmons, em Salt Lake City. O que os fiéis pensariam? O que os cientistas de jalecos brancos balbuciarão, quando fossem repentinamente confrontados com a realidade de que tudo o que estiveram disseminando a respeito de vida extraterrestre e do alcance das distâncias interestelares era pura lavagem suína? O que os judeus ou os mórmons diriam quando o seu Deus repentinamente se revelasse um alienígena? O que passaria pelas cabeças daqueles militares que investiram trilhões de dólares do dinheiro de tributos em mísseis de defesa, interceptadores e sistemas de radar, quando um extraterrestre surge de repente bem embaixo de seus narizes? Como os milhares de antropólogos e seus milhões de seguidores se sentiriam, quando a eles se revelasse - como num estalar de dedos, por assim dizer - que o desenvolvimento humano não é apenas o produto da evolução, mas que houve intervenções artificiais localizadas no genoma humano? O resultado seria algum tipo de choque cultural e religioso de massa. Nós simplesmente não estamos psicologicamente preparados. E ocorreria uma situação ainda pior, se os ETs começassem a povoar nossos céus. Isso seria encarado como uma espécie de agressão. O homem tipicamente teme agressores percebidos, que colocam em perigo a si mesmo ou sua amada propriedade ou - o que é até pior - ameaça introduzir algo estranho à sua vida. O choque de Deus seria total!

Para evitar esse tipo de reações dobra-jelhos, a ação tem de ser cuidadosamente planejada e durante vários milhares de anos. As religiões tornam isso tudo possível. A humanidade é alimentada por colheradas de “divino”, mas em um nível subconsciente, de modo que isso só é notado quando absolutamente necessário, logo que a evolução tecnológica tenha atingido o nível necessário, por exemplo, para se pensar em termos de viagens interestelares. Aqueles ETs eram muito mais avançados do que nós, pois, de outro modo, nunca teriam conseguido cruzar anos-luz para chegar até a Terra. Eles conhecem nossa psique, nosso comportamento, pois criaram o homem à sua própria imagem. Isso NÃO contradiz a teoria da evolução, pois estamos falando aqui apenas de mutações específicas. Como nos conhecem tanto quanto a eles próprios, o caminho para as estrelas será aberto lentamente, suavemente e de uma maneira apropriada ao zeitgeist corrente. Isso, naturalmente, pode mudar. Nós simplesmente recebemos pequenos insights ocasionalmente - para manter nosso processo de pensamento caminhando na direção certa - mas não grandes impulsos.

Tão logo sejamos capazes de explicar os chamados milagres dos deuses em termos

técnicos, e sejamos pelo menos parcialmente capazes de realizar tais milagres por nós mesmos, os deuses nos seriam compreensíveis. Tecnologias que, há apenas duas gerações, nos pareciam “mágicas” ou “milagrosas”. Como reagiria seu tataravô ao ver uma projeção holográfica em seu quarto? Será que ele iria pensar que estava tendo uma visitação?

Por que os deuses dos tempos antigos tornaram isso tão complicado? Será que não podiam apenas explicar-nos quem eram e o que queriam?

Eles o fizeram! Mas as gerações seguintes, com sua mania psico-religiosa, para dar uma explicação para o que estava nos textos antigos, vieram com esse lendário nonsense. E mais: era simplesmente impossível conversar com nossos ancestrais sobre super tecnologias. Estava claro para os extraterrestres que os textos seriam adaptados ao longo dos milênios, de modo a combinar com a compreensão da época. Contudo, oculto dentro desse nonsense, restou o suficiente do sentido original, para que as gerações futuras fossem capazes de extrair a informação necessária. Entende?

“MUITAS GRANDES PESSOAS ACHAM QUE ESTÃO PENSANDO, QUANDO ESTÃO SIMPLEMENTE REARRANJANDO SEUS PRECONCEITOS.” (WILLIAM JAMES, FILÓSOFO, 1842-1910)

Acredito que minha análise contemporânea da situação não insultará nem prejudicará os deuses do passado. O insight constitui toda a coisa. Mas como provar isso?

A Visitação de Moroni

Joseph Smith, o fundador da religião mórmon, descreveu assim sua visão do mensageiro Moroni:

Enquanto eu estava orando a Deus, descobri uma luz surgindo em meu quarto, que continuou a aumentar até que todo o quarto estava mais claro do que ao meio-dia, quando imediatamente um personagem apareceu ao lado de minha cama, parado no ar, pois seus pés não tocavam o chão... Depois dessa comunicação, vi que a luz no quarto começou imediatamente a se juntar ao redor da pessoa que estivera falando comigo, e continuou a fazer isso até que o quarto novamente ficou escuro, exceto ao redor dele...

O mesmo aparecimento, com as mesmas palavras, repetiu-se três vezes, como se o mesmo disco holográfico estivesse sendo rodado a cada vez. E a voz? Será que tudo foi transmitido telepaticamente, ou foneticamente, diretamente para um ponto na cabeça de

Joseph Smith? Este último (foneticamente) já é algo que podemos fazer atualmente, e o primeiro (telepaticamente) está sendo entusiasticamente trabalhado em muitos laboratórios. Mas por que Joseph Smith e por que 1823? Ele vivia na vizinhança do monte “Cumorah”, no qual as lâminas, bem como as pedras tradutoras, URIM e THUMMIM, estavam escondidas há milhares de anos. (James Smith disse: “Perto da vila de Manchester, Condado de Ontário, Nova Iorque, há um monte de tamanho considerável, o mais alto da vizinhança. No lado oeste deste monte, não muito longe do topo, sob uma pedra de bom tamanho, estavam as lâminas, depositadas em uma caixa de pedra.”) A tecnologia tinha ficado escondida por muito tempo nesta montanha. Joseph Smith provavelmente passou por ali dúzias de vezes, e seu estado mental - resultado de sua busca por Deus - tornou-o receptivo à mensagem. Algumas lâminas que ele encontrou no cofre de pedra não poderiam nunca conter todo o Livro de Mórmon, pois este é muito extenso. Mas pense, querido leitor, no Livro de Adão preservado em uma safira, que mencionei no primeiro capítulo. Você se lembra como Seth manteve diálogos com este livro? As pedras tradutoras, URIM e THUMMIM, poderiam ter uma função semelhante. Elas continham os registros e serviam como um aparelho de playback. O texto tocado do Livro de Mórmon diretamente para a cabeça do apavorado e altamente impressionável jovem Joseph Smith.

Já posso ouvir os protestos dos fiéis, gritando: “Sacrilégio!” Os queridos críticos do mundo da religião, fazem isso gentilmente. Suas escrituras permanecem fundamentalmente corretas e basicamente confirmam o conhecimento de sua comunidade espiritual. O conteúdo do Livro de Mórmon é completamente verdadeiro - com algumas inserções posteriores. Mas a interpretação moderna muda a percepção do “Senhor”. Ele era também aquele que tinha as lâminas de metal, FEITAS ESPECIALMENTE PARA O POVO DO FUTURO. E ainda mais: o “Senhor” não se revela como um ser espiritual. Vamos voltar ao Livro de Mórmon:

(ETHER 3:6) E O VÉU FOI RETIRADO DOS OLHOS DO IRMÃO DE JARED, E ELE VIU O DEDO DO SENHOR; E ERA COMO O DEDO DE UM HOMEM, DE CARNE E OSSO... (3:8) E ELE DISSE AO SENHOR: EU VI O DEDO DO SENHOR, E TEMI QUE ELE ME FERISSE, POIS EU NÃO SABIA QUE O SENHOR ERA DE CARNE E OSSO. (3:9) E O SENHOR A ELE: POR CAUSA DE TUA FÉ, VISTE QUE SOU DE CARNE E OSSO; E NUNCA HOUVE NENHUM HOMEM DIANTE DE MIM COM TANTA FÉ QUANTO A QUE TU TENS; POIS, SE NÃO FOSSE ASSIM, TU NÃO PODERIAS TER VISTO MEU DEDO. TU VISTE MAIS DO QUE ISSO?... (3:15) TU VÊS QUE FOSTE CRIADO NO INÍCIO À MINHA PRÓPRIA IMAGEM?

Assombroso. O “Senhor” possui uma forma humana e pergunta ao homem se ele tinha visto mais que um dedo. Um ser onisciente já saberia a resposta. Ele se apresenta em forma corpórea, mas, ele nos assegura, poderia também assumir uma forma espiritual (mesmo Moisés, na Bíblia, nunca viu realmente o seu Deus, mas lhe foi permitido olhar na direção dele). Certo. Então, por que, pelo amor de Deus, este “Senhor” não pode ser o Grande Espírito da Criação?

1. Ele usa tecnologia: construção de navios, pedras luminosas, bolas falantes, uma bússola, lâminas de metal.

2. O “Senhor” viaja para a América, para “corrigir” sua própria religião, porque esta se desenvolveu na direção errada (a poderosa antiga igreja da cristandade é descrita como uma “grande prostituta” no Livro de Mórmon). O Grande Espírito da Criação, eterno e onipresente como é, dificilmente precisaria fazer correções, e certamente não renegaria seus contratos. (No Antigo Testamento, ele fez dois contratos eternos com Noé e com Abraão.)

Templos Grandiosos

Em seu caminho da América do Sul para a do Norte, os ancestrais dos mórmons de hoje construíram muitos templos. Isso está escrito no Livro de Mórmon. Até templos “à maneira do templo de Salomão”. Um desses sistemas incompreensíveis está lá no alto dos Andes, no Peru: o templo de CHAVIN DE HUÁNTAR. Nenhum arqueólogo tem uma pista sequer sobre quem construiu este complexo impressionante de templos a uma altitude de cerca de 3.180 metros acima do nível do mar; assim, eles falam respeitosamente de uma “cultura Chavin”. Até a data de construção é incerta. Especialistas dizem que CHAVIN DE HUÁNTAR foi um local de peregrinação, o centro religioso de um povo desconhecido que repentinamente surgiu nos vales altos do Rio Mosna e dominou a cultura na área por vários séculos. Um centro de peregrinação? Que deus faria os indígenas peregrinarem até lá? Em CHAVIN DE HUÁNTAR há muitas colunas inexplicáveis e relevos fantásticos exibindo divindades voadoras. Abaixo do templo, na praça principal, um colega do arqueólogo Julio C. Tello encontrou um obelisco, que agora se encontra no Museu Arqueológico de Lima. Como ninguém nunca o exibiu, apresento-lhes os entalhes à página 201. Que a luz da decodificação brilhe sobre você! Do mesmo modo, é inexplicável a Stela Raimondi, também encontrada em CHAVIN DE HUÁNTAR e que também está agora no Museu Arqueológico de Lima.

O bloco é feito de diorito, uma rocha ígnea, e tem 1,75 metros de altura e 17 centímetros de espessura. Os arqueólogos especulam sobre “um deus jaguar”, “deuses gatos ou cobras”, “cetros, monstros, máscaras”, e até “a imagem consumada da encarnação do chefe dos deuses, o deus da criação Viracocha”.

Wolfgang Volkrodt, um engenheiro de prestígio, é a única pessoa que fez uma abordagem diferente. Ele estudou a Stela Raimondi e conseguiu claramente demonstrar que os entalhes eram realmente uma “planta técnica, simétrica e altamente precisa”. Ela mostra perfeitamente a estrutura de uma máquina a vapor com “lâminas de catraca, pistões rotativos, alavancas, molas e juntas de bola”. A máquina podia ser usada para apertar cordas e puxar cargas.

Os engenheiros olham para as coisas com olhos diferentes dos arqueólogos. Possuem um reservatório diferente de conhecimento especializado. E muito embora a análise de Volkrodt seja irrepreensível e possa ser atestada até o mínimo detalhe, isso não preocupa nem de leve os arqueólogos. Seus tapa-olhos não permitem qualquer outra interpretação diferente das suas. Livros de autores como Volkrodt ou Blumrich - um engenheiro-chefe da NASA, que realizou uma análise impecável e palavra por palavra da espaçonave descrita pelo profeta Ezequiel no Antigo Testamento - não são consideradas parte da literatura acadêmica a ser usada em sua profissão. Contudo obras como as de Volkrodt e Blumrich agradavelmente acrescentam outra dimensão a esta visão de mundo constrangida e inibida. Elas abrem janelas e deixam novos pensamentos entrarem. Mas mantêm os seus olhos firmemente aparafusados! O que você não conhece, não pode feri-lo! Irritantemente, os seres alados e as gravações na Stela Raimondi são tão finamente forjadas e precisamente entalhadas no extremamente duro diorito, que ferramentas-padrão - tais como um formão afiado - possivelmente não poderiam ser usadas. Mesmo um observador leigo pode ver isso imediatamente. E por isso que estou lhe mostrando as fotos. Para alcançar este nível de precisão, brocas rotativas extremamente duras teriam de se usadas. Quem tinha este tipo de conhecimento técnico naquela época? Meu dinheiro está aplicado com um grupo de pessoas

conduzidas por um altamente adepto “Senhor”, que fornece tecnologia a seu povo, quando ele precisa dela, não apenas para entalhar diorito com este grau de precisão, mas também para gravar acuradamente lâminas de metal. E eu recomendo aos laboriosos mórmons, que estão sempre à procura da biblioteca de metal de seus ancestrais, a tirar medidas sob o templo de CHAVIN DE HUÁNTAR.

Uma Questão de Fé

Tenho grande respeito pelo Livro de Mórmon e pelo conhecimento nele contido, e também admiro a fé mórmon nas histórias de ETHER e NEPHI - mas há um ponto em que faço uma exceção. Repetidamente no Livro de Mórmon você pode encontrar inserções de (alegadamente) Jesus, o (alegadamente) fundador do Cristianismo. A Igreja de Jesus, assim diz o “Senhor” no Livro de Mórmon, não está se desenvolvendo como tinha sido previsto; está evoluindo numa direção completamente falsa; portanto ele, o filho de Deus, tinha de vir à América para fundar uma nova igreja verdadeira, a Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias. Posso entender tais inserções. Joseph Smith e seus bravos companheiros estavam sob grande pressão, nos Estados Unidos. A única religião permitida - embora com incontáveis variações - era o Cristianismo e as mensagens completamente não conformistas de ETHER e NEPHI simplesmente não se ajustavam ao quadro. Smith e seus seguidores foram perseguidos, denegridos, humilhados e assediados. Muitos mórmons jovens realmente terminaram na prisão - incluindo o próprio Joseph Smith. Era vital haver alguma forma de correção e uma delas trouxe o filho de Deus, Jesus, para a arena. Assim vieram as inserções. A razão que tiveram para tanto era totalmente compreensível, mas falsa (exatamente tão falsa quanto as inserções posteriores de Jesus no Livro de Enoch, que foram feitas posteriormente e não existem no texto original).

Toda a história de Jesus, começando com o pecado original, a imaculada concepção, a redenção, a ressurreição, e a passagem direta para a ascensão - todos pilares da fé cristã - está misturada desde o início. Este não é o sabe-tudo Erich von Däniken falando; isso vem de renomados professores de teologia, tais como os acadêmicos católicos Professor H. King e Professor J. Drewermann, ou o pesquisador e crítico da igreja Karlheinz Deschner. Se, porém, a igreja cristã baseia-se num fundamento errôneo - se não houve pecado original e, subseqüentemente, nenhuma necessidade de redenção - então logicamente falando nenhum filho de Deus poderia ter vindo para a América para melhorar e corrigir sua própria religião. ERRARE HUMANUM EST, como os romanos costumavam dizer. Errar é humano - não

divino.

Por que uma biblioteca de metal no Equador? Depois do “Senhor” ter patentemente falhado em se manifestar em qualquer forma como o Grande Espírito da Criação durante milhares de anos, e por ter usado tecnologia em vez de milagres, ele assumiu o ônus da prova. No futuro! Ele quer provar para a humanidade, em termos inequívocos, que ele foi aquele que estava puxando a cordinhas naquela época. Isso poderia funcionar em uma sociedade crítica que duvidasse de tudo, que forja fotografias usando computadores, que não mais acredita em prodígios e que renunciou ao sobrenatural e comprou uma razão científica, mas nunca novos pseudomilagres (especialmente milagres que podem provavelmente ser expostos após 20 anos ou quando a tecnologia for aprendida). A humanidade exige prova sólida, científica, perfeita, MATERIAL. Deve ser tangível, fotografável, datável e definitivamente significativa. Precisa ser, como coloca o Livro de Mórmon, “de grande valor”. Não para as pessoas daqueles milhares de anos atrás - nós somos as pessoas a quem essa prova deve ser endereçada. Esta conclusão é claramente lógica, já que o “Senhor” colocou as lâminas gravadas há milhares de anos exatamente para que pudessem ser lidas no futuro. Supõe-se que essas provas do “Senhor” surjam “quando ele disser que os milagres acabaram; e acontecerá como se estivesse falando dos mortos” (Mórmon 8:16).

Com a biblioteca de metal no Equador, estamos diretamente diante desta grande realização.

No máximo, podemos especular sobre a motivação para este comportamento “divino”. Mas as próprias mensagens são completamente inequívocas. O “Senhor” da Antiguidade não é o Grande Espírito da Criação. Em primeiro lugar, ele, naturalmente, não cometeria erros. Assim, não precisaria fazer correções posteriores. Deste modo, este “Senhor” fez as lâminas de metal especialmente para o povo do futuro, porque ele quer provar que era ele quem puxava as cordinhas. O Grande Espírito da Criação não precisa provar nada.

A mim parece que esses chamados deuses do passado já estavam - mesmo então - a planejar seu retorno, e eles queriam assegurar que nós os respeitaremos pelo que fizeram por nós naquela época. Eles nos criaram “à sua imagem”.

(MÓRMON 8:14 ET SEQ.) E ABENÇOADO SEJA AQUELE QUE TRARÁ ESTA COISA À LUZ, POIS SAIRÁ DA ESCURIDÃO PARA A LUZ... E QUEM QUER QUE O TRAGA À LUZ [O RELATO HISTÓRICO], SERÁ ABENÇOADO PELO SENHOR.

CIÊNCIA NATURAL EM NAZCA

De Volta ao Peru

“O segredo de Nazca foi finalmente revelado” anunciou a manchete de um dos jornais mais altamente respeitados da Alemanha, FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG, de 14 de julho de 2007. O subtítulo acrescentava: “Geoglifos no deserto - não para alienígenas, mas para procissões religiosas”. Nem é preciso dizer que eu tive a minha quota:

“Têm sido basicamente as teorias sobre OVNIS do arqueo-fantasia Erich von Däniken que mantiveram as linhas de quilômetros de distância e as figuras de animais - formas que foram escavadas no solo do deserto, milhares de anos atrás - na memória do público.

Bem, pelo menos eles me deram isso. O artigo revela que o arqueólogo peruano Johny Isla acreditava que tinha finalmente encontrado a solução para as enigmáticas trincheiras. Elas são, afirmou ele, antigas rotas de procissão. Isso foi inequivocamente confirmado por uma equipe formada por arqueólogos suíços, alemães e peruanos. Junto com Markus Reindel, do Instituto Arqueológico Alemão, Johny Isla reuniu uma equipe interdisciplinar de especialistas para investigar o fenômeno. Markus Reindel apresentou posteriormente os resultados no Centro para a Ciência, de Bonn, na Alemanha.

Fabuloso. Ainda outro caso de “solução mais plausível”, tornando toda investigação posterior desnecessária. O mundo está seguro novamente. Aleluia! Mas, como o poeta lírico alemão Wilhelm Busch escreveu uma vez, “Mas aqui, como sempre, vai acabar diferentemente do que esperamos”. Vamos dar uma olhada nos fatos:

Houve uma vez a pequena cidade sonolenta, em algum lugar por trás das sete montanhas, no sul do Peru. Estava ligada à capital, Lima, por uma longa e poeirenta estrada, que ninguém percorria, a não ser que fosse absolutamente necessário. Esta estrada estende-se por centenas de quilômetros através de um deserto desolado de areia e cascalho e desce na direção do Chile. A cada 90 minutos mais ou menos, você passaria por uma aldeia muito pobre, sempre em algum ponto em que um arroio ou riacho fluísse dos distantes Andes, tentando abrir caminho para o Oceano Pacífico.

Atualmente, cerca de metade deste trecho de estrada entre Lima e Nazca - mais ou menos 500 quilômetros de distância - é uma autopista de quatro faixas, que percorre seu

caminho através do deserto, entre montanhas secas. A cidade de Nazca - que foi uma vez sonolenta - tornou-se um lugar animado, com um museu, um pequeno parque, lojas e dois bancos. Hotéis de várias categorias rivalizam-se na atração dos turistas e, para além da periferia da cidade, há uma pista de pouso, com uma torre e um bar. Desse ponto, os visitantes podem - por cerca de 150 dólares - pegar um avião para fazer um voo sobre o mundialmente famoso “Pampa de Nazca”. Muitos deles acham difícil manter o almoço no estômago, quando o piloto vai de uma curva apertada para outra.

Lá embaixo, o maior livro de gravuras do mundo estende-se pela paisagem. Repentinamente, surge uma aranha colossal na superfície de areia amarronzada e cascalho do deserto. Depois, um beija-flor, um macaco, várias espirais, um peixe, e - entre todos eles - linhas perfeitamente retas, que se estendem por milhas! Há também várias outras figuras nas laterais das montanhas, incluindo um homem, que se assemelha um pouco a um astronauta. E, então, há “las pistas”. Elas parecem pistas de pouso degradadas, sem uso, cujos contornos são apenas visíveis na areia. A mais longa estende-se por quase três quilômetros. O que, na Terra, é tudo isso? O que é Nazca? Bem, por uma coisa Nazca é enigmática, misteriosa e mais do que um pouco fantasmagórica. O deserto em Nazca parece suficientemente normal; contudo, ao mesmo tempo, um pouco estranho. É mágico, atraente, lógico e, contudo, absurdo. Nazca é como uma centena de relâmpagos atingindo o senso comum. Se os olhos pudessem gritar, eles o fariam em Nazca. A mensagem de Nazca está velada e oculta à visão, resistindo a qualquer tentativa de explicação. Qualquer um que pense que poderia haver uma solução simples para este mistério também acredita ainda no coelho da Páscoa. A paisagem é insondável e insolúvel, absurda e sem sentido. Em Nazca, os cordões da lógica somem na fumaça, porque não querem mais ser desenhados em círculos. Nazca foge de toda engenhosidade, embora, ano após ano, os arqueocriminologistas apareçam lá em hordas afirmando ter finalmente resolvido o mistério. Ciência - em Nazca, é arqueologia - compulsivamente tenta impor nosso pensamento e conhecimento contemporâneos sobre antigas civilizações, que tinham uma visão do mundo completamente diferente.

Transbordando de auto-importância, afirmamos ser inteligentes, sábios e abençoados com uma acuidade mental que, na realidade, não possuímos. Acreditamos que a metodologia científica nos levará inevitavelmente ao nirvana do discernimento. Assim, nas últimas décadas surgiram incontáveis teorias e especulações, vãos fantasiosos e puro absurdo relativos a Nazca. E, no final, nenhum deles pode realmente fornecer uma resposta definitiva. Nazca é como uma máquina do tempo, que nos leva de volta ao nosso passado, e qualquer um

que queira chegar um pouquinho mais perto de resolver o mistério de Nazca precisa pensar fora do padrão. Reconhecidamente a abordagem arqueológica lança algumas possibilidades interessantes, mas somente meias verdades.

Uma Descoberta Surpreendente

Na primavera de 1927, o arqueólogo peruano Toribio Mejia Xesspe estava trabalhando em um pequeno vale próximo do Rio de Nazca. Ele escalou um lado do vale e, enquanto fazia um pequeno descanso, olhou para o pampa abaixo. Viu algo que parecia muito estranho: lá embaixo, no deserto marrom escuro, conseguiu ver linhas estendendo-se na distância à frente dele. Contudo, foi somente após 13 anos, depois que ele caminhou por duas das estranhas linhas, que finalmente escreveu sobre sua descoberta.

Em junho de 1940, o historiador Paul Kosok, baseado em Nova Iorque, fez um vôo sobre Nazca. Ele viu várias pistas, “líneas” (linhas menores e mais estreitas), e espirais. Seu artigo sobre o assunto só foi publicado em 1947. Nessa época, a geógrafa e matemática alemã Dra. Maria Reiche tinha viajado de Dresden para o Peru. Ela não sabia nada sobre as linhas em Nazca; estava mais interessada em pesquisar conexões calendricais entre os vários locais de observação solar, que podem ser encontrados no Peru. Por uma feliz coincidência, ela encontrou-se com Paul Kosok, que lhe falou entusiasmamente sobre as estranhas marcações que tinha descoberto do alto. Maria Reiche começou a considerar o assunto. Inicialmente foi apenas um projeto paralelo, mas logo ela ficou fascinada por aquelas estranhas marcações. Junto com Paul Kosok, ela publicou um longo artigo sobre o platô no jornal *ARCHAEOLOGY*. Nos anos seguintes, Maria Reiche ficou realmente presa a Nazca. Sua pesquisa no platô desértico tornou-se sua vida e ela passou muitos anos tentando quebrar a casca da noz Nazca. Já naquela época, Maria Reiche comparou algumas das pistas a pistas de pouso: “Então o passageiro aéreo... descobrirá grandes triângulos e quadrados com linhas tão precisas acompanhando o fundo pálido das superfícies, que pareciam ter sido desenhadas com uma régua... você poderia pensar que algumas delas fossem pistas de pouso.” Quando escrevi algo sobre as mesmas linhas, em 1967 - na época em que o livro da Dra. Reiche não estava ainda disponível -, os críticos me despedaçaram. Desde então, todo tipo de citações sobre o assunto eram atribuídas a mim - em todo o tipo de meio de comunicação imaginável - mesmo que eu nunca tivesse dito. Ironicamente, foram algumas das publicações alegadamente “sérias” que espalharam o lixo mais ridículo que você possa imaginar. Este é um exemplo perfeito de como uma afirmação pode ser falsamente citada e, depois, vai para o arquivo da

imprensa, de onde é continuamente desenterrada outra vez, para ser novamente citada erroneamente. Além disso, muitas pessoas afirmam - lamentavelmente, até muitas publicações científicas - em um tom de honesta indignação, que eu afirmei que o platô de Nazca era algum tipo de “local de pouso para naves espaciais”. Nenhum desses açougueiros da palavra já leu os meus livros, especialmente meu livro sobre Nazca, ZEICHEN FÜR DIE EWIGKEIT. Se tivessem lido e ainda viessem com as inverdades usuais, eu teria de acusar os autores de mentirosos. Do jeito que a coisa é, um autor simplesmente copia os erros de outro e acrescenta os seus dois centavos no processo. É por isso que, desculpe-me dizer, não consigo mais levar a sério nenhum desses chamados autores científicos.

A Dra. Maria Reiche não encontrou a resposta para o quebra-cabeça Nazca. Exatamente antes de sua morte, em 1998, a venerável e idosa pesquisadora opinou que talvez Nazca tivesse algo a ver com xamãs ou espíritos. Parece haver mais teorias sobre Nazca do que os peixes do mar. Listeí tantas quantas consegui em meu livro sobre Nazca. Assim, aqui, pularei a bibliografia e irei diretamente para a lista de algumas das teorias mais populares.

Nazca é:

- Um calendário astronômico.
- Signos tribais dos índios.
- Um culto ao deus da água.
- Um culto ao deus da agricultura.
- Lotes de terra agricultáveis.
- Marcações de fronteira.
- Baías para animais.
- Caminhos para atividades sagradas.
- Rotas de procissão.
- Informação geométrica.
- Um local para atividades cerimoniais.
- Cópias de visões.
- Uma tecelagem colossal.
- Um mapa.
- Um atlas cultural.
- Uma Olimpíada pré-incaica.
- Uma plataforma pré-histórica de lançamento de balões.
- Uma orgia de todos os tipos de cultos.

O Problema com os Arqueólogos

Como você pode ver, os arqueólogos têm estado ocupados em Nazca. A cada par de

anos mais ou menos, a literatura científica alardeia sua mais recente solução definitiva. Assim, temos de nos perguntar o que eles realmente estão fazendo lá, esses arqueólogos e seus suados alunos. Bem, eles fazem o que arqueólogos sempre fazem: cavam. É trabalho cientificamente perfeito e as equipes participantes, na maioria apenas um punhado de gente, consistem de homens e mulheres honestos. Elas procuram nas camadas de pedra por ossos, restos de construção, têxteis, cerâmicas e madeiras. Gentilmente coletam, classificam, comparam e datam cada peça. Finalmente, tiram suas conclusões. Isso é geralmente feito pelos líderes da expedição, que, em geral, percorreram o caminho reto do pensamento arqueológico clássico diretamente para a confusão caótica de Nazca. Os arqueólogos vivem de detritos. Sua visão é a do mundo em evolução, sempre uma coisa nitidamente após a outra. Baseando-se em alguns fragmentos minúsculos, eles tiram suas conclusões e as aplicam aos largos platôs de Nazca e Palpa. Quaisquer questões posteriores são desnecessárias e não desejadas; dúvidas são ridicularizadas. Os estudantes não têm qualquer chance contra a imutabilidade monolítica da sabedoria professoral. O conhecimento pela metade é promovido a sabedoria estabelecida definitiva, que a geração seguinte de estudantes têm de engolir. E, antes que você saiba, todas as opiniões seguem o mesmo padrão, do cientista ao jornalista.

O que podemos fazer para quebrar esse padrão? Felizmente, há cientistas com aparelhos de medida que acreditam em suas leituras e não em ideologias. Sei que o Professor Gunter Reppchen, do HTW Dresden (uma universidade de tecnologia e economia) já fez medidas em Nazca, na metade da década de 90. O Professor Reppchen é chefe do departamento de pesquisa e cartografia, e seu departamento foi atraído para Nazca porque a Dra. Maria Reiche também era de Dresden. Os cientistas da universidade visavam pesquisar tudo dos geoglifos e linhas em toda a área de Nazca para criar um modelo digital.

O Professor Reppchen e eu nos encontramos pela primeira vez em sua Faculdade, em Dresden, quando ela estava no processo de organização de uma exibição sobre Nazca. Este acadêmico soberbo, que também realizava pesquisas na Antártica, não pensa muito na idéia de alienígenas, mas dá grande importância a dados concretos (isto é, mensuráveis e verificáveis). Em encontros posteriores, perguntei-lhe se seu departamento poderia estar interessado em realizar um projeto de pesquisa em Nazca, que estava anos-luz de distância da arqueologia padrão. No final, escavei um número de fotos excelentes do meu arquivo sobre Nazca - tenho mais de 5.000 - e comecei a marcar certas áreas com um marcador vermelho. Depois, fiz perguntas que nenhum arqueólogo tinha feito (porque as consideraria supérfluas).

Perguntas como estas:

1. As linhas estreitas em ziguezague, que podem ser vistas na fotografia, realmente correm sob a pista ou é uma ilusão óptica?
2. As linhas estreitas, aproximadamente com 1 metro de largura, consistem do mesmo material das pistas, ou é só material fragmentado da superfície?
3. É possível verificar se há qualquer diferença entre campos magnéticos das pistas, linhas e cascalho circundante, particularmente nos pontos de cruzamento e em comparação com o deserto intocado?
4. Há alguma anomalia na condutividade do solo comparando-se as pistas com a área circundante?
5. Há alguma radiação detectável?
6. Pode-se detectar algum material que normalmente não seria esperado em tais quantidades, tais como minérios, ouro ou mica?
7. Há diferenças nas idades das várias pistas, especialmente nos pontos de cruzamento?

E assim por diante. Todas as minhas perguntas referiam-se a coisas que poderiam ser precisamente medidas pela ciência. O Professor Reppchen rapidamente compreendeu que isso envolveria uma equipe de pesquisa interdisciplinar e que uma universidade peruana teria de estar envolvida. O platô de Nazca é Patrimônio Mundial da UNESCO, o que significa que não é permitido a ninguém ficar vagueando por lá, para não mencionar começar a interferir com o local e ficar fazendo medidas. Nos meses seguintes, uma rede de cientistas começou a tomar forma, compreendendo especialistas de uma série de universidades, cada um deles especializado em uma determinada área. À frente de tudo estava a brilhante Dra. Kerstin Hartsch, uma geóloga extremamente dotada, que gosta de lidar com problemas não convencionais.

O projeto de pesquisa foi comissionado pela Fundação Erich von Däniken, que assumiu todo o financiamento. A HTW Dresden uniu-se à Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP). O problema mais difícil foi obter permissão até para visitar Nazca. As permissões foram concedidas - parcialmente, graças ao auxílio da Embaixada da Alemanha -

pelo Instituto Nacional de Cultura (INC). Durante todo o trabalho de campo, um representante do INC, bem como um arqueólogo da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, acompanharam nossa equipe. Os dois incansáveis cientistas, Reppchen e Hartsch viajaram para o Peru muitas vezes para ajudar a colocar as várias peças do quebra-cabeça no lugar. Isso envolveu localizar caros instrumentos high-tech de medições, autorizações aduaneiras, negociações com vários institutos e academias, e até questões banais, tais como encontrar acomodações para estudantes.

O estranho é que ninguém nunca tinha pensando em realizar medições magnéticas em Nazca antes, para não mencionar estudos geoquímicos ou pesquisa geolétrica. Para começar, a equipe investigou a superfície do deserto. Era preciso descobrir que elementos e minerais eram normais na área. No que é conhecido como “hamadas” (áreas cobertas por areia fina trazida ou levada pelo vento), descobriu-se manganês, potássio, cobre, ouro e - freqüentemente próximo aos desenhos escavados - argila (material usado na confecção de cerâmica). Mas não se encontrou nada fora do normal.

Montanha Fatiada

Na área do deserto de Nazca, você pode também ver uma montanha de forma esquisita, que eu chamo de “montanha fatiada”. Naturalmente, os geólogos a vêem de forma diferente. Chamo de “fatiada”, porque ela não tem pico, apenas um topo achatado, o que não se ajusta a nenhuma das outras montanhas ao redor. Além disso, a superfície da “montanha fatiada” exibe uma linha em ziguezague, que pode facilmente ser reconhecida do ar. Esta montanha - com sua linha em ziguezague sob sua pista - interessou-me particularmente. Ela não se ajusta a cultos de orgia em geral. Na extremidade sul da pista, sobre esta montanha, os arqueólogos descobriram pequenas construções com paredes de pedra. Elas foram categorizadas - como parece ser usual - como algum tipo de locais cerimoniais. De todos os lugares em Nazca, este era um dos mais importantes, mas, infelizmente, a equipe interdisciplinar não conseguiu a permissão para trabalhar lá. O arqueólogo alemão Markus Reindel, de Bonn, o mesmo homem que, no verão de 2007, anunciou triunfalmente que as linhas de Nazca eram rotas de procissão, tinha proibido quaisquer medições. Você tem de se perguntar: qual o motivo de fazer isso? Uma equipe de cientistas alemães foi ao Peru. Eles trabalharam em conjunto com a Universidade Católica, de Lima, e um representante do Instituto Nacional de Cultura, e estavam apenas fazendo medições no platô. E eles TINHAM, permissão. E, embora tais medições fossem completamente inofensivas ao local e não

causassem prejuízos ao solo ou qualquer remanescente arquitetônico, um arqueólogo alemão proibiu o trabalho. Será que ele tinha medo do que pudesse ser medido lá? Felizmente, minhas perguntas não se aplicavam exclusivamente à “montanha fatiada”, e a equipe de pesquisa internacional simplesmente escolheu um local de partida diferente. Havia irregularidades na área, particularmente ao redor das pistas? A quantidade de geoeletricidade que você esperaria encontrar é dependente da capacidade do solo de conduzir eletricidade. Em um banheiro cheio de vapor, é muito fácil tomar um choque elétrico letal. Mas num deserto seco, você esperaria uma condutividade bem baixa. Para medir a geoeletricidade, os sensores são enfiados no solo, onde dão pulsos luminosos de corrente alternada. Os eletrodos se movem de acordo com o perfil do solo, passo a passo, para medir as mudanças na resistência elétrica. Dependendo da distância entre os eletrodos, a resistência elétrica pode ser medida até uma profundidade de vários metros. E foi aí que encontramos nossas primeiras irregularidades.

Normalmente, é praticamente impossível realizar medidas como estas no deserto, por causa da extrema aridez do solo e, de qualquer modo, da dificuldade associada de alimentação da eletricidade no solo. Mas graças ao equipamento recentemente desenvolvido, que a equipe possuía, e contra todas as expectativas, obtivemos resultados bons e altamente detalhados. Eles descobriram que a resistência geoeletrica do solo normal era relativamente baixa, quando comparada aos geoglifos. Repentinamente - isso aconteceu no final de uma das pistas, bem como em uma das linhas - as medidas saíram da escala, ultrapassando os valores normais POR UM FATOR MAIOR DO QUE MIL. Você pode vê-lo nas áreas escuras das tabelas. Havia faixas em um caminho de chão designado com “Área N4”, onde uma resistência elétrica extremamente alta poderia ser medida correndo para e ao longo da orla da pista. No “Pampa do Calendário”, o centro da resistência elétrica encontra-se dois metros abaixo da superfície. Fortes anomalias elétricas também foram medidas em outros locais. A razão para isso é desconhecida.

Mas espere! A história fica melhor. Perguntei sobre campos magnéticos em certas localizações. A base para as medições geomagnéticas é o próprio campo magnético da Terra. Para realizar as medições, é preciso um magnetômetro de césio. Os resultados de Nazca mostraram diferenças significativas entre as várias linhas e o solo circundante intocado. De volta ao “Pampa do Calendário”, a equipe descobriu uma verdadeira rede de anomalias magnéticas dentro de uma das pistas. As manchas brancas na figura representam estas

concentrações loucas de impossibilidades magnéticas. Elas eram tão malucas que o medidor não conseguia mais exibir os valores - eles estavam fora da escala! Muito confuso. No local de pesquisa “Área P2”, novas anomalias elétricas brotaram e abaixo das linhas em ziguezague. Embora o arqueólogo Dr. Reindel tenha proibido quaisquer medições na “montanha fatiada”, a equipe interdisciplinar conseguiu obter a leitura de pelo menos dois pontos. Próximo da linha em ziguezague, exatamente na extremidade do lado sul-oeste, foram descobertas anomalias elétricas que combinavam perfeitamente com a própria linha em ziguezague. Verdade? Nada especial em Nazca? Apenas um punhado de rotas de procissão?

A pista que se assemelha a uma pista de pouso no topo da “montanha fatiada” não cobre o platô inteiro. Em ambos os lados dela há bordas que são interceptadas em inúmeros locais por linhas em ziguezague. Os cantos destas linhas encontram-se onde o solo foi rompido. Há também sulcos de entulho, que foram causados pelas raras, mas pesadas chuvas. Logicamente, a chuva precisa ter corrido diretamente sobre as linhas em ziguezague, para criar o rio junto à borda do platô, levando o entulho com ela. As imagens mostram isso claramente. Por que - pela graça do santo Atahualpa! - as linhas em ziguezague não foram varridas também?

Os canais de erosão que correm das bordas do platô para as profundezas têm mais de um metro de largura. É preciso que tenha chovido gatos, cachorros e elefantes! Nesta “montanha fatiada”, com sua pista e linhas em ziguezague, onde a água era coletada antes de despencar para o vale abaixo, não deveria haver nada para se ver exceto detritos de erosão. As figuras demonstram o oposto. E mais: a equipe foi capaz de medir anomalias magnéticas claras como cristal aí também. No final (ou será que é o começo?) da pista, uma pequena construção retangular foi descoberta, com cerca de 2 metros de largura e um pouco mais de 3 metros de comprimento. Na época da descoberta arqueológica, as paredes remanescentes tinham cerca de 92 centímetros de altura. Segundo o pensamento ligado a cultos, este poderia ter sido apenas um local sagrado; um lugar aonde os peregrinos chegassem ou onde os sacerdotes realizassem cerimônias. Por que ninguém fez a pergunta: QUE TIPO DE CERIMÔNIAS? E a pergunta adicional: POR QUE, DE TODOS OS LUGARES, AQUI NO COMEÇO (OU FIM?) DA PISTA? O que há de tão interessante aqui, que eles precisavam ou queriam observar?

Não são Bem o que Parecem

Enquanto estou nisso, gostaria de esclarecer outra peça sem sentido que você pode

ler em toda a literatura científica - a saber, que teria sido bem simples construir as linhas e pistas. Fato é que, eles afirmam, o sol esteve batendo sobre este deserto por centenas de milhares de anos e, portanto, a superfície é de um marrom mais escuro do que a camada subjacente. Tudo o que você precisa fazer é jogar fora algumas pedras ou um pouco de areia e - pronto! - a camada mais leve aparece. Há, de fato, certos lugares onde isso funciona. Eu mesmo experimentei fazer isso. Mas, em outros locais, é simplesmente inconcebível. Se a “montanha fatiada” tivesse surgido por um simples processo de retirada da camada superficial, então a linha em ziguezague, que corre ABAIXO da pista, precisa também ter sido varrida. As cristas de fronteira, que correm de cada lado da pista teriam de ter a mesma cor. Mas isso não acontece. Continua pensando que elas são rotas de procissão? Tanto em, quanto ao redor de Nazca, as coisas não são tão naturais quanto deveriam ser, ou como a fala mansa dos cientistas quer nos fazer acreditar. Você se lembra que eu também coloquei a questão quanto à idade das pistas no “Pampa San Ignacio” (Área P5). Este é um local onde duas pistas correm uma para a outra e se sobrepõem em uma das extremidades. A equipe de pesquisa foi capaz de confirmar que a pista que aparece à esquerda da fotografia da página 225 é muito mais antiga do que aquela da direita.

Este resultado apenas nos diz que uma é mais velha do que a outra e não qual a idade que realmente elas têm. Contudo, todo o Culto de Nazca - ou talvez devamos dizer culto de carga (= culto de imitação) - precisa ser muito mais velho do que os arqueólogos dizem. Por quê? Porque muitas das pistas e linhas sobre a superfície praticamente não são mais discerníveis, mas encontram-se sob a superfície de cascalho. Nada incomum em Nazca? E os elementos químicos? Como esperado, a equipe de pesquisa encontrou todos os componentes comuns. Mas, quando chegou ao arsênico, o mostrador saiu da escala. A concentração de arsênico em alguns locais de medição estava entre 10 e 17 vezes mais elevada do que deveria ser. A coisa é extremamente venenosa! Por que alguém iria querer usar arsênico? Hoje, ele é empregado em ligas de chumbo para melhorar sua consistência. Também é usado em eletrônica e tecnologia de semicondutores, onde, na forma de arsenieto de gálio, desempenha um importante papel na manufatura de componentes de alta frequência, tais como circuitos integrados e wafers de computador. Há arsênico também nos diodos de luz e de laser.

As concentrações de arsênico nos pontos de medição foram claramente muito elevadas. Não se ajustava às médias gerais dos outros elementos na área de Nazca/Palpa. A geóloga Dra. Kerstin Hartsch também notou algo mais interessante. Diretamente na PANAMERICANA - a autopista que vai de Lima até o Chile e cruza exatamente o platô de

Nazca - entre as massas marrons de cascalho, pode se ver uma série de camadas mais claras. Elas são particularmente aparentes em Sacramento e atrás da pequena escola de Ilipata. O que são? Durante minha primeira visita a Nazca, arranhei a substância branca, que me lembra sal, usando uma faquinha de bolso e levei-a ao meu hotel, onde tentei dissolvê-la tanto em água quente quanto fria. Não dissolve. Os cientistas fizeram uma análise, revelando que ela consiste de 70% de material amorfo, sem qualquer traço de argila. Uma análise posterior, com microscópio eletrônico, revelou estruturas semelhantes a vidro, de um tipo que somente ocorre quando a matéria crua é rapidamente esfriada de uma temperatura extremamente alta. Como isso é possível? Não há mistérios em Nazca? A equipe peruano-alemã finalmente reuniu todos os seus achados em um relatório científico, que chegou às seguintes conclusões:

1. Os resultados das medições magnéticas mostraram uma clara diferença entre as linhas e pistas e a área circundante.
2. As medidas geoeletricas revelaram claras anomalias do topo até 2 metros abaixo dos geoglifos.
3. O ambiente geológico de Nazca/Palpa é caracterizado por depósitos localizados invulgarmente elevados de arsênico.
4. Um material branco foi descoberto próximo a certos seixos, que consistia principalmente de vidro. A origem deste material não pode ser explicada.

Como é simples e descomplicado o mundo do ponto de vista arqueológico! Nada misterioso? Nada inexplicável? Milhares de anos atrás, os habitantes da área construíram imensas rotas de procissão para honrar seus deuses. Legal! Não tenho nada contra essa teoria. Rotas de procissão existiam! Mas - e este é um grande “mas” - o melhor das pistas de Nazca e Palpa começa e termina no meio do nada. Onde estão as trilhas que levariam até lá no alto, até essas rotas de procissão? Será que a fé os fazia voar até lá? Dificilmente. Como a rota de procissão consegue correr, reta como uma flecha, até lá em cima na montanha? E que tipo de deuses eles veneravam? Para que tipo de deuses você escava símbolos no chão, que - com apenas algumas exceções! - só podem ser vistos do ar? Dá para capturar o quadro agora?

Aqueles que não estão acostumados com a antiga literatura indiana, na qual vários

tipos de veículos voadores - conhecidos como VIMANAS - são descritos, aqueles que não sabem nada sobre a carruagem voadora do Rei Salomão, aqueles que não têm qualquer idéia dos foguetes lançadores descritos por Ezequiel, aqueles que nunca ouviram falar das “pérolas no céu” tibetano ou das “barcas dos deuses” egípcias, devem esperar para fazer qualquer julgamento final sobre Nazca. Ninguém deve fazer julgamentos finais sobre um lugar maravilhoso e misterioso como Nazca. Cedo ou tarde eles serão todos revelados. Finalmente, apenas para malhar um pouco mais aqueles que ainda não estão apaziguados: nunca escrevi em meus livros que os alienígenas construíram as “pistas de pouso” em Nazca, ou que o local é uma espécie de “espaçoporto”!

“AQUELES QUE NÃO CONSEGUEM ATACAR O PENSAMENTO, ATACAM O PENSADOR.” (PAULVALERY, 1871-1945)

PÓSFACIO

PREZADOS LEITORES

Para terminar, gostaria de falar-lhes sobre Arqueologia, Astronáutica & Associação de Pesquisa SETI (ou AAS, para encurtar). Estamos procurando novas respostas, pois as antigas apenas não servem mais.

Nosso objetivo é encontrar evidência reconhecível da existência de uma visita à Terra por seres extraterrestres, em algum tempo durante os primórdios da história do homem. Queremos fazer isso dentro da estrutura dos métodos científicos estabelecidos, mas sem nos deixarmos ser intimidados ou limitados pelos dogmas ou paradigmas existentes.

A cada dois meses, publicamos a revista LEGENDARY TIMES, que é enviada a todos os membros da AAS. Também organizamos encontros e conferências nacionais e internacionais, bem como viagens de estudo a locais arqueológicos interessantes.

Nossa subscrição está por volta de 40 dólares (isso foi escrito em 2009). Nossa adesão inclui cientistas renomados, bem como pessoas leigas de todos os tipos de profissão. Ficaria feliz em fornecer-lhes mais informações. Escrevam para o seguinte endereço:

A.A.S. R.A.

P.O. Box 6400

Oceanside, CA 92052600

USA

Fax: ++ 1 (760) 941.91.50

E-mail: help@legendarytimes.com

www.legendarytimes.com

SOBRE O AUTOR

Mundialmente conhecido pelo livro *Eram Os Deus Astronautas?* que expõe a teoria de que os deuses eram extraterrestres, Erich von Däniken traz, em *A História Está Errada*, novas descobertas e revelações, demonstrando que a verdadeira História da humanidade é muito diferente da que conhecemos.

As obras de Däniken influenciaram dezenas de filmes, livros e, recentemente, um documentário do History Channel.

Em *A História Está Errada*, Däniken encontra paralelos estarrecedores entre livros misteriosos, como o manuscrito Voynich, que não foi decodificado até hoje, e o Livro de Enoch, tão antigo quanto a Bíblia, que trata do cruzamento entre mulheres humanas e “anjos”.

A História Está Errada é um livro fascinante, que instiga o leitor a fazer uma viagem ao desconhecido e refletir sobre questões que mudam o nosso modo de perceber o mundo.